



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Instituto de Letras

Gisele Oliveira de Abreu

**“Literatura boa é a que eu gosto; ruim a que eu não gosto”:  
fóruns de discussão literária da rede social *Orkut* e a Teoria da  
Valoração – uma Análise Crítica**

Rio de Janeiro

2011

Gisele Oliveira de Abreu

**“Literatura boa é a que eu gosto; ruim a que eu não gosto”:  
fóruns de discussão literária da rede social *Orkut* e a Teoria da Valoração –  
uma Análise Crítica**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Anna Elizabeth Balocco

Rio de Janeiro

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

A162	<p>Abreu, Gisele Oliveira de “Literatura boa é a que eu gosto; ruim a que eu não gosto”: fóruns de discussão literária da rede social <i>Orkut</i> e a Teoria da valoração: uma análise crítica / Gisele Oliveira de Abreu. - 2011. 154 f.: il.</p> <p>Orientadora: Anna Elizabeth Balocco. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.</p> <p>1. Linguística – Teses. 2. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 3. Análise crítica do discurso – Teses. 4. Valores sociais – Teses. 5. Grupos de discussão pela Internet – Teses. 6. Orkut (Rede social on-line) – Teses. 7. Literatura – História e crítica – Teses. I. Balocco, Anna Elizabeth.. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.</p> <p>CDU 801</p>
------	--

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Gisele Oliveira de Abreu

**“Literatura boa é a que eu gosto; ruim a que eu não gosto”:  
fóruns de discussão literária da rede social *Orkut* e a Teoria da Valoração –  
uma Análise Crítica**

Dissertação apresentada, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovado em 18 de abril de 2011.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Anna Elizabeth Balocco (Orientadora)  
Instituto de Letras da UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Inês Kayón Miller  
Pontifícia Universidade Católica - Rio de Janeiro

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Alice Gonçalves Antunes  
Instituto de Letras da UERJ

Rio de Janeiro

2011

## DEDICATÓRIA

Ao senhor Geraldo de Oliveira, o avó querido que tanto reclamava da minha letra, que se sentava ao meu lado com cadernos de caligrafia e que me acompanhou até a metade dessa jornada. Ficou muito feliz ao saber que o computador pouparia o mundo de ter que entender meus rabiscos tortos. Ficou muito surpreso ao saber que sua neta entrou para a Faculdade de Letras da UERJ, mesmo com aqueles garranchos. Sentiu muito orgulho quando ela ingressou no Mestrado em Linguística, da UERJ. Ficaria feliz ao saber do fim desta dissertação.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sempre me apoiaram e me incentivaram a estudar, mesmo quando eu chorava para não ir à escola. Obrigada por não atenderem aos meus gritos, choros e pirraças e por me ensinarem que a coisa mais fina do mundo é o estudo, teoria que tento passar adiante a cada aula que ministro.

À minha mãe, Maria das Graças Oliveira de Abreu, que me iniciou no mundo das letras com o livro “Brinquedos Falantes”, de Gilda Figueiredo Padilla, e com tantos outros, me transformando em uma viciada em livros.

Ao meu pai, João Matos de Abreu, que com seu jeito descontraído sempre me deu conselhos profundos em palavras simples, me ensinando de um jeito peculiar a perceber a utilidade no que todos acham que é fútil.

Ao meu companheiro de dez anos, Vinícius Sales Torres, que acredita em mim, me incentiva, me ajuda e que não me deixa desistir. Aquele que não me abandona, que me ama e a quem eu amo além.

Aos meus avós, sogros, tios, primos, cunhados, mulheres, sobrinhos, afilhado, enfim, minha família. Dizem que família a gente não escolhe, mas se eu pudesse escolheria vocês, cada um de vocês, com todos os seus defeitos, qualidades, implicâncias, caras e bocas. Vocês não são normais. São especiais, muito especiais.

À Anna Elizabeth Balocco, minha orientadora, pela dedicação, paciência e suporte, me guiando pelos tortuosos caminhos que levaram à conclusão dessa dissertação.

À Gisele de Carvalho e Tânia Shepherd, professoras que me inspiraram e me fizeram perceber como o corpus que eu tinha em mãos poderia ser produtivo.

À Professora Doutora Iza Quelhas, que me iniciou no mundo da ciência. Uma das responsáveis pelos rumos que tomei.

Aos professores Inês Kayón Miller, Maria Alice Gonaçalves Antunes e David Shepherd por comporem a banca examinadora desta dissertação.

Ao Professor Doutor Eduardo Kenedy por ter me ensinado o que é linguística e por ter despertado minha paixão pela ciência da linguagem.

À UERJ FFP por ter me proporcionado quatro anos de ensino extremamente produtivos, com profissionais muito competentes e dedicados em todas as áreas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ e aos profissionais de excelência que fazem dele o programa sério que é.

Em um fórum onde somos todos adultos e sem nenhuma pretensão de que isto vire uma tese, acredito que vale mais a tua própria opinião.

*Rodrigo Leão, internauta e leitor.*

## RESUMO

ABREU, Gisele Oliveira de. “*Literatura boa é que eu gosto; ruim a que eu não gosto*”: fóruns de discussão literária da rede social ORKUT e a Teoria da Valoração – uma análise crítica. 2011.154f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Esta dissertação se insere nos estudos de Linguística e é vinculada à Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1989, 2003) e à Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1970, 1973), investigando o que é a qualidade literária para os internautas que interagem em fóruns de discussão do *Orkut*, à luz da Teoria da Valoração (MARTIN ; WHITE, 2005). De acordo com as categorias que abrangem o subsistema da Atitude da Teoria da Valoração (MARTIN ; WHITE, 2005), analisa-se como os leitores internautas se posicionam sobre a questão da qualidade literária e a ideologia que perpassa seus discursos. O conceito de ideologia adotado é o proposto por Thompson (2009), para quem o conceito deve ser compreendido a partir da noção de hegemonia e poder, ou seja, a ideologia necessariamente estabelece e sustenta relações de dominação, reproduzindo a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes. O corpus desta pesquisa é composto de três amostras colhidas entre 15/07/2009 e 05/01/2010 correspondentes a uma discussão iniciada em comunidade relacionada a assuntos literários. A AMOSTRA 1 refere-se ao tópico “Leitura difícil é sinal de qualidade?”, da comunidade *Literatura*; a AMOSTRA 2, se refere ao tópico “Qualidade do texto literário”, da comunidade *Discutindo... literatura* e, por fim, a AMOSTRA 3 representa o tópico “O que é um ‘bom’ texto literário para você”, também da comunidade *Literatura*. Cada discussão possui congruências e divergências quanto às representações sobre literatura e essas foram também analisadas. Não obstante, o que nos interessa é perceber como as ideologias perpassam seus discursos de acordo com os valores que os internautas atribuem a aspectos do texto literário. Foram escolhidos fóruns de discussão online do *Orkut* porque as interações em redes sociais constituem elemento novo das práticas sociais e, portanto, relevantes pontos de apoio para a investigação da criação de sentidos sobre o conceito de boa literatura. Investigar como a literatura, objeto de estudo acadêmico, é analisada em tais espaços cibernéticos é instigante, por não ser usual. Os resultados obtidos nessa pesquisa sugerem que o internauta reproduz o discurso acadêmico hegemônico acerca da qualidade literária ao debater a qualidade intrínseca do texto literário com a ressalva de manifestar seu contentamento ou descontentamento acerca de determinados textos literários e escritores, dado novo que revela uma característica deste espaço não institucional de discussão, em que os internautas se sentem à vontade para manifestar sua opinião.

Palavras-chave: Linguística. Análise Crítica do Discurso. Linguística Sistêmico-Funcional. Teoria da Valoração. Orkut. Literatura.



## ABSTRACT

This dissertation, in the area of Linguistics, is developed within the theoretical frameworks of Critical Discourses Analysis (FAIRCLOUGH: 1989; 2003) AND Systemic Functional Linguistics (HALLIDAY, 1970;1973) and investigates representations about literary quality expressed by internet users that interact in discussion forums on *Orkut*. Adopting analytical categories within the subsystem of Attitude, from Appraisal Theory (MARTIN ; WHITE, 2005), we examine how readers express their ideas on, or representations about, the concept of literary quality and investigate the ideology behind such representations. The concept of ideology in this research is from Thompson (2009), who argues that it must be understood in association with the notions of hegemony and power, ie, ideology necessarily establishes and maintains relationships of domination, by reproducing a social order that favors individuals and dominant groups. The corpus of this research is made up of three samples collected between 07.15.2009 and 01.05.2010 corresponding to a discussion started in a community organized around discussions of literature. . SAMPLE 1 introduces the topic “Leitura difícil é sinal de qualidade?” from the community *Literature*; SAMPLE 2 takes, as a starting point, the topic “Qualidade do texto literário”, from the community *Discutindo... literatura*, and, finally, SAMPLE 3 introduces the topic “O que é um 'bom' texto literário para você”, from the community *Literatura*. Each sample has consistencies and differences in the representations expressed by the participants and these were analyzed. Our focus is on how ideologies permeate participants’ discourses, according to the values they assign to aspects of the literary text. Online discussion forums on *Orkut* were chosen because the interactions in social networks represent a new element of social practices and therefore are considered relevant sites of investigation. Probing into how literature, the object of academic study, is discussed in cyber space is justified on the grounds that there are hardly any studies of how literature is represented outside institutional spaces. Results obtained in this study suggest that internet users articulate hegemonic academic discourse in their discussions of literature, but they also express specific attitudes towards particular texts and writers (codified as feelings of pleasure or displeasure in discussions of reading practices). These results suggest that in online discussions of literature readers feel free to express their personal reactions to text, given the characteristics of this discussion forum.

Key words: Linguistics. Critical Discourses Analysis. Systemic Functional Linguistics. Appraisal Theory. Orkut and Literature.

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Dados demográficos.....	49
Figura 2: Descrição do Orkut.....	49
Figura 3: Dados demográficos.....	50
Figura 4: Perfil do usuário.....	51

## LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro 1 - Descrição do corpus.....	56
Quadro 2 - Resumo dos dados amostrais.....	59
Gráfico 1 - Dados gerais do subsistema da atitude no corpus.....	61
Quadro 3 - Polaridades da atitude no corpus.....	62
Gráfico 2 - Polaridade da atitude no corpus.....	62
Quadro 4 - Ocorrências de apreciação no corpus.....	63
Quadro 5 - Ocorrências de julgamento no corpus.....	64
Quadro 6 - Ocorrências de afeto no corpus.....	65
Gráfico 3 - Amostra 1: leitura difícil é sinal de qualidade?.....	68
Gráfico 4 - Polaridade da atitude na amostra 1.....	69
Quadro 7 - Consolidação da categoria de apreciação na amostra 1.....	71
Quadro 8 - Consolidação da categoria de afeto na amostra 1.....	73
Quadro 9 - Consolidação da categoria de julgamento na amostra 1.....	74
Gráfico 5 - Amostra 2: qualidade do texto literário.....	80
Gráfico 6 - Polaridade da atitude na amostra 2.....	80
Quadro 10 - Consolidação da categoria de apreciação na amostra 2.....	83
Quadro 11-Consolidação da categoria de afeto na amostra 2.....	85
Gráfico 7 - Amostra 3: polêmica literatura “boa” x “ruim”.....	89
Gráfico 8 - Polaridade da atitude na amostra 3.....	90
Quadro 12 - Consolidação da categoria de apreciação na amostra 3.....	91
Quadro 13 - Consolidação da categoria de afeto na amostra 3.....	93
Quadro 14 - Consolidação da categoria de Julgamento na Amostra 3.....	94

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
<b>1. CAPÍTULO 2 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....</b>	<b>21</b>
1.1 – Abordagens funcionais nos estudos da linguagem .....	21
1.2 - A Análise Crítica do Discurso: Ideologia, hegemonia e poder .....	22
1.3 - A linguística sistêmico-funcional (LSF): origens .....	28
1.4 - A Linguística Sistêmico-Funcional e a Metafunção Interpessoal .....	30
1.5 - A Teoria da Valoração .....	31
1.5.1 – <u>Os subsistemas da Teoria da Valoração</u> .....	33
1.5.2 – <u>O subsistema da Atitude</u> .....	35
1.5.2.1 – Afeto .....	35
1.5.2.2 – Julgamento .....	38
1.5.2.3 – Apreciação .....	39
1.6 – <b>Conclusão</b> .....	41
<b>2. CAPÍTULO 3 – OS GÊNEROS TEXTUAIS E AS REDES SOCIAIS ELETRÔNICAS .....</b>	<b>42</b>
2.1 – Breve histórico sobre o estudo dos Gêneros Textuais .....	42
2.2 – O Gênero textual consoante a Análise Crítica do Discurso .....	44
2.3 – Os Gêneros eletrônicos e as Redes Sociais cibernéticas .....	46
2.4 – O <i>Orkut</i> .....	48
2.4.1 – <u>Dados estatísticos</u> .....	48
2.4.2 – <u>Características Gerais</u> .....	50
2.5 – <b>Conclusão</b> .....	52
<b>3. CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA .....</b>	<b>54</b>
3.1 - O recorte: Os fóruns de discussão do Orkut .....	54
3.2 - Critérios de constituição do corpus .....	55
3.3 - Descrição do corpus .....	56
3.4 – Tratamento conferido aos dados .....	57
3.5 – <b>Conclusão</b> .....	58
<b>4. CAPÍTULO 5 - “BOA É A QUE EU GOSTO; RUIM A QUE EU NÃO GOSTO” – A TEORIA DA VALORAÇÃO E A QUALIDADE LITERÁRIA .....</b>	<b>59</b>
4.1 – “Êita livro difícil.” – A reação do leitor quanto à qualidade de um texto desafiador .....	66

4.2 - "Em um fórum onde somos todos adultos e sem nenhuma pretensão DE que isto vire uma tese, acredito que vale mais a tua própria opinião." – Qualidade literária pelo viés da Apreciação e do Afeto .....	79
4.3 – Há dois tipos de literatura: “Boa é a que eu gosto, ruim é a que eu não gosto”. .....	88
4.4 – Conclusão .....	95
5. CAPÍTULO 6 – PARA VOCÊ, O QUE É QUALIDADE LITERÁRIA? .....	105
5.1 – A pesquisa e seus rumos .....	105
5.2 – Limitações e futuros desdobramentos da pesquisa .....	109
5.3 – Considerações finais .....	110
REFERÊNCIAS .....	112
ANEXOS .....	116

## INTRODUÇÃO

O que faz de determinada obra literária um *clássico* ou “*lixeratura*”? Os conceitos que definem o que é a qualidade literária são transitórios e, principalmente, ideológicos. Como tais ideologias, e relações de poder, perpassam os discursos dos leitores que interagem no *ciberespaço*? Essa foi a pergunta que impulsionou a presente dissertação.

Os gostos emitidos pelos leitores acerca de obras literárias, embora particulares, são sócio-historicamente definidos e influenciados por uma concepção de literatura de determinado grupo social, ou seja, corroboram certa ideologia. Classificar, então, o que é ou não (boa ou má) literatura constitui sempre um ato, simultaneamente, ideológico, valorativo e referente, muitas vezes, à manutenção de estruturas de poder. Segundo EAGLETON (2006:24):

Se não é possível ver a literatura como uma categoria “objetiva”, descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de literatura. Isso porque não há nada de caprichoso nesses tipos de juízos de valor: eles têm suas raízes em estruturas mais profundas de crenças, tão evidentes e inabaláveis quanto o Empire State. Portanto, o que descobrimos até agora não é apenas que a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estrita relação com as ideologias sociais. Eles se referem, em última análise, não apenas ao gosto particular, mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm seu poder sobre os outros.

Para desenvolver este estudo, que acata a proposição de Eagleton (2006) quanto ao caráter ideológico dos julgamentos de valor na área da literatura, buscam-se subsídios na Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), que dá ênfase à natureza ideológica da linguagem, ou da linguagem como uma prática social (FAIRCLOUGH, 2001).

A linguagem possui um caráter ideológico. Manifestam-se nossos gostos, interesses e julgamentos a partir dela. O léxico que se utiliza reflete o que se sente, como se aprecia ou o julgamento sobre algo. Ao dissertar sobre literatura, a seleção vocabular revela nossas reações sobre algo, como aquilo nos atinge. Esse é um dos pontos a serem aqui considerados, de acordo com os preceitos da ACD e da Língua Sistemática-Funcional (doravante LSF), a abordagem de análise linguística que dá suporte à ACD.

## Justificativa / Relevância

Há vários espaços de discussão sobre literatura: escolas, universidades, clubes do livro etc. para citar alguns espaços “físicos”. Na Internet, os espaços também são bastante variados, com o diferencial de que pessoas dos mais variados lugares com os mais diversos objetivos, das mais diversificadas idades conseguem virtualmente se reunir com o mesmo objetivo.

Há, portanto, espaços “institucionais” de discussão literária, como Universidades, revistas literárias, sites especializados, dentre outros, em que pessoas, de diversas maneiras autorizadas para tanto, refletem sobre literatura, e espaços “não-institucionais”, como os clubes de leitura ou as discussões na rede realizadas em blogs, sites de relacionamentos etc.. Essas últimas têm por característica a interação de toda sorte de participantes, sejam eles especialistas ou não.

A Internet é, assim, um novo espaço de práticas sociais e os meios pelos quais estas são promovidas são muitos. Há discussões sobre literatura e outros temas variados em fóruns de discussão, em blogs, em sites especializados, por trocas de e-mail dentre outros.

Importa, ainda, distinguir espaços cibernéticos de discussão institucionais (como aqueles em blogs mantidos por jornalistas responsáveis por colunas literárias), organizados por profissionais que conduzem as reflexões e o conteúdo em discussão e outros de caráter não-institucional (como as discussões mantidas por internautas no Orkut, objeto dessa pesquisa).

Nesse âmbito, as redes sociais vêm ganhando crescente popularidade em vários países. Tais redes constituem espaços cibernéticos para a produção de textos sobre temas diversos, inclusive literatura. No Brasil, a de maior sucesso entre pessoas de todas as idades é o site de relacionamentos *Orkut*.

Nessa rede social, os participantes podem editar seu perfil e associar-se a diferentes grupos de interesse divididos em numerosas categorias – as *Comunidades*. Para participar de uma comunidade no *Orkut*, o internauta deve se inscrever. Em algumas, o dono da comunidade ou seus mediadores devem aprovar ou recusar o pedido de participação. Todavia, a maioria das comunidades genéricas sobre literatura e leitura é aberta, ou seja, não exige aprovação mediada.

Ressalta-se, todavia, que, muitas vezes, pessoas se inscrevem em determinada comunidade para que ela atue como um “cartão de visitas”, ou seja, para que ela apareça em seu perfil demonstrando certo gosto ou particularidade do internauta que é compartilhada por outros usuários. Como não é exigida participação ativa nos foros, não há, necessariamente, relação entre as participações e o número de inscritos em uma comunidade.

A escolha do site de relacionamentos *Orkut* em detrimento das demais alternativas se deu por este ser um espaço extremamente abrangente, em que as pessoas interagem por motivos totalmente diversos. Um indivíduo pode, por exemplo, acessá-lo apenas com o objetivo imediato de mandar uma mensagem a um colega e, de repente, se vê envolvido em discussões que jamais imaginou, das mais diversas naturezas. Devido a tal espontaneidade interativa, considera-se válido eleger o *Orkut* nossa ferramenta de estudo em detrimento das demais opções.

A escolha de tal suporte deve-se, pois, primeiramente, à participação espontânea dos leitores ao discutir literatura. O *Orkut* é um espaço cibernético aberto a discussões de diferentes naturezas. Portanto, o internauta não acessa o espaço com uma finalidade específica de discussão e /ou interação. Observa-se ainda que tal suporte é relevante aos estudos linguísticos devido a variedade de gêneros textuais que apresenta, constituindo, pois, um espaço de práticas sociais e discursivas relevantes.

A navegação por esta rede social nos fez observar que havia inúmeras comunidades virtuais dedicadas à discussão literária. Ao ler os comentários realizados pelos leitores que discutem literatura na Internet, percebeu-se que havia posicionamentos extremados, como de “amor” e “ódio” por determinados autores e / ou obras literárias, assim como se notou que os internautas sempre tentavam definir o que é literatura de qualidade ou em que consiste a qualidade literária.

Nosso primeiro contato com o *Orkut* como objeto de estudo ocorreu em 2007, em pesquisa de Iniciação Científica. Naquele momento, era desenvolvido um projeto sobre os Modos de ler, cuja área de concentração era a de Teoria Literária. Uma limitação de saúde prejudicou entrevistas face a face e, por isso, surgiu a ideia de que a pesquisa continuasse sendo desenvolvida com leitores que interagem em ambiente virtual. O *Orkut* foi o ambiente escolhido.



A partir do contato com os internautas que participavam dos fóruns de discussão literários do *Orkut*, notou-se, mesmo que de modo intuitivo, que os internautas pautavam seus comentários de modo a corroborar certa ideologia. A partir dessa observação preliminar, decidiu-se que esse poderia ser um estudo produtivo a ser desenvolvido no Mestrado em Linguística, a partir dos preceitos da Análise Crítica do Discurso.

Diante de tais declarações, observar-se-á, nesta pesquisa, como as concepções acerca da qualidade literária são formadas discursivamente por leitores internautas. Para tanto, utilizar-se-ão conceitos oriundos da Análise Crítica do Discurso e da Linguística Sistêmico-Funcional, tais quais propostos por Norman Fairclough (1989, 2003) e Michael Halliday (1970; 1973), e consoante a perspectiva da Teoria da Valoração (MARTIN ; WHITE, 2005), para o estudo da forma como os leitores internautas se posicionam em relação à literatura (mediante as categorias de Afeto, Apreciação e Julgamento daquele quadro teórico).

Tal pesquisa é relevante por mapear quais são as idéias e qual a ideologia que perpassa a concepção de literatura de qualidade e como esta vem sendo contestada. A Internet vem se firmando como um novo espaço de interações sociais e, portanto, há, ainda, muito a ser estudado. Todavia, por abrigar as mais diversas pessoas, de diferentes lugares, idades, culturas, mas com um interesse comum (a literatura), torna-se um meio válido de investigação. Corroborando tal escolha, existe o fato de haver poucas pesquisas acerca das interações virtuais em sites de relacionamentos, embora o *Orkut* seja o site mais acessado no Brasil, atualmente<sup>1</sup>.

Ao analisar os elementos linguísticos através dos quais os leitores se posicionam em relação à questão da qualidade literária presentes em fóruns eletrônicos do *Orkut*, acredita-se, também, contribuir com as recentes investigações dispostas a apresentar tal gênero textual cibernético. Além disso, são importantes os estudos críticos que tem por objetivo mapear a ideologia nos discursos e seus contra-discursos, ou seja, os que confrontam a concepção hegemônica.

Compreende-se que para muitos pesquisadores, a rede é uma forma de democratização do saber; para outros, como Bauman (2001), por exemplo, trata-se de “comunidades frágeis e transitórias” que, na verdade, são regidas pelo fenômeno mais abrangente da individualização na contemporaneidade. O autor, que tem uma

---

<sup>1</sup> Fonte: INGLEZ, Karin Gutz. *Conectores de causa e condição em foros de discussão na Internet*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2007

visão mais crítica, argumenta que há um esvaziamento do público e uma inflação do privado na contemporaneidade.

Em nossa visão, a rede contribui para a disseminação de saberes segmentados, produzindo o que se denomina de “Geração Google”<sup>2</sup>. Sem nunca ter lido um livro de Sartre, por exemplo, inúmeras citações do autor são “recortadas” e “coladas” na internet, lidas e copiadas por inúmeras pessoas que, por isso, passam a se denominar existencialistas. Não há investimento em conhecimento, mas sim em fragmentos dele, o que leva a um entendimento global de “quase tudo” sem ter reflexão real sobre “quase nada”.

Não se pode negar, no entanto, que o incremento cibernético criou novas formas de interação. A comunicação cibernética permite discussões variadas com as mais diferentes pessoas. E as peculiaridades de tais interações são novas e de relevância para os estudos da linguagem. Considerem-se, portanto, que as interações cibernéticas constituem práticas discursivas relevantes para os estudos linguísticos recentes

### **Objetivos e questões de pesquisa**

Esta pesquisa pretende, destarte, responder a seguinte pergunta: qual é o conceito de literatura de qualidade que perpassa os discursos dos leitores internautas? Através de que elementos linguísticos eles se posicionam em relação a obras literárias, escritores ou literatura, de modo mais geral? De que forma estas marcas linguísticas os alinham a determinado discurso, ou formação discursiva, entendida como uma configuração de sentidos organizados em torno de determinada perspectiva sobre a literatura?

Se assumirmos que ideologias são entendidas como construções da realidade, realizadas nas várias dimensões das práticas discursivas, contribuindo para a produção, reprodução ou transformação das relações de dominação, tais redes sociais, como o *Orkut*, também contribuem para a perpetuação de preconceitos acerca do que é a literatura, estabelecendo parâmetros do que seria qualidade literária a apenas algumas obras e a alguns autores, deixando outros de

---

<sup>2</sup> <http://palazzo.pro.br/cronicas/028.htm>

lado. Para tanto, este objetivo geral desdobra-se nos seguintes objetivos específicos:

- a) Apresentar o gênero textual *fórum de discussão* (Marcuschi, 2005), assim como a rede social *Orkut*, sob uma perspectiva discursivo-semiótica (Kress, 1989);
- b) Mapear as diferentes concepções de boa (ou má) literatura, de acordo com os depoimentos dos leitores que interagem em comunidades do site *Orkut*;
- c) Identificar os marcadores discursivos da ideologia, a partir da Teoria da Valoração (MARTIN ; WHITE, 2005), com ênfase nos aspectos do *Afeto* e *Apreciação* quanto à obra literária, ao escritor ou à literatura, de modo mais geral.

### **Organização da dissertação**

Neste capítulo, apresentou-se o tema desta pesquisa, algumas considerações sobre sua relevância para a área de Letras, a par dos seus objetivos e das questões de pesquisa que nortearam o desenvolvimento deste estudo. A partir do já exposto sobre o tema motivador dessa pesquisa, apresentaremos a seguir a estrutura desta dissertação. No próximo capítulo abordaremos os pressupostos teóricos norteadores desta pesquisa, destacando-se os conceitos de linguagem como prática social, ideologia e hegemonia na ACD e algumas reflexões sobre a metafunção interpessoal da Linguagem (HALLIDAY, 1989, 1994), responsável pelas trocas linguísticas. A partir dessa reflexão, interessa-nos fazer investigações partindo das considerações da Teoria da Valoração (*appraisal*, MARTIN e WHITE, 2005). Ainda neste capítulo, apresenta-se a Análise Crítica do Discurso, destacando-se os conceitos de linguagem como prática social, ideologia e hegemonia, pertinentes os objetivos desta pesquisa.

O terceiro capítulo busca contextualizar o tema desta pesquisa e apresenta considerações sobre as redes sociais; um breve histórico dos estudos dos gêneros textuais no Ocidente; a concepção de gênero adotada nesta pesquisa e a perspectiva teórica a que se filia; a noção de gêneros eletrônicos e as emergentes redes sociais; e, por fim, a relevância do *Orkut* como suporte textual e a do gênero *fórum de discussão*.

No quarto capítulo, intitulado Metodologia, apresentam-se os critérios de constituição e de delimitação do corpus; uma descrição do corpus final, após os recortes feitos na fase de coleta; e, finalmente, considerações sobre o tratamento conferido aos dados, inclusive as categorias analíticas usadas no desenvolvimento da pesquisa.

No quinto capítulo, apresentam-se os dados levantados nesta pesquisa, a análise e interpretação dos dados extraídos do corpus, de acordo com os preceitos da Teoria da Valoração.

O capítulo seis é dedicado às considerações finais dessa dissertação, assim como às limitações desta e seus futuros desdobramentos.

## **1 CAPÍTULO 2 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Neste capítulo apresentam-se os pressupostos teóricos desta pesquisa, encontrados na Análise Crítica do Discurso, na Linguística Sistêmico-Funcional e na Teoria da Valoração, que surge como um apoio de análise linguística da LSF, mais especificamente no que diz respeito a elementos referentes à metafunção interpessoal.

Para que a Teoria da Valoração seja devidamente entendida, faz-se necessário realizar breves considerações sobre a Análise Crítica do Discurso e sobre a Linguística Sistêmico-Funcional.

A fim de que se compreenda como tais teorias se aplicam ao corpus desta dissertação, exemplos dele serão retirados para que se possam tecer alguns comentários iniciais sobre essas relações.

Este capítulo está organizado da seguinte forma: Inicia-se por breves considerações sobre abordagens formais e abordagens funcionalistas, como forma de situar a linguística sistêmico-funcional no quadro mais amplo das teorias linguísticas. Em seguida, são feitas considerações sobre a ACD, destacando-se elementos pertinentes aos objetivos desta pesquisa, especificamente os conceitos de ideologia e hegemonia. Na próxima seção, introduzem-se os princípios norteadores da LSF, para em seguida abordar-se a metafunção interpessoal, domínio em que se localiza a Teoria da Valoração. A seção seguinte ocupa-se da Teoria da Valoração de Martin & White (2005), apresentando os seus três subsistemas. Na seção que se segue, destaca-se o sistema da Atitude, que proverá as categorias analíticas para o desenvolvimento desta pesquisa.

### **1.1 – Abordagens funcionais nos estudos da linguagem**

Por princípio, se situa esta pesquisa em uma vertente funcionalista, por oposição ao formalismo linguístico. Os estudos funcionalistas estabelecem princípios relacionados ao uso da linguagem, à interface entre as funções sociais e o sistema interno das línguas.

A abordagem funcionalista da linguagem não considera a língua um elemento autônomo, pois os seres humanos utilizam uma língua para interagir socialmente.

De acordo com tal perspectiva, a análise linguística não pode abrir mão da observação de situações reais de comunicação. As origens dessa teoria remetem ao modelo sistêmico-estrutural de Firth, na tradição etnográfica de Boas-Sapir-Worf, no funcionalismo da Escola de Praga, no funcionalismo etnográfico e no contextualismo de Malinowski da década de 20.

Michael Halliday, dentre os estudiosos que defendiam uma perspectiva funcionalista de abordagem gramatical, desenvolveu a gramática sistêmico-funcional, cujo princípio básico defende a noção de que a forma linguística subordina-se a sua função, assim como o de que a organização interna da linguagem se dá em termos de funções por ela desempenhadas na vida social.

Estudos de base sistêmico-funcionais primam, dessa forma, por interessarem-se pelo modo como a língua atua no contexto social e por ocuparem-se da influência desse meio na configuração da língua, tendo como conceito chave a ideia de função, ou seja, de uso, que é uma propriedade fundamental da língua. A gramática se constitui, dentro desta perspectiva, de uma rede de sistemas de contrastes inter-relacionados.

Para Halliday (1973), a relação entre as funções da linguagem e a organização dos sistemas linguísticos é um traço geral da linguagem humana, pois tais sistemas são abertos à vida social. Portanto, é justificado o interesse nos sistemas internos das línguas naturais sob o foco das funções sociais.

Nesta seção, buscou-se situar a LSF no âmbito das abordagens funcionalistas da linguagem. Antes de apresentar a LSF, no entanto, será necessário introduzir algumas considerações mais gerais sobre a natureza da linguagem como discurso e isto será feito mediante a apresentação da ACD, na próxima seção.

## **1.2 - A Análise Crítica do Discurso: Ideologia, hegemonia e poder**

A Análise Crítica do Discurso é uma abordagem transdisciplinar da linguagem na vida social que se situa na interface entre a Ciência Social Crítica (CSC) e a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (RESENDE, 2006:1070). A concepção transdisciplinar da linguagem corrobora abordagens que investigam o uso da linguagem em sociedade, em práticas sociais, pois há uma relação interna e

dialética entre elas. O rompimento das fronteiras entre as disciplinas de conhecimento traz à Lingüística perspectivas teóricas acerca da estrutura e da ação sociais, e propicia para as Ciências Sociais um arcabouço para análise textual. Segundo Van Dijk (2008:113) pode-se definir a ACD como

Um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político.

Portanto, interessa-nos, como analistas críticos do discurso, estudar relações desiguais de poder e hegemonia que perpassam as práticas sociais, assim como as ideologias que perpassam discursos hegemônicos como forma de manutenção das estruturas de poder.

Durante nossos primeiros contatos com o corpus que compõe esta dissertação, notam-se relações assimétricas de poder entre os participantes do fórum de discussão que compõe essa pesquisa, assim como se pode, mesmo que de modo intuitivo, observar que havia uma ideologia hegemônica (no que diz respeito a representações sobre a literatura) e outra que contestava essa. Portanto, concluiu-se que a ACD seria um dos suportes teóricos eficientes a fim de tecer proposições sobre tais relações nas práticas discursivas online sobre a qualidade da literatura.

A ideologia possui diferenciados modos de manifestação. Sempre se propaga ou se é alvo de ideologias diversas. Consoante a proposta de Thompson (2009), cujo postulado acerca da ideologia é básico para a Análise Crítica do Discurso, a ideologia deve ser compreendida como naturalmente hegemônica, ou seja, necessariamente estabelece e sustenta relações de dominação, reproduzindo a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes. Enfim, Thompson (2009:90) propõe “uma concepção de ideologia que enfoca as maneiras como o sentido, construído e transmitido, através de formas simbólicas de vários tipos, serve para estabelecer e sustentar as relações de dominação”. Sobre tal perspectiva, Eagleton (1997:19) completa que

a ideologia tem a ver com *legitimar* o poder de uma classe ou grupo social dominante. ‘Estudar ideologia’, escreve John B. Thompson, ‘é estudar os modos pelos quais o significado (ou a significação) contribui para manter as relações de dominação<sup>3</sup>. Essa é, provavelmente, a única definição e ideologia amplamente

---

<sup>3</sup> John B. Thompson, *Studies in the theory of Ideology*, Cambridge, 1984, p.4.

aceita, e o processo de legitimação pareceria envolver pelo menos seis estratégias diferentes. Um poder dominante pode legitimar-se *promovendo* crenças e valores compatíveis com ele; *naturalizando* e *universalizando* tais crenças de modo a torná-las óbvias e aparentemente inevitáveis; *denegrindo* idéias que possam desafiá-lo; *excluindo* formas rivais de pensamento, mediante talvez alguma lógica não declarada mas sistemática; e *obscurecendo* a realidade social de modo a favorecê-lo. Tal 'mistificação', como é comumente conhecida, com freqüência assume a forma de camuflagem ou repressão dos conflitos sociais, da qual se origina o conceito de ideologia como uma resolução imaginária de contradições reais. Em qualquer formação ideológica genuína, todas as seis estratégias podem estabelecer entre si interações complexas.

Entende-se, portanto, que a ideologia tem formas sutis de aplicação e perpetuação na sociedade. Ela permeia nossos discursos, hábitos, pensamentos e a propaga-se sem, ao menos, nos dar conta de tal fato. De acordo com essa concepção, ela é naturalmente dominante e a partir dela se estabelecem relações de dominação e poder nas práticas sociais. Segundo Thompson (2009:82),

Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas, como observou Max Weber, pelo fato de serem representadas como legítimas, isto é, como justas e dignas de apoio. A representação das relações de dominação como legítimas pode ser vista como uma *exigência de legitimação* que está baseada em certos fundamentos, expressa em certas formas simbólicas, e que pode, em circunstâncias dadas, ser mais ou menos efetiva. Weber distinguiu três tipos de fundamentos sobre os quais as afirmações de legitimação podem estar baseadas: fundamentos racionais (que fazem apelo à legalidade de regras dadas), fundamentos tradicionais (que fazem apelo à sacralidade de condições imemorais) e fundamentos carismáticos (que fazem apelo ao caráter excepcional de uma pessoa individual que exerça autoridade). Exigências baseadas em tais fundamentos podem ser expressas em formas simbólicas através de certas estratégias típicas de construção simbólica. Uma estratégia típica é o que chamamos de *racionalização*, através da qual o produtor de uma forma simbólica constrói uma cadeia de raciocínio que procura defender, ou justificar, um conjunto de relações, ou instituições sociais, e com isso persuadir uma audiência de que isso é digno de apoio.

Nesta pesquisa, observa-se que os leitores internautas adotam principalmente estratégias de legitimação baseadas em argumentos de autoridade, como enunciados em que o locutor faz referência a críticos conhecidos para apoiar sua visão do que considera 'boa literatura'. Como exemplo, cita-se o seguinte fragmento, em que o internauta Rodrigo Leão busca as palavras de especialistas em Teoria Literária a fim de pautar seus comentários e de se fazer respeitar pelos demais internautas:



30/04/06  
Rodrigo Leão  
Questão de crítica...



Quanto mais conheço **de** teoria literária mais estou convencido **de** uma coisa: não há critérios científicos para se definir o caráter literário **de** determinado texto. Pesquisas atualmente estão sendo desenvolvidas que provam justamente isto: não há critérios coerentes na hora **de** se inserir um autor no cânone. Se pegarmos os grandes autores **de** nossa história, ou até do mundo, veremos que todos eles possuem uma classe social elevada. Não havia como pertencer ao cânone se não fosse parte da burguesia mais alta. Confirmando o que diz Aguiar e Silva: "a **literatura** é produto da burguesia feito para a burguesia". E ainda hoje é assim. Não há como negar que obras como as **de** Paulo Coelho são dotadas **de** uma certa repetição, **de** uma recorrência **de** um mesmo tema e do uso **de** um enredo comum às literaturas populares. Porém, não podemos esquecer autores nossos, como José **de** Alencar, que é consagrado e escrevia no mesmo estilo. Ou até pior, já que publicava suas obras em folhetins que alteravam o curso **de** acordo com o agrado ou desagrado dos leitores.

O exemplo acima foi retirado de uma amostra de nosso corpus<sup>4</sup> e nele podemos perceber como o leitor recorre às palavras de autoridades em literatura a fim de amparar sua perspectiva, sua opinião. Tal atitude revela de modo bastante explícito uma forma de dominação hegemônica, ao passo que o leitor recorre à conhecimentos inquestionáveis a fim de se fazer respeitar diante dos demais colegas.

A noção de hegemonia também é importante para os fins desta pesquisa, haja vista que o conceito de ideologia é a esse relacionado. Fairclough (2001:122) estabelece que

Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um 'equilíbrio instável'. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar consentimento.

As relações de poder que se estabelecem nas práticas sociais também são preocupação da ACD e avaliadas nesta pesquisa. Observou-se que alguns internautas colaboravam com a propagação de uma ideologia dominante ao revelar critérios de qualidade literária que mais se baseiam em discursos tradicionais (isso é bom, porque é clássico) ou ainda porque "autoridades" nos estudos de literatura diziam que algo era bom ou não. Como exemplo, expõe-se o seguinte fragmento:



19/12/09  
Violeta

<sup>4</sup> Como será explicado no capítulo dedicado à Metodologia, nosso corpus foi dividido em três amostras, cada uma referente a um tópico de discussão online de uma comunidade virtual da rede social *Orkut*.

### Polêmica, Literatura "Boa" x "Ruim"

Pessoal, o que acreditam quanto a importância da **qualidade** literária? Porfiando o tópico, pois bem, colocarei um pouquinho do que acredito, em seguida podemos **acrescer** a **discussão**. A priori, tenho um certo juízo **de** valor sobre as obras: Gosto dos clássicos, dos grandes novos e daqueles que machucam as cãs, penalizando a **literatura** dita **de** massa (não confundir com popular, como cordel), tendo lido algumas para poder criticá-las devidamente. Entretanto, acredito que o juízo **de** "massa", seja também funcional, uma vez que atende a demanda do público, **de** qualquer maneira são livros-oras... O que vocês acham ?

A internauta Violeta não relata seus motivos para gostar dos clássicos e dos grandes novos, assim como sequer diz o que são os "grandes novos", para ela, não explica como um livro pode "machucar as cãs" e também generaliza seu gosto pelos clássicos, de modo que induz o participante do fórum a pensar que, ou a leitora possui conhecimento de todas as obras clássicas. Sobre tal aspecto, Van Dijk, ao discursar sobre o poder e o controle da mente expõe que

Os receptores tendem a aceitar crenças, conhecimento, e opiniões (salvo se forem inconsistentes com relação a suas crenças e experiências pessoais) através do discurso produzido por aqueles que são considerados fontes autorizadas, confiáveis ou críveis.

Enfim, a leitora transparece que aprecia a literatura autorizada pela academia, pela crítica literária, enfim, pelos responsáveis por determinar o que é bom ou não, literariamente.

A ramificação da ACD elaborada por Norman Fairclough provê base científica crítica para questões sociais da modernidade tardia. Tal questionamento crítico envolve investigação das conexões e causas (inclusive ocultas) em relações assimétricas de poder (FAIRCLOUGH, 2003). Esta abordagem considera a linguagem um elemento de práticas sociais constituído socialmente, constitutivo de identidades, de relações sociais e de sistemas de conhecimento e crença (FAIRCLOUGH, 1995, p. 131). Sobre a concepção de linguagem como prática social, RAMALHO (2006:2003) afirma que:

À compreensão de linguagem como prática social subjaz a concepção de mundo estratificado, sustentada pelo Realismo Crítico (BHASKAR, 1989). Os realistas críticos concebem o mundo, social e natural, e, portanto, a vida social, como um sistema aberto, dividido em três domínios ontológicos – real, atual e empírico–, e constituído por diferentes estratos (físico, químico, biológico, psicológico, econômico, social, semiótico, e outros), dotados de mecanismos, irreduzíveis e interdependentes, cada qual com seus próprios poderes causais, ou seja, poderes de sustentar ou alterar esse sistema aberto.

Portanto, a ACD observa a linguagem como o meio de abranger as práticas sociais, que são “combinações particulares de gêneros, discursos e estilos, que constituem o aspecto discursivo de redes de práticas sociais” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 220). A linguagem como prática social se manifesta em maneiras tipificadas e recorrentes de interação, situadas temporal e espacialmente, que articulam relações sociais, ação e interação, pessoas, mundo material e discurso.

O que nos interessa estudar, como analistas críticos de discurso, é, por isso, a linguagem como prática social, como uma entidade intermediária entre a estrutura social e a ação individual, representante do “ponto de conexão entre estruturas abstratas e seus mecanismos, e eventos concretos – entre ‘sociedade’ e pessoas vivendo suas vidas” (CHOULIARAKI ; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21). Portanto, “discurso” é nesta pesquisa entendido como um momento constituinte e irredutível de práticas sociais. Ele se manifesta, de acordo com tal propósito, de três principais maneiras: como maneiras de (inter-)agir, de representar e de identificar a si, aos outros e a aspectos do mundo. De acordo com FAIRCLOUGH (2001:90-91)

Ao usar o termo ‘discurso’, proponho considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação (...).

Podemos distinguir três aspectos dos efeitos constitutivos do discurso. O discurso contribui, em primeiro lugar, para a construção do que variavelmente é referido como ‘identidades sociais’ e posições do sujeito’ para os ‘sujeitos’ sociais e os tipos de ‘eu’ (...) Segundo, o discurso contribui para construir as relações sociais entre as pessoas. E, terceiro, o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença. Esses três efeitos correspondem respectivamente a três funções da linguagem e a dimensões de sentido que coexistem e interagem em todo discurso.

As pessoas (inter)agem através de gêneros ou “tipos de linguagem ligados a uma atividade social particular”; representam o mundo e seus aspectos por meio de discursos, e identificam-se, identificam os outros, e os aspectos mundanos, por meio de estilos ou “tipos de linguagem usados por uma categoria particular de pessoas e relacionado a sua identidade” (CHOULIARAKI ; FAIRCLOUGH, 1999:63).

As três principais maneiras como a linguagem figura em práticas sociais correspondem aos três principais significados do discurso: acional, representacional e identificacional (FAIRCLOUGH, 2003), que são inspirados em princípios da Linguística Sistêmico-funcional (LSF), a principal teoria lingüística a que a ACD recorre para o trabalho de análise de textos. Portanto, conclui-se que tais conceitos

da ACD são esclarecedores e importantes para os fins desta pesquisa. No entanto, ainda devem-se explicitar conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional e da Teoria da Valoração, temas das próximas seções.

### **1.3 - A linguística sistêmico-funcional (LSF): origens**

Na década de 1960, Michael Halliday desenvolveu a teoria Sistêmico-Funcional a partir dos postulados de Firth. A LSF é uma teoria de linguagem centrada na noção de ‘funções’ em vez de ‘forma’, ou seja, a LSF não acredita que a ‘forma’ linguística exista antes ou independente de ‘significado’. De acordo com tal perspectiva funcional, a gramática na LSF é vista como um sistema de opções do falante/escritor, que realiza suas escolhas linguísticas visando atingir significados diversos, considerando contextos sócio-culturais variados. Trata-se, portanto, de um sistema que se propõe a analisar o eixo paradigmático da língua, por oposição ao eixo sintagmático que os modelos formais analisam.

As noções de “eixo sintagmático” e “eixo paradigmático” encontram-se no pensamento de Saussure que foi, de fato, o primeiro linguista a defender a concepção de linguagem como um fenômeno social, só podendo ser compreendida a partir do entendimento de seu papel fundamental dentro de cada sociedade. Suas dicotomias, como os eixos supracitados e a de “langue” e “parole” distinguem atualmente as perspectivas formalistas das de cunho funcionalista, respectivamente.

Parte também do pensamento saussuriano a concepção de sistema, base da linguística sistêmico-funcional, em que se compreende o ‘todo’ não como uma justaposição de partes desconexas, mas como inter-relação das partes, de tal forma que a alteração de uma parte determina um ‘todo’ diferente. Halliday, então, defende a idéia de sistema linguístico como um sistema de significados potenciais a serem realizados por formas escolhidas pelo falante/escritor. Portanto, de acordo com a LSF, a forma é um meio para se chegar ao significado e não um fim em si, não um objeto de estudo como fato isolado.

O sistema linguístico oferece várias possibilidades a partir de outros sistemas de base contextual, semântica, léxico-gramatical e fono-grafológica. Não cabe a LSF restringir sua análise ao nível de palavras, sentenças ou, até mesmo, texto. De fato,

‘texto’ na LSF é produto do sistema linguístico, é a representação das escolhas linguísticas feitas pelo falante/escritor de acordo com seu contexto.

Dentre os precursores do pensamento da LSF, encontra-se Malinowski, fundador de um campo da antropologia social chamado Funcionalismo, cujo princípio era que todos os componentes de uma sociedade se inter-relacionam de modo a assegurar a manutenção de um sistema harmonioso.

As descobertas de Whorf no campo da linguística e antropologia também foram de inestimável valor para o funcionalismo, e, conseqüentemente, para a LSF. A conhecida ‘Hipótese de Whorf’ elucida o princípio da relatividade linguística segundo o qual a língua de um povo influencia sua concepção da realidade, sua visão de mundo. Segundo ele, a língua não tem um papel passivo, não é mera reprodutora da realidade. Ela contribui ativamente para a criação da realidade, dando significado às experiências e interações humanas.

Consoante tal diretriz, a língua afeta o pensamento (determinismo linguístico), embora cada língua possua estrutura e significados próprios (relativismo linguístico). Ressalvando-se diferentes interpretações da hipótese Whorfiana, observa-se que, em sua interpretação mais moderada, seu pensamento influenciou o conceito de língua e gramática tal qual defendido pela teoria da LSF, de acordo com seu criador (Halliday, 1992: 65).

Halliday não concebe a existência de uma realidade pré-fabricada, esperando usos linguísticos que possam dizer como ela é. Ele descreve a língua como parte da realidade, formadora dela e uma metáfora para a realidade nos diferentes contextos sócio-culturais. A gramática, nessa concepção, representa o potencial de significação da língua e evolui com a mesma. Como consequência, a linguagem teria o poder de moldar a consciência, já que ela permite ao homem interpretar e manipular seu meio e seu contexto sócio-cultural.

Ainda considerando alguns dos pensadores e movimentos que influenciaram o surgimento da LSF, conclui-se que a pragmática teve grande importância. Os estudos pragmáticos surgiram na segunda metade do século XX, privilegiando fenômenos relacionados ao uso da língua e não à sua forma. Essa perspectiva considera as diversas práticas discursivas, que são sociais, culturais e históricas. Reconheceram-se, assim, as regras sociais que influenciam o que realmente se fala/escreve.

Tecidos esses breves pressupostos sobre as origens da LSF, passa-se, na seção a seguir, a uma apresentação da teoria em si.

#### 1.4 - A Linguística Sistêmico-Funcional e a Metafunção Interpessoal

Como a ACD faircloughiana aborda a linguagem como prática social, a LSF hallidayana constitui instrumento eficiente para análise de eventos discursivos. A LSF estuda as relações entre a língua e as modalidades de interação social e o papel do contexto social na compreensão da natureza das línguas (NEVES, 2004: 41).

A língua é instrumento de interação social que existe em função de seu uso na interação entre as pessoas (Halliday, 1985). Uma gramática funcional é, assim, uma gramática natural, por constituir referência aos usos linguísticos, responsáveis pela forma e pela transformação desse sistema. Partindo dessa perspectiva, a sentença ou oração é vista como *mensagem* (função textual), como *processo* que constrói o mundo (função ideacional) ao mesmo tempo como *ato de fala* que estabelece relações sociais entre seus produtores e outros atores que ocupam este mundo (função interpessoal).

A LSF é uma teoria sistêmica de análise da linguagem. De acordo com Neves (2004:60) “uma gramática sistêmica é, acima de tudo, paradigmática”. Disso pode-se dizer que o relevante para os estudos de cunho sistêmico-funcionais são os usos linguísticos. Para os funcionalistas, a língua existe em sua prática, na *parole*, por oposição à *langue*, que é o objeto dos estudos formais.

Textos são observados, desse modo, como *mensagem* (macrofunção textual), como *processo* construtor do mundo (macrofunção ideacional) e, simultaneamente, como *ato de fala* consolidador de relações sociais (macrofunção interpessoal).

A macro-função ideacional diz respeito ao conteúdo do que é dito, à interpretação e expressão de nossa experiência acerca dos processos do mundo, nossos processos mentais, materiais e abstratos de todos os tipos (HALLIDAY; HASAN, 1976). A macro-função interpessoal insere um participante na situação de interação, usando a linguagem para julgar, expressar opiniões e perspectivas, incluir ou excluir (a si próprio ou a outro participante) de um grupo, para expressar sentimentos pessoais ou coletivos. A macro-função textual permite ao falante criar

um texto. Dessa forma, as macro-funções ideacional e interpessoal determinam, basicamente, o potencial de significado da gramática de cada língua. Halliday (1976:160) afirma que “simultaneamente comunicamos e interagimos via linguagem; e, como condição necessária de ambos os casos, criamos e reconhecemos o discurso”.

A macrofunção interpessoal se relaciona ao significado de acordo com sua função no processo de interação social, da língua como ação. Essa função é responsável por ressaltar a relação social que se estabelece entre os participantes de determinado evento, e o discurso mostra posições de quem escreve em relação ao que escreve, ao conteúdo do escrito e àquele que o lê.

Feitas essas considerações, apresenta-se outro suporte analítico desta pesquisa – a Teoria da Valoração – ancoragem analítica da LSF, mais especificamente, da metafunção interpessoal. Por estudar a língua como fruto da interação social, entende-se que a Teoria da Valoração se faz importante quanto à análise das trocas entre os participantes no fórum de discussão *online*.

O motivo de ter escolhido a Teoria da Valoração como suporte teórico dessa pesquisa diz respeito a acreditar que é a partir das trocas realizadas na interação social que os valores são manifestados, mesmo que de modo bem diverso, pelas pessoas. Desse modo, com o objetivo de observar como o valor acerca da qualidade literária é construído na relação entre participantes de fóruns de discussão online, foram adotadas categorias analíticas no quadro da Teoria da Valoração, apresentada na seção a seguir.

### **1.5 - A Teoria da Valoração**

A partir da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994), a Teoria da Valoração<sup>5</sup> desenvolveu-se após um período de mais de quinze anos de pesquisas realizadas por pesquisadores liderados por James Martin (1997, 2001). Baseando-se na orientação de que toda avaliação deve ser semântica, o termo “Valoração” é tratado como “um recurso semântico usado para negociar emoções, julgamentos e avaliações” (MARTIN, 2001:145).

---

<sup>5</sup> O termo ‘teoria’ é discutível, visto que se trata de um arcabouço teórico-metodológico para o estudo da avaliação na linguagem. No entanto, resolveu-se manter o termo ‘teoria’, visto que os próprios autores o usam para referência aos seus estudos (Appraisal Theory).

Ressalta-se, portanto, que, historicamente, essa teoria é nova, se comparada com outras teorias linguísticas, tais como a LSF, por exemplo. A Teoria da Valoração surge com a publicação do artigo “*Beyond Exchange*” (Além da Troca), por Martin (2000), em que o teórico demonstra a ligação entre esta teoria e os conceitos fundamentados por Halliday em “*An Introduction to Functional Grammar*”. Os conceitos desta teoria ainda estão sendo discutidos e aprofundados, é importante ressaltar.

A Teoria da Valoração constitui uma ramificação da LSF cuja abordagem baseia-se na análise textual pela qual se sinaliza o posicionamento do autor a partir das opções oferecidas pelo sistema linguístico, uma vez que as escolhas lexicais são realizadas de acordo com o sentimento e a intenção de quem as faz.

Valoração envolve, dessa forma, usos avaliativos da linguagem, usos que expressam concepções quanto ao que nos circunda. A Teoria da Valoração diz respeito, portanto, às avaliações, aos posicionamentos, à construção das *personas* textuais e aos posicionamentos interpessoais e aos diferentes relacionamentos (WHITE, 2005).

De acordo com White (2005), a Teoria da Valoração possui como elementos três posicionamentos: posicionamento de atitude; posicionamento dialógico; e posicionamento intertextual. O primeiro reflete atitudes que podem ser expressas em textos, relacionadas a emoções, conceitos éticos ou aspectos estéticos. O segundo corrobora o conceito bakhtiniano de polifonia, entendido por AMORIM (2001:131) como “*um princípio de representação, isto é, ele concerne o modo pelo qual o autor representa a presença de outro discurso em seu próprio discurso*”. Por fim, o posicionamento intertextual, traduz o fato de um autor poder apresentar as palavras ou ideias de outro texto ou autor.

Martin (2000) atenta para aspectos cruciais da Teoria da Valoração. Observar nossa realidade pela dualidade positivo / negativo influencia uma análise, ou seja, de modo geral avalia-se algo em um contínuo com dois extremos opostos: positivo e negativo.

Ocorre, entretanto, que algumas vezes há falta de elementos léxicos avaliativos (como adjetivos ou advérbios, por exemplo) no texto, o que não quer dizer que um posicionamento de valor não esteja presente. Acontece, então, uma avaliação implícita, feita através de ‘tokens’ (marcas): elementos não diretamente



relacionados a uma avaliação, que assumem esse papel em função da intencionalidade do falante/escritor associada à interpretação do ouvinte/leitor.

Outro aspecto básico para análises fundamentadas na Teoria da Valoração é não observar de forma isolada as palavras usadas em avaliações dentro de um texto. O objeto de estudo dessa teoria não é a palavra solta, mas o texto como um todo (WHITE, 2005). Afinal, ao criar um texto, o autor estrutura uma lógica de proposições tendo como base suas expectativas sobre o leitor/ouvinte; contudo, nem todo leitor/ouvinte vai corresponder a estas pressuposições.

Como observado por FAIRCLOUGH (2001:136), alguns leitores/ouvintes podem interpretar o lido/dito de modo diferente da expectativa do autor e isso pode acontecer em função da experiência de vida e orientação ideológica que cada um traz junto de si ao negociar significados. Portanto, a manutenção ou a reprodução da estrutura social é observada nessa teoria a partir da representação dos sujeitos sociais sugerindo ao leitor/ouvinte uma atitude de aceitação ou reprovação, assim legitimando ou não a posição social representada por este sujeito social (White, 2005).

Enfim, o texto, unidade mínima de análise, pode ser metaforizado como um quebra-cabeças, em que cada peça representa uma escolha lexical ou gramatical. Quando as peças (escolhas lexicais) se encaixam, elas formam cadeias lexicais que sustentam boa parte do significado interpessoal em um texto. A visualização completa do quebra-cabeças montado pode ser comparado ao significado interpessoal, ou seja, o resultado do acúmulo das cadeias lexicais.

Após estas considerações iniciais sobre a Teoria da Valoração, na seção a seguir delineiam-se os seus três subsistemas, Atitude, Engajamento e Gradação.

### **1.5.1 – Os subsistemas da Teoria da Valoração**

O Sistema da Valoração (MARTIN, 2001, 1997; MARTIN e WHITE, 2005) engloba três subsistemas: Atitude, Engajamento e Gradação, que dizem respeito aos recursos usados para a avaliação ou posicionamento valorativos, amplificação e comprometimento. Estes dois últimos não serão considerados nesta análise. Estes três subsistemas fazem parte do sistema da Valoração, e dizem respeito às

enunciações acerca de como certa pessoa, coisa, ação ou situação está sendo avaliada, se de forma positiva ou negativa.

Os posicionamentos de atitude podem não ser expressos por um item lexical, somente, mas por frases, orações, enfim, trechos maiores de linguagem (WHITE, 2005). Os recursos avaliativos não se encontram presentes, assim, em uma palavra, especificamente, mas na interpretação do texto de modo global e nas crenças que o ouvinte/leitor possui ao interpretar. As posições tomadas em relação à atitude podem ser reveladas, conseqüentemente, de forma explícita (quando há, explícito, marcado, o léxico valorativo que expressam um sentido negativo ou positivo) ou implícita (quando o contexto nos leva a determinada proposição acerca do valor).

A Teoria da Valoração (MARTIN e WHITE, 2005) explicita usos da linguagem explicando de que modo ela é utilizada a fim de avaliar, realçar posicionamentos, julgar atos, apreciar arte. De acordo com CABRAL e BARROS (2006:4):

A valoração ([www.grammatics.com/appraisal](http://www.grammatics.com/appraisal)) tem três funções principais: (a) demonstrar o posicionamento atitudinal do autor/leitor frente a comportamentos e eventos/coisas concretas, através do elogio ou da censura; (b) expor, através do endosso ou da contrariedade a posicionamentos de outrem (intertextuais), seu próprio posicionamento ou manter-se neutro e (c) explicitar os recursos dialógicos utilizados para estabelecer as relações interpessoais entre autor e leitor, através da antecipação ou da resposta a indagações do leitor/ouvinte. Assim, a valoração é vista por Martin e White (2005) como um recurso para construir a relação entre os participantes do evento comunicativo, ao mesmo tempo em que a solidariedade é negociada com os leitores.

A Teoria da Valoração (Martin e White, 2005) foi escolhida por ser a que melhor poderia amparar essa pesquisa a fim de se caracterizar o que é a qualidade literária para os leitores que interagem na internet; afinal, não são somente os qualificadores que atribuem valores a nomes, coisas e eventos, tal como foi percebido ao longo da pesquisa. Desse modo, se realiza uma análise utilizando elementos linguísticos como base para nossas afirmações e conclusões. Os recursos linguístico-textuais utilizados pelos internautas, sob o ponto de vista da atitude, permitem estabelecer como os leitores internautas se posicionam nos comentários dos fóruns de discussão, de modo a definir a qualidade literária. FAIRCLOUGH (2003:111) confirma que “as declarações de fato (...) são extremamente avaliativas, embora implicitamente”. Ou seja, as afirmações

categóricas realizadas pelos internautas nos fóruns de discussão são repletas de Atitudes avaliativas que refletem Ideologias hegemônicas em nossa sociedade.

Na próxima seção aborda-se o subsistema da Atitude, o único que será usado para o desenvolvimento da parte analítica desta pesquisa.

### 1.5.2 – O subsistema da Atitude

A Atitude refere-se à avaliação positiva ou negativa acerca de pessoas, lugares, arte, acontecimentos, coisas etc.. Ela mostra-se presente a partir de um léxico avaliativo, quando explícita. Entretanto, a Atitude nem sempre está explícita no léxico textual, e, estando implícita, pode ser percebida a partir do contexto em que está inserida.

A Atitude apresenta, segundo Martin e White (2005), três subtipos: (i) posicionamento afetivo, (ii) posicionamento ético e (iii) posicionamento estético, denominados pelos autores (i) Afeto, (ii) Julgamento e (iii) Apreciação. Na seção a seguir apresenta-se o subsistema do Afeto e as categorias analíticas adotadas para o seu estudo.

#### 1.5.2.1 - Afeto

O Afeto<sup>6</sup> é o posicionamento da atitude que se relaciona diretamente às emoções do locutor, ou autor do enunciado. É a avaliação que demonstra o quanto se envolve emocionalmente com o objeto de sua avaliação. São, portanto, as respostas emocionais positivas ou negativas do autor do enunciado que estarão sendo estudadas.

O subsistema do **Afeto** classifica-se em três categorias, sendo elas: felicidade/infelicidade; segurança/insegurança; e satisfação/insatisfação. Essas categorias são representadas lexicalmente por adjetivos, verbos, advérbios e nominalizações. Além disso, de acordo com Martin e White (2005: 46), o Afeto pode ser usado para expressar qualidade (descrevendo participantes; atribuído a participantes; o modo como um processo se desenrola); pode ser usado como processo (através de verbo que indique processo mental ou comportamental); ou

---

<sup>6</sup> As letras maiúsculas na LSF são usadas para indicar que se faz referência ao plano do sistema, em oposição ao plano dos usos da linguagem.

pode, ainda expressar-se como um comentário (através de adjunto modal) e metáforas interpessoais (através de nominalizações de qualidades ou processos).

Martin e White (2005: 46–52) apontam outros fatores classificatórios para Afeto. Em primeiro plano, a classificação sócio-cultural do sentimento descrito em positivo ou negativo, ou seja, “feliz” (positivo) e “triste” (negativo). Em segundo lugar, avalia-se como o sentimento é realizado através de comportamentos (processos comportamentais – “sorrir”, “chorar”) ou manifestações internas (processos mentais ou relacionais – “**Tentei** ler três vezes”, ou “**achei** um saco”).

Há também o quesito que aponta para uma classificação dos sentimentos em três grupos, como apontado acima, a saber: felicidade/infelicidade; segurança/insegurança; e satisfação/insatisfação. E, finalmente, há o fator relacionado a uma gradação dos sentimentos quanto à sua intensidade. Assim, sentimentos podem ser lexicalizados em diferentes formas em três graus de intensidade: baixo (“livro bom”), médio (“livro muito bom”) e alto (“livro excelente”).

Por fim, o posicionamento de atitude em relação a Afeto pode ser autoral ou não-autoral, dependendo do comprometimento que o autor do enunciado assume em relação à mensagem. Se autoral, o léxico ou contexto avaliativo envolve um posicionamento negativo ou positivo de quem se expressa em relação ao avaliado, o que gera a responsabilidade dele sobre o foco da avaliação. Segundo White (2005), tais avaliações emotivas são subjetivas do falante/escritor, sendo uma avaliação pessoal, individual. Desse modo, o avaliador estabelece uma relação interpessoal com seu interlocutor, já que o valor de uma avaliação reside na audiência, que precisa confirmar a sua relevância e significado. Observa-se um exemplo de nosso corpus<sup>7</sup> [A1-24]:



14/03/09

Mestre Maurício

#### LEQUINHO

"Sim, mas a pessoa pode conhecer muito sobre a língua, e mesmo assim ficar difícil interpretar o livro!"

<sup>7</sup> Optamos por manter os comentários dos internautas *ipsis literis*, tal qual escrito por eles, mesmo com incorreções ortográficas e/ou de digitação, haja vista que elas refletem a espontaneidade e informalidade do suporte em que se encontram.

Na minha experiência como leitor **de Literatura**, já tive contato com livros que não foram feitos para serem lidos, foram feitos apenas para que o escritor mostrasse seus dotes técnicos.

Pessoalmente, gosto da simplicidade (Italo Calvino, Tchekov, Oscar Wilde), mas, às vezes, me esforço para ler um Guimaraes Rosa ou uma Virgínia Woolf, e vejo que valem a pena. Porém há autores novos e desconhecidos que forçam a barra, tentam escrever a pura técnica e deixam o contar histórias **de** lado. Esses me cansam profundamente...  
[A1-24]

Primeiramente, observa-se que “mestre Maurício” vai relatar sua experiência como leitor, o que pode ser concluído a partir do pronome que utiliza (minha). Depois, ele utiliza o advérbio modal “pessoalmente”, o que reforça o caráter autoral de seu comentário. Não obstante, o afeto autoral do comentário reside no uso do verbo “gostar” em primeira pessoa do singular. Este é um afeto autoral e positivo, demonstrando a felicidade do autor do comentário.

O afeto não-autoral ocorre quando o avaliador se apresenta como narrador das emoções de outros, não assumindo responsabilidade direta por avaliação negativa ou positiva. Como exemplo, cita-se o fragmento A3-10:



19/12/09

Lucas D.Assis

**Pois bem**

(...)

Quantas pessoas não se apaixonam ao ler Júlio Verne, Allan Poe, Tolkien, Monteiro Lobato? Tornam-se leitores muito mais aficcioandos do que aqueles que se encantam a ler Dan Brown(falo isso por conhecer alguns casos pessoalmente heehh).

(...)

Ao afirmar que “pessoas” se apaixonam, Lucas não se inclui ou se exclui de seu comentário, ele fala do afeto das pessoas em geral. O mesmo ocorre ao utilizar o verbo “encantar”, ambos na terceira pessoa do plural. Trata-se, portanto, de um afeto como felicidade e não-autoral.

Ambos os exemplos de afeto apresentados são, no entanto, explícitos. Portanto há um léxico valorativo explícito que marca tal categoria.

Ressalta-se que a partir de um posicionamento de valor autoral de afeto, o escritor estabelece um vínculo interpessoal com o leitor dos comentários, de modo a tentar atrair a solidariedade daquele que participa do fórum. Com a avaliação de afeto não-autoral, não obstante, o autor não assume responsabilidade direta pela valoração, não buscando, dessa forma, um posicionamento comprometido de quem o lê.

Assim, entende-se que Afeto é um recurso semântico para a construção de emoções (MARTIN, 2001). Lexicalmente, ele é expresso, por exemplo, por verbos que denotam emoções (*amar, gostar, odiar, detestar, agradar* etc.), por advérbios – de modo, mais comumente, (*felizmente, infelizmente, etc.*) e adjetivos que expressam emoções (*feliz, triste* etc.).

Na subseção a seguir, apresenta-se o subsistema do Julgamento, com considerações a respeito das subcategorias por ele abarcadas.

#### 1.5.2.2 – Julgamento

O subsistema do Julgamento relaciona-se a avaliações de questões éticas, de comportamentos humanos. Possui uma dimensão positiva e negativa sobre determinado comportamento, assim como o subsistema do Afeto. Nesta subcategoria de Atitude, analisa-se o elogio, as ações, as crenças, a crítica, os comportamentos etc..

O Julgamento pode se dar de forma explícita (quando há a presença de um item lexical que possua um valor de julgamento) ou implícita (quando comportamentos adotados em uma determinada cultura invocam atitudes avaliativas).

O subsistema do Julgamento afasta-se da perspectiva do avaliador e passa à perspectiva do avaliado, tratando das qualidades de algo sendo avaliado/a de acordo com regras de comportamento humano. Segundo Martin e White (2005: 52), os julgamentos dividem-se de acordo com estima social ou sanção social. No primeiro caso – estima social – ele relaciona-se a questões de ‘normalidade’ (o quão comum/incomum alguém é); ‘capacidade’ (o quão capaz alguém é) e ‘tenacidade’ (o quão decidido alguém é).

Já os julgamentos de sanção social corroboram conceitos de ‘verdade’ (o quão sincero alguém é) e ‘propriedade’ (o quão correto alguém é). A fim de que se observe como tais julgamentos são realizados, utilizar-se-ão exemplos do corpus (A3 – 4, 5 e 6).



19/12/09

José Geraldo

Eu acho que a **literatura** ruim é tão importante quanto a boa, no fim das contas. Não são os críticos que definem o que fica para a posteridade -- e muito menos o público. Portanto o autor não tem que se preocupar se seu livro é "bom" ou "ruim", cada um tem o direito **de** ter seu sonho e **de** correr atrás dele.

Eu só acho que o autor deve ter consigo mesmo o compromisso **de** oferecer o seu melhor. Ou seja, ele deve procurar colocar tudo **de** sua capacidade na realização **de** seu livro, e não tentar adivinhar **de** antemão o que "querem" que ele faça.

Nota-se que o internauta José Geraldo realiza um julgamento ao tecer comentários sobre escritores, de modo geral. Ao escrever que “o autor deve ter consigo mesmo o **compromisso de** oferecer o seu melhor” Ele realiza um julgamento quanto a estima social, de acordo com a tenacidade, haja vista que o foco de seu julgamento é a decisão (compromisso) do escritor.

Lembra-se que as avaliações de Julgamento, assim como as de Afeto, podem realizar-se de maneira mais ou menos explícita, dependendo da vontade de o autor se aproximar ou se distanciar da avaliação. Consoante White, uma forma eficiente de julgar é a avaliação de julgamento pressuposto, isto é, sugerida ao receptor do texto em vez de explicitada pelo autor. São ‘tokens of judgement’ (marcas de julgamento) que se explicam como fatos: “*aparentes descrições imparciais de eventos, fatos, estados ou relacionamentos*” (White, 2005:54).

Tendo descrito os dois subsistemas da Atitude, na subseção a seguir apresenta-se o último deles, a Apreciação.

### 1.5.2.3 - Apreciação

Por fim, no último parâmetro de posicionamento de atitude na teoria da valoração, a Apreciação, a avaliação recai sobre o objeto de avaliação, mais do que sobre o avaliador. Contudo, o tipo de valor atribuído ao avaliado nesta categoria é, basicamente, estético. Avalia-se, assim, a forma, a aparência, a composição, o

impacto, não comportamentos humanos, sendo estes o foco de Julgamento (WHITE, 2005). Similarmente às duas primeiras subcategorias, também há dimensões negativa e positiva na avaliação.

Não se trata, portanto, de julgamento de comportamento social, mas apreciação da forma, estética, impacto e apresentação do objeto sendo avaliado. Martin e White (2005: 56-57) apontam três tipos de apreciação: reação (quando o objeto chama sua atenção, lhe agrada); composição (equilíbrio e complexidade do que está sendo apreciado); e valor (o quão inovador, autêntico o objeto parece).

Há correlação entre a LSF e a Teoria da Valoração ao analisarmos as metafunções e os significados sugeridos pelos parâmetros de apreciação: reação (significado interpessoal), composição (significado textual) e valor (significado experiencial). Para 'reação', as perguntas que exemplificam as categorias 'Prendeu minha atenção?' e 'Eu gostei?' denotam significado interpessoal. As perguntas para 'composição/redação' – 'Faz sentido?' e 'Foi difícil acompanhar?' – mostram uma preocupação com a organização textual, isto é, o significado textual. Por fim, a pergunta para o parâmetro 'valor' – 'Valeu a pena?' – se relaciona à representação do mundo, ou seja, ao significado experiencial.

A apreciação é a categoria de maior importância para esta pesquisa, haja vista que nosso objeto avaliado é a literatura, a arte. Observe-se, portanto, como o posicionamento se encontra em nosso corpus (A3 – 7, 8 e 9).



19/12/09

Lucas D. Assis

**Pois bem**

A **literatura** "ruim" tem sua importância sobre vários aspectos. Ela pode ser, à primeira vista, mais atraente aos iniciantes em **literatura** e, portanto, abrir portas para que a pessoa possa chegar à boa **literatura** algum dia. Entretanto, quando isso não ocorre, e o ser continua refém **de** uma leitura mais pobre e não consegue passar a níveis mais altos, é que a **literatura** ruim pode se tornar um problema.

Percebe-se, neste comentário, a presença de três tipos de Apreciação. Primeiramente, há uma valoração quanto à relevância da obra lexicalizada por "importância". Contudo, observa-se também uma apreciação quanto á reação



causada pela obra, também lexicalizada por “mais atraente”. Ambas possuem conotações positivas. Por fim, há a valoração implícita da *função da literatura*, também de valor positivo.

As seções anteriores apresentaram os três subsistemas abarcados pelo sistema analítico da Atitude, o âmbito da Teoria da Valoração de Martin & White (2005). Na seção a seguir são feitas considerações finais sobre este capítulo, encerrando-se, assim, a apresentação dos pressupostos teóricos que norteiam esta pesquisa.

## **1.6 – Conclusão**

Neste capítulo, foram apresentados os pressupostos teóricos que embasam esta pesquisa. Em primeiro lugar, situou-se a LSF no quadro das abordagens funcionalistas da linguagem. Em seguida, apresentaram-se os princípios básicos da ACD e os conceitos de ideologia e hegemonia, destacados como pertinentes para os objetivos desta pesquisa. A seção seguinte apresentou a LSF, seus pressupostos básicos sobre a linguagem e suas macrofunções. Tendo preparado o terreno para a Teoria da Valoração, localizando-a no âmbito da macrofunção interpessoal, a seção seguinte, com várias subseções, descreveu seus subsistemas básicos, destacando-se o subsistema da Atitude, mais pertinente para os propósitos desta pesquisa.

Tendo apresentado os pressupostos teóricos que fundamentam esta pesquisa, passa-se, no capítulo seguinte, para considerações sobre gêneros textuais, gêneros digitais, Orkut, e outros conceitos técnicos, no âmbito do universo em rede, como forma de contextualizar o tema desta pesquisa, dando ao leitor mais elementos para acompanhar as análises que serão desenvolvidas.

## 2 CAPÍTULO 3 – OS GÊNEROS TEXTUAIS E AS REDES SOCIAIS ELETRÔNICAS

O *corpus* analisado nesta dissertação é composto por textos retirados de *fóruns de discussão* de comunidades da rede social *Orkut*. A fim de apresentar tal gênero textual<sup>8</sup>, serão apresentadas, a seguir, considerações sobre: um breve histórico dos estudos dos gêneros textuais no Ocidente; a concepção de gênero adotada nesta pesquisa e a perspectiva teórica a que se filia; a noção de gêneros eletrônicos<sup>9</sup> e as emergentes redes sociais; e, por fim, a relevância do *Orkut* como suporte textual e a caracterização do gênero *fórum de discussão*.

### 2.1 – Breve histórico sobre o estudo dos Gêneros Textuais

De acordo com Marcuschi (2008:147),

O estudo dos gêneros textuais não é novo e, no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática iniciou-se em Platão. (...)

A expressão ‘*gênero*’ esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, O Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX.

Advém de Aristóteles (apud MARCUSCHI, 2008:147 – 148) a tentativa de sistematização dos gêneros e de sua natureza discursiva, sendo esta desenvolvida durante a Idade Média. É o filósofo grego quem afirma que há três elementos centrais compondo o discurso: (a) aquele que fala; (b) aquilo sobre o que se fala e (c) aquele a quem se fala. Incluir participantes e assunto como parte do gênero textual é etapa fundamental nos estudos dos gêneros, pois há a perspectiva de que sem os atores sociais não se constrói discurso ou texto, premissa de que parte esta pesquisa.

Portanto, entende-se que os estudos acerca dos gêneros textuais como processo social remetem à Antiguidade Clássica, não obstante haja mudanças em suas perspectivas. Se a posteriori havia análises voltadas para os discursos

<sup>8</sup> Para os fins desta pesquisa, os termos “gênero textual” e “gêneros discursivos” ou “gêneros do discurso” serão considerados equivalentes, havendo privilégio pelo primeiro. Não obstante, o termo “Discurso” terá abrangência diversa das dos supracitados.

<sup>9</sup> Ao longo deste capítulo, os termos “gêneros eletrônicos”, “gêneros virtuais” e “gêneros digitais” serão empregados como equivalentes.

literários e de retórica, hoje se tenta definir, identificar e organizar os mais diversos tipos de textos, objetivando compreendê-los (BRANDÃO, 2003).

Contudo, foi a partir dos postulados de Mikhail Bakhtin que os estudos dos gêneros textuais ganharam relevo no século XX. Embora seus textos tenham sido produzidos entre 1919 e 1974, sua divulgação ocorre a partir da década de 1960. Consoante Rodrigues (in MEURER et al. 2007:153) o autor foi um problematizador e interlocutor das discussões sobre gêneros no ocidente, mas não um precursor, como muitos imaginam. Afinal, como supracitado, os estudos sobre o tema iniciaram-se muito antes. A partir de suas considerações houve, sim, uma mudança de atitude quanto à análise dos mesmos, pois, para Bakhtin (2003:262):

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos - conteúdo temático, estilo e construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e todos são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

Enfim, Bakhtin relaciona a noção de gênero à de enunciado e reflete sobre os usos linguísticos e atividades humanas. Para cada uso da língua e intenção comunicativa do falante, teríamos uma diferente atividade social, o que resultaria em diverso gênero textual, que também é marcado por sua composição relativamente estável. Ele ainda reflete sobre a noção de estilo, ao caracterizar como parte inerente do gênero a seleção de recursos lexicais, que não é aleatória e reflete escolhas linguísticas.

O autor russo também reflete sobre as inesgotáveis possibilidades de gêneros textuais, haja vista que as atividades humanas são diversificadas e complexas. Desse modo, os gêneros do discurso seriam mutáveis, pois as relações humanas variam sócio-historicamente e se transformam com elas.

Há, todavia, atualmente, diversos modos teóricos de se analisar os gêneros textuais. Não se considera que haja um melhor ou mais correto do que outro, mas

sim uma teoria mais adequada e coerente ao trabalho que se faz. Como esta é uma dissertação de perspectiva crítica, cujo suporte para suas análises é a Linguística Sistêmico-Funcional, analisar-se-á a relação entre texto e contexto, a estrutura esquemática e relação situacional e cultural dele, assim como perceber o discurso como uma prática social, sendo o gênero textual forma de usar a língua a fim de concretizar determinada atividade social.

Tendo apresentado considerações gerais sobre gêneros textuais, na seção a seguir introduz-se a forma como a ACD aborda a questão.

## 2.2 – O Gênero textual consoante a Análise Crítica do Discurso

De acordo com Fairclough (2001:161) o conceito de gênero se refere a:

um conjunto de convenções relativamente estável que é associado com, e parcialmente representa, um tipo de atividade socialmente aprovado (...) Um gênero implica não somente um tipo particular de texto, mas também processos particulares de produção, distribuição e consumo de textos.

Desse modo, cada gênero textual estaria relacionado a uma atividade social particular. Por isso, é importante que sejam observados os *participantes* envolvidos na construção de um gênero, afinal, é a partir deles e das *posições* que esses assumem no ato de produção do texto que o gênero pode ser construído.

É fato, como já mencionado, que a Linguística Sistêmico-Funcional e a Análise Crítica do discurso são quadros teóricos e metodologias de análise complementares, o que leva uma a utilizar conceitos da outra, a fim de aprimorar seus estudos. Fairclough (2001:163) utilizar como parâmetros para distinguir o *estilo* de um gênero, que deveriam ser classificados de acordo com o ‘tenor’ (ou seja, de acordo com o tipo de relação entre os participantes na interação), o ‘modo’ (se os textos são orais, escritos ou mistos) e o ‘modo retórico’ (se o texto é argumentativo, expositivo, descritivo etc.).

Por seu caráter crítico, a ACD investiga as práticas sociais a partir dos gêneros textuais. Há, entre os participantes de um gênero, determinadas relações de poder. A partir da linguagem estabelecida nele pode-se verificar como tais relações se firmam, como o poder ou a autoridade é marcada por ou conferida a determinado participante, assim como estes podem ser questionados ou desafiados por outros.

Por isso, a perspectiva discursivo-semiótica de Gunther Kress (1989), quanto ao estudo dos gêneros, se faz emblemática, já que o autor observa os textos de acordo com seus traços característicos, com as estruturas dos eventos sociais e com os propósitos dos participantes desse processo, não sendo este uma entidade estanque e imune a mudanças, mas sim algo cultural e historicamente variável. Segundo Balocco (in MEURER et al. 2007:66)

A escolha da perspectiva discursivo-semiótica de Kress para a análise dessas justifica-se pelos seguintes motivos: a proposta do autor, que reconhece os gêneros como práticas sociais, afetadas por variáveis culturais e históricas, permite deslocar a ênfase dos traços de estabilidade dos gêneros textuais para a sua instabilidade, destacando a forma como estão em constante mudança.

Acreditando que tais perspectivas sejam coerentes com a proposta de análise dessa dissertação, ao caracterizarmos o gênero textual *fórum de discussão*, consideraremos seus processos de produção, assim como fará parte dela a interação dos atores sociais.

Deve-se, para os fins desta pesquisa, bem diferenciar as noções de gênero textual da de *Suporte textual*. Quanto à questão, Marcuschi (2008:173 - 174) ressalta que:

Dominique Maingueneau (2001:71) observa que 'é necessário reservar um lugar importante ao modo de *manifestação material* dos discursos, ao seu *suporte*, bem como ao seu modo de difusão (...)  
A idéia central é que o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele (...)  
entendemos aqui como suporte de um gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto.

Portanto, se de um lado temos o *Gênero textual*, ou seja, um texto com determinadas características composicionais e estilísticas, que refletem determinadas práticas sociais, demandando certos posicionamentos dos sujeitos e que variam sócio-históricamente, de outro temos o *suporte textual*, que é o local de realização, distribuição e recepção dele.

O Gênero textual que compõe o corpus desta pesquisa advém de um suporte virtual, ou seja, cibernético. Trata-se, pois, de um gênero emergente, eletrônico. Há uma gama de conceitos a serem entendidos antes que o definamos, pois os fóruns *de discussão* não pairam sozinhos no ciberespaço: eles são amparados por uma rede social.

Assim, definiremos os conceitos de Rede Social e de gêneros eletrônicos – virtuais na próxima seção, para, então, definirmos o alvo de nossa pesquisa: o gênero textual *fórum de discussão* e seu suporte, a Rede Social *Orkut*.

### 2.3 – Os Gêneros eletrônicos e as Redes Sociais cibernéticas

Diante das novas tecnologias e da emergência do contexto dos ambientes virtuais, houve o surgimento de variados gêneros eletrônicos, a maioria deles derivada de similares orais ou escritos. O que não significa, todavia, que esses não causem polêmica ou impacto em nossas vidas (MARCUSCHI ; XAVIER, 2005:13), haja vista sua versatilidade e o espaço que ocupam, hoje, nas relações sociais.

A internet é um espaço de práticas sociais que, em maior ou em menor escala, reproduz práticas comunicativas já consagradas da oralidade e da escrita. Não obstante, o ciberespaço é um ambiente híbrido e nele essas duas modalidades se mesclam indistintamente: temos atividades escritas, por serem digitadas, que reproduzem traços estilísticos da fala, inclusive por seus aspectos interacionais.

De acordo com Marcuschi & Xavier (2005:14) três aspectos tornam relevante o estudo de um gênero eletrônico:

(1) seu franco desenvolvimento e um uso cada vez mais generalizado; (2) suas peculiaridades formais e funcionais, não obstante terem eles contrapartes e gêneros prévios; (3) a possibilidade que oferecem de se rever conceitos tradicionais, permitindo repensar nossa relação com a oralidade e a escrita. Assim, esse 'discurso eletrônico' constitui um bom momento para se analisar o efeito de novas tecnologias na linguagem e o papel da linguagem nessas tecnologias.

As práticas comunicativas cibernéticas devem ser estudadas, assim, não por constituírem um novo advento linguístico, ou uma “revolução linguística”. Na verdade, poucas são as mudanças linguísticas nesta área. Ocorrem, de fato, novas práticas de interação entre os sujeitos sociais. Há todo o momento pessoas de diferentes idades, lugares e credos que interagem, em tempo real ou não, debatendo assuntos das mais variadas naturezas. A linguagem é o meio de manifestação de tais interações e expõe relações sociais de poder. Portanto, eis a importância desta pesquisa para os estudos linguísticos.

Crystal em seu livro *A linguagem e a Internet* (apud Marcuschi, 2008:199), ao refletir sobre uma “mudança” da linguagem por conta do advento da cibercultura, pontua que há, de fato, uma pontuação minimalista, abreviaturas e estruturas frasais

pouco ortodoxas, assim como uma escrita semi-alfabética, mas nada que caracterize uma “revolução“. Para o autor o que há, de fato, é uma mudança nos modos sociais de interagir linguisticamente, ponto que nos interessa abordar.

Segundo Marcuschi & Xavier (2005), há uma série de critérios segundo os quais os gêneros emergentes podem ser caracterizados, como: a relação temporal (síncrona ou assíncrona), a duração da interação, a extensão do texto, o formato textual (turnos encadeados, texto corrido, seqüências soltas ou estrutura fixa), a quantidade de participantes (conhecidos, anônimos ou hierarquizados), como se dá a troca de falantes (alternada ou inexistente), a função da interação, as características do tema (livre, combinado ou inexistente), o estilo (monitorado, informal ou fragmentário), se o texto apresenta semioses e como se dá a recuperação das mensagens (gravadas ou voláteis).

De acordo com os mesmos autores, uma característica marcante dos gêneros em ambientes virtuais é sua alta interatividade. Segundo eles, tal particularidade seria inovadora nos contextos entre fala e escrita. E ainda é importante frisar que a possibilidade de inserção de elementos visuais e sonoros nos textos também produz uma integração dos recursos semiológicos. Isso levaria indicações de comportamentos (raiva, ironia, carinho, descontentamento, aprovação etc.) por meio de *emoticons*, demonstrando a informalidade característica de muitos gêneros digitais.

As peculiaridades do tipo de escrita produzida nos gêneros eletrônicos são também marcas desses gêneros emergentes. De acordo com Inglez (2007:169):

Em muitos gêneros eletrônicos (...) verifica-se que a escrita empregada reproduz estratégias de língua falada, como o uso de enunciados mais curtos e o menor índice de nominalizações por frase. Trata-se de uma nova relação com os processos de escrita, o que tem se chamado de *Novo Letramento*.

Há, enfim, um novo tipo de comunicação, identificado por Marcuschi & Xavier (2005:15 -17) como *Comunicação Mediada por Computador (CMC)* ou comunicação eletrônica. Tal comunicação leva a novas práticas e comportamentos sociais, haja vista as peculiaridades dos suportes virtuais. Consoante os autores supracitados:

Parece possível concordar com Thomas Erickson (1997:4), para quem o estudo da comunicação virtual na perspectiva dos gêneros é particularmente interessante, porque ‘a interação on-line tem o potencial de acelerar enormemente a evolução dos gêneros’, tendo em vista a natureza do meio tecnológico em que ela se insere e os modos como se desenvolve. Esse meio propicia, ao contrário do que se imaginava,

uma 'interação altamente participativa', o que nos obrigará a rever algumas noções já consagradas.

As redes sociais comprovam a exatidão de tal afirmativa. Elas são suportes cibernéticos que conectam internautas a fim de que possam interagir nesses espaços. Consoante uma pesquisa conduzida pela *Nielsen*<sup>10</sup>, o Brasil é o país com o maior número de internautas ligados a tais redes (86%), sendo o *Orkut* a mais popular delas.

Com as Redes Sociais, relacionamentos interpessoais (ou *hiperpessoais*, como corrige Marcuschi, 2008) são reorganizados e reconfigurados, a partir do momento em que mudam as formas de participação dos sujeitos sociais. A interação não é face a face e o indivíduo pode ser protegido tanto por uma falsa identidade (fake), como por um anonimato ou expondo apenas sua faceta virtual. Assim, os sujeitos se posicionam de modo que talvez não fariam em uma interação em ambiente "não virtual".

Feitas as análises sobre o entorno que cerca a rede social *Orkut*, suporte que sustenta o corpus desta dissertação, apresentar-se-ão as características desse site de relacionamentos na próxima seção, para que, então, possamos analisar os *fóruns de discussão*.

## 2.4 – O Orkut

Nesta seção, são apresentadas considerações sobre o Orkut, como forma de contextualizar os dados desta pesquisa. Em primeiro lugar, são introduzidos dados estatísticos sobre o Orkut, seguidos de uma descrição das características deste ambiente virtual, consideradas pertinentes aos objetivos desta pesquisa.

### 2.4.1 – Dados estatísticos

A partir dos primeiros anos do século XXI, surgiram na Internet várias Redes Sociais. Mundialmente, são mais acessadas o *Myspace*<sup>11</sup>, *Facebook*<sup>12</sup>, *You tube*<sup>13</sup> e

---

<sup>10</sup> Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/752214-com-86-dos-internautas-brasil-lidera-redes-sociais-e-blogs.shtml>

<sup>11</sup> [www.myspace.com](http://www.myspace.com)

<sup>12</sup> [www.facebook.com](http://www.facebook.com)

<sup>13</sup> [www.youtube.com](http://www.youtube.com)



*Twitter*<sup>14</sup>. Todavia, no Brasil há uma grande predileção pelo *Orkut*<sup>15</sup>, e o país é recordista de acesso a redes sociais, com 86% dos internautas a elas conectados<sup>16</sup>. O número de brasileiros que interage nesse espaço é bem maior do que o de pessoas de outras nacionalidades, como mostra a figura abaixo:



Figura 1: Dados demográficos

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#MembersAll> (Acessado em 21/09/2010)

O *Orkut* é uma rede social filiada ao grupo *Google*, cujo nome é homenagem ao seu projetista chefe Orkut Büyükkökten. Seu objetivo é conectar seus membros. Uma descrição é encontrada no próprio site:

**orkut**

O **orkut** é uma comunidade on-line criada para tornar a sua vida social e a de seus amigos mais ativa e estimulante. A rede social do **orkut** pode ajudá-lo a manter contato com seus amigos atuais por meio de fotos e mensagens, e a conhecer mais pessoas.

Com o **orkut** é fácil conhecer pessoas que tenham os mesmos hobbies e interesses que você, que estejam procurando um relacionamento afetivo ou contatos profissionais. Você também pode criar comunidades on-line ou participar de várias delas para discutir temas atuais, reencontrar antigos amigos da escola ou até mesmo trocar receitas favoritas.

Você decide com quem quer interagir. Antes de conhecer uma pessoa no **orkut**, você pode ler seu perfil e ver como ela está conectada a você através da rede de amigos.

Para ingressar no **orkut**, acesse a sua Conta do Google e comece a criar seu perfil imediatamente. Se você ainda não tiver uma Conta do Google, nós o ajudaremos a criá-la em alguns minutos.

Nossa missão é ajudá-lo a criar uma rede de amigos mais íntimos e chegados. Esperamos que em breve você esteja curtindo mais a sua vida social.

Divirta-se (=

Figura 2: Descrição do orkut.

Fonte: <http://www.orkut.com/About.aspx> (Acessado em 21/09/2010)

Com base em dados fornecidos pelo próprio site (figura 3), podemos dizer que a maioria das pessoas que interage no site tem entre 18<sup>17</sup> e 30 anos de idade, ou seja, há uma grande maioria de jovens interessados em fazer amizades ou relacionar-se com amigos já conhecidos. A grande popularidade do site entre os

<sup>14</sup> [www.twitter.com](http://www.twitter.com)

<sup>15</sup> [www.orkut.com](http://www.orkut.com)

<sup>16</sup> Fonte: <http://info.abril.com.br/noticias/internet/brasil-o-pais-que-reina-nas-redes-sociais-06042009-41.shl>

<sup>17</sup> Infere-se que o grande número de pessoas que se relaciona na rede se inclui nessa faixa etária devido ao fato de não ser permitida a adesão de menores de 18 anos no site. Portanto, alguns menores de idade conectam-se informando ter a idade mínima permitida.

brasileiros levou ao desenvolvimento de uma versão dele em língua portuguesa a partir de 2005, um ano após a criação da rede.

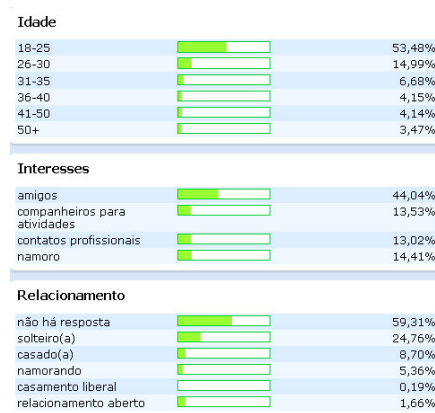


Figura 3: Dados demográficos

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#MembersAll> (Acessado em 21/09/2010)

Sobre a grande popularidade do site entre os jovens internautas brasileiros, Inglez (2007:178) expõe que:

Essas estatísticas demonstram a importância que o Orkut vem assumindo entre os internautas brasileiros, especialmente os jovens, o que reforça a necessidade de se fazer estudos sobre as possibilidades interativas presentes na rede, sua produção linguística e o seu papel social.

Tendo apresentado dados estatísticos sobre o Orkut, que servem a um só tempo para contextualizar o tema desta pesquisa assim como para demonstrar sua relevância, na seção a seguir passa-se a uma descrição de suas características gerais.

#### 2.4.2 – Características Gerais

A fim de integrar a Rede Social, o internauta preenche um cadastro padrão, fornecendo algumas informações pessoais, fornecidas pelo site ou redigidas pelo próprio. Tais informações compõem o seu perfil, que é dividido em três partes: social, profissional e pessoal.

As informações sócias são referentes à idade do usuário, seus interesses, relacionamento, opção sexual, posição política e religiosa, etnia, país e cidade de origem, além de gostos pessoais (filmes, música e culinária de preferência) e de uma descrição sobre *Quem é você*. Nesse item, as pessoas redigem um texto sobre si, postam letras de música, poemas, declaração de amigos ou ainda fotos e charges, vídeos etc.. No perfil profissional há informações sobre carreira, instituição

de ensino e grau de escolaridade. E, por fim, em seu perfil pessoal há características físicas e interesses pessoais. Todo membro possui uma página padronizada, como a da figura 4:



Figura 4: Perfil do Usuário

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Profile> (Acessado em 21/09/2010)

O usuário pode configurar sua página principal com determinada cor ou tema. Há, na parte superior, uma foto que o identifica (algumas pessoas colocam desenhos ou imagens com que se identificam, em vez de sua própria imagem), assim como uma mensagem e suas principais informações pessoais (nome, data de aniversário e idade – sendo essas duas últimas divulgadas ou não, de acordo com a preferência do internauta). Na parte esquerda há uma propaganda, os amigos do internauta, as comunidades a que ele se filia e aplicativos (que podem ser jogos, músicas, carteira de sócio de clube esportivo etc.).

Um internauta pode interagir de vários modos no *Orkut*. Ele pode postar uma mensagem pessoal de até 140 caracteres que aparece no alto de seu perfil e que é disponibilizada a todos os seus amigos – ou grupos deles – em tempo real; há a opção de enviar recados pessoais a certa pessoa; é possível enviar uma mensagem a grupos de amigos; comentar suas próprias fotos ou de outrem; escrever depoimentos a um colega; participar de jogos com pessoas amigas ou

desconhecidas; responder a enquetes de comunidades ou, ainda, participar de fóruns de discussão das comunidades.

De todas as formas de interação que esse internauta possui, a que interessa a essa pesquisa é a interação via comunidade virtual. As comunidades são compostas por pessoas que compartilham de um interesse, opinião, gosto etc. .Elas tem por intuito reunir pessoas, a fim de que essas possam dividir suas experiências, opiniões, informações.

A prática do debate, que parte da conversação, é já conhecida, mas devemos considerar as diferenças que o suporte eletrônico impõe a ela. Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2003:281) postula a diferença entre gêneros discursivos primários e secundários. O autor afirma que:

esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios.

Haveria, assim, uma transmutação do gênero conversa a partir do momento em que ele é digitado em meio virtual. Há, de seu gênero primário, participantes que pretendem falar sobre algo. Todavia, quanto ao gênero fórum de discussão, esse assunto é pré-definido e, caso algum participante não o respeite, pode ser excluído do debate. A discussão não ocorre necessariamente em tempo real, afinal, um internauta pode reiniciar uma discussão horas, dias, meses ou até anos depois dela ter sido criada.

É inegável que a tecnologia do computador, em especial com o surgimento da internet, criou uma imensa rede social (virtual) que liga os mais diversos indivíduos pelas mais diversificadas formas numa velocidade espantosa e, na maioria dos casos, numa relação síncrona. Isso dá uma nova noção de interação social.

## 2.5 – Conclusão

Este capítulo dedicou-se a contextualizar o tema desta pesquisa, introduzindo considerações históricas sobre a concepção de gênero textual; a concepção de gênero adotada nesta pesquisa, a partir dos pressupostos da ACD; considerações sobre gêneros digitais e seus suportes; e apresentou, ainda, informações sobre o Orkut.

Tendo contextualizado o tema desta pesquisa neste capítulo e apresentado seus pressupostos teóricos no capítulo anterior (dois), no capítulo seguinte passa-se à descrição da Metodologia adotada para desenvolvimentos desta pesquisa.

### 3 CAPÍTULO 4 - METODOLOGIA

Neste capítulo, explicitam-se os procedimentos norteadores desta dissertação, que visa delinear como a qualidade literária é valorada pelos leitores que interagiram na internet no ano de 2009 discutindo o assunto. Primeiramente, apresenta-se o recorte do material de pesquisa (*corpus*), com as devidas motivações para tal. Em seguida, discriminam-se os procedimentos adotados durante a investigação. Por fim, explicam-se os métodos de pesquisa escolhidos e os métodos norteadores de análise.

#### 3.1 - O recorte: Os fóruns de discussão do Orkut

Há vários espaços em que são realizadas discussões ou considerações acerca da literatura: Universidades, revistas especializadas, colunas literárias em jornais, Blogs especializados, Clubes do Livro etc.. No entanto, a escolha por fóruns de discussão do Orkut foi realizada por alguns motivos especiais.

A princípio, o Orkut é uma rede social bastante popular no Brasil, agregando milhares de usuários. Suas comunidades reúnem pessoas que compartilham interesses e/ou ideias e essas podem discutir inúmeras questões sobre determinado assunto.

A escolha do site de relacionamentos *Orkut* em detrimento das demais alternativas ocorreu devido a abrangência desse, em que as pessoas interagem por motivos diversos. Um internauta pode acessá-lo por diversificados motivos e interagir com pessoas diversas, de modos diversos. Devido a tal espontaneidade interativa, considera-se válido eleger o *Orkut* nossa ferramenta de estudo em detrimento das demais opções.

A escolha de tal rede social se deu por conta da participação espontânea dos leitores ao discutir literatura. O *Orkut* é um espaço cibernético aberto a discussões de diferentes naturezas. Portanto, o internauta não acessa o espaço com uma finalidade específica de discussão e /ou interação.

A maioria das comunidades genéricas sobre literatura e leitura é aberta, ou seja, não exige aprovação mediada. A escolha de tal suporte deve-se a participação espontânea dos leitores ao discutir literatura. O *Orkut* é um espaço cibernético

aberto a discussões de diferentes naturezas. Portanto, o internauta não acessa o espaço com uma finalidade específica de discussão e /ou interação.

Tal pesquisa é relevante por pretender mapear quais são as idéias e qual a ideologia que perpassa a concepção de literatura de qualidade e como esta vem sendo contestada. A Internet vem se firmando como um novo espaço de interações sociais e, portanto, há, ainda, muito a ser estudado. Todavia, por abrigar as mais diversas pessoas, de diferentes lugares, idades, culturas, mas com um interesse comum (a literatura), torna-se um meio válido de investigação.

### **3.2 - Critérios de constituição do corpus**

A fim de selecionar o corpus que compõe essa dissertação, foi realizada uma busca em ferramenta apropriada do site *Orkut*. Tal procura continha os seguintes itens: *literatura de qualidade*. A partir dos resultados obtidos, houve uma análise a fim de que as discussões mais produtivas quanto à discussão do tema fossem utilizadas.

Tal busca, em seu geral, resultou em muitas discussões acerca de obras, e principalmente autores específicos, o que não era objetivo de análise dessa pesquisa. Observou-se que tal busca resultava em muitas discussões sobre os méritos ou não das publicações de Paulo Coelho, Augusto Cury, Machado de Assis e Guimarães Rosa, principalmente.

Não obstante, nosso objetivo é investigar como os internautas valoram a *literatura de qualidade* e não seus julgamentos específicos de autores ou apreciação de obras. Portanto, os resultados acima descritos não foram por nós utilizados. Assim, selecionaram-se três discussões que foram coletadas até 05/01/2010, 09h58min. São elas: “Leitura difícil é sinal de qualidade?” da comunidade *Literatura*; “Qualidade do texto literário” da comunidade *Discutindo... Literatura* e “O que é um ‘bom’ texto literário para você”, também da comunidade *Literatura*. Acredita-se que tais tópicos de discussão são bastante representativos das discussões com o perfil que se procurava.

Ressalta-se que, como a participação dos usuários está permanentemente aberta a novas colaborações dos internautas a partir do momento da publicação de

cada tópico de discussão, o número de comentários apresentado corresponde às mensagens publicadas até a data de corte especificada anteriormente.

Optou-se por manter, *ipisis literis*, os comentários, fotos e nomes dos internautas por se entender que sua participação nos tópicos de discussão era espontânea e pública, ou seja, qualquer pessoa pode ter acesso aos seus comentários nos tópicos investigados.

Para facilitar a identificação e a referência aos comentários, optou-se por numerá-los e identificá-los da seguinte maneira: Cada um dos tópicos de discussão foram denominados AMOSTRAS, sendo a AMOSTRA 1 referente ao tópico “Leitura difícil é sinal de qualidade?”; a AMOSTRA 2 designando o tópico “Qualidade do texto literário” e, por fim, a AMOSTRA 3 representando o tópico “O que é um ‘bom’ texto literário para você”. Em seguida, por um número que indica o momento de sua publicação em ordem cronológica. Assim, o comentário “AMOSTRA1-1” se refere à primeira reação de um leitor à postagem publicada na discussão “Leitura difícil é sinal de qualidade?” da comunidade *Literatura*. Todos os comentários considerados nesta dissertação estão disponíveis nos Anexos para eventuais consultas, sendo identificados de acordo com as legendas acima.

### 3.3 - Descrição do corpus

Após delimitação e seleção do corpus, chegou-se à sua constituição final, como descrita a seguir e constante dos Anexos desta Dissertação:

QUADRO 1: Descrição do corpus

Tópico de discussão	Comunidade	Identificação	Data de coleta	Data do comentário inicial	Data do comentário final <sup>18</sup>	Número de palavras	Número de participantes
“Leitura difícil é sinal de qualidade?”	<i>Literatura</i>	AMOSTRA 1 (A1)	15/07/2009	13/03/09	20/03/09	1.523	Dezenove
“Qualidade do texto literário”	<i>Discutindo... Literatura</i>	AMOSTRA 2 (A2)	15/07/2009	30/04/06	26/05/06	3.016	Seis
“O que é	<i>Literatura</i>	AMOSTRA 3	05/01/2010	19/12/09	24/12/09	1.754	Doze

<sup>18</sup> Até a data de coleta.



---

um 'bom'		(A3)			
texto					
literário					
para você"					

---

### 3.4 – Tratamento conferido aos dados

A análise das amostras foi manual e qualitativa, haja vista o cuidado com a análise e interpretação dos dados coletados à luz da LSF e ACD, tendo sido julgado não pertinente a adoção de critérios quantitativos, em vista do tamanho reduzido do corpus e dos objetivos da pesquisa, centrados no levantamento de representações sobre o conceito de 'boa' (ou 'má') literatura em fóruns de discussão.

A pesquisa foi desenvolvida da seguinte forma. Em primeiro lugar, foi feita uma análise preliminar do corpus para identificação das categorias analíticas, dentre aquelas que provê o quadro teórico adotado, consideradas produtivas para os propósitos da pesquisa.

Neste momento, observou-se a farta ocorrência de Apreciação e de Afeto nas três amostras, além de algumas ocorrências de Julgamento. A partir daqui, foi decidido que apenas as categorias da Atitude seriam suficientes para o levantamento de marcas que apontassem para as diferentes concepções de literatura reveladas no corpus. Foi assim descartada a possibilidade de se trabalhar com as outras dimensões da Valoração (Engajamento e Gradação) como foco principal desta pesquisa, embora não esteja proscrita a possibilidade de serem feitos comentários incidentais sobre essas categorias no decorrer da pesquisa.

Entendeu-se, a partir deste momento, que a ocorrência de Apreciação poderia ser entendida como marca de uma concepção de literatura imanentista, presa às qualidades formais do texto literário. Não obstante, as ocorrências de Afeto ao se analisar o objeto literário apontavam para um dado novo, para uma peculiaridade das discussões literárias online.

No caso de Afeto e Apreciação como marcas de leituras pessoais ou leituras imanentistas do texto literário, observa-se que as mesmas são afetadas por representações consolidadas nas discussões sobre literatura em outros fóruns de discussão. Quanto a Julgamento, que teve pouca, mas significativa ocorrência, decidiu-se que o mesmo poderia ser interpretado como marca de uma

representação de critérios propostos pelos leitores internautas, a partir de suas representações de senso comum sobre a literatura.

No entanto, estas eram apenas hipóteses de trabalho, que precisavam ser respaldadas pela análise das três amostras.

### **3.5 - Conclusão**

Neste capítulo, apresentou-se o corpus de pesquisa, seguido de algumas considerações sobre o que motivou a escolha do Orkut como suporte para o estudo do conceito de qualidade literária, tal como proposto por leitores internautas.

Em seguida, apresentaram-se os critérios adotados na constituição e na delimitação do corpus, que foram critérios temáticos e temporais, estabelecidos a partir dos objetivos da pesquisa: mapear as representações sobre boa literatura num fórum de discussões (no caso do primeiro critério) e delimitar temporalmente a discussão para viabilizar a análise (no caso do segundo critério). O corpus foi então descrito, da forma como consta nos Anexos desta pesquisa.

Finalmente, procedeu-se à apresentação do tratamento conferido aos dados, com breves considerações sobre a natureza da pesquisa, sobre a forma como se elegeram as categorias analíticas para o desenvolvimento da pesquisa e como as mesmas foram utilizadas.

Tendo apresentado o quadro teórico e a metodologia da pesquisa nos capítulos anteriores, no próximo passa-se ao levantamento de dados, às análises e às interpretações dos dados.

#### 4. “BOA É A QUE EU GOSTO; RUIM A QUE EU NÃO GOSTO” – A TEORIA DA VALORAÇÃO E A QUALIDADE LITERÁRIA

Neste capítulo procede-se à análise dos dados encontrados no corpus de acordo com os preceitos da Teoria da Valoração. A seguir, segue o QUADRO 2, com o resumo de informações básicas de cada uma das amostras do corpus.

QUADRO 2

Amostra	Discussão iniciada em	Data do último comentário <sup>19</sup>	Coletada em	Número de palavras	Internautas participantes <sup>20</sup>	Nomes dos internautas <sup>21</sup>
1	13/03/09	20/03/09	15/07/2009	1.523	Dezenove	Mestre Maurício, Reynaldo, Dani, Henrique, Marci, Rogério, André, Reinaldo, Calinka, Altair, João Otávio, Roderic, Daniel, Shalders, Emiliano, letras - Ufba, Sr. Silas, Ivana, Rodrigo
2	30/04/06	26/05/06	15/07/2009	3.016	Seis	Rodrigo Leão, Claudinha, Luciana, Claudio, Lohanna, Benjamim
3	19/12/09	24/12/09	05/01/2010	1.754	Doze	Violeta, José Geraldo, LOH, Lucas D.Assis, Flor, Nicole, Jaque, S.O.S, Jade, Leo Maiden..., Antonio, Rândal Logan

<sup>19</sup> Data do último comentário realizado até a data de coleta do corpus

<sup>20</sup> Número de participantes cujos comentários encontravam-se disponibilizados no momento de coleta do corpus. Percebe-se que alguns internautas retiraram seus comentários.

<sup>21</sup> Por ordem de postagem de comentários no tópico de discussão

Em um primeiro momento, são introduzidos breves comentários sobre nossas expectativas prévias à análise dos dados, quais eram nossas expectativas iniciais, e aquilo que de fato foi encontrado. Em seguida, são expostos os dados que compõem a AMOSTRA 1 referente ao tópico “Leitura difícil é sinal de qualidade?”; depois, são expostos os resultados obtidos na AMOSTRA 2, que se refere ao tópico “Qualidade do texto literário” e, por fim, será analisada a AMOSTRA 3, que representa o tópico “O que é um ‘bom’ texto literário para você”.

O primeiro tópico conduz a uma discussão majoritariamente estética do objeto literário. No segundo tópico, os internautas expõem argumentos sobre em que consistiria a qualidade literária. Já o terceiro tópico consiste em uma reflexão dos internautas sobre a importância de uma literatura que abrange o grande público em oposição aos clássicos literários.

Ao determinar como objetivo de estudo investigar o que é a qualidade da literatura, de acordo com os leitores que debatem em sites de relacionamento, esperava-se que nosso corpus contivesse, basicamente, atitudes codificadas lexicogramaticalmente na dimensão de *Apreciação*, de modo majoritário, haja vista que nossas leituras sobre o tema corroboravam a ideia de que a *Apreciação* é a categoria que se sobressai em análises metaliterárias. Sobre a avaliação literária em resenhas Carvalho (2006:185) discorre que

Nos deteremos aqui no subsistema da *atitude*, que dá conta da opinião expressa pelo resenhista acerca do livro ou do desempenho do autor. Das três variáveis deste subsistema, nos concentraremos nas categorias de *Apreciação* e *Julgamento*, visto que as resenhas analisadas indicam que o resenhista procura expressar sua opinião em termos que tenham apelo menos emocional (característica do Afeto) e mais intelectual, mesmo quando a resenha é laudatória. Além deste motivo, de importância talvez mais significativa é o fato de o objeto da resenha restringir o tipo de atitude que se encontra nas amostras: por tratar-se da avaliação do conteúdo de um livro (ou seja, avaliação de *texto*) e do escritor e sua performance, a expressão de *apreciação* e de *juízo* ocupa lugar de destaque.

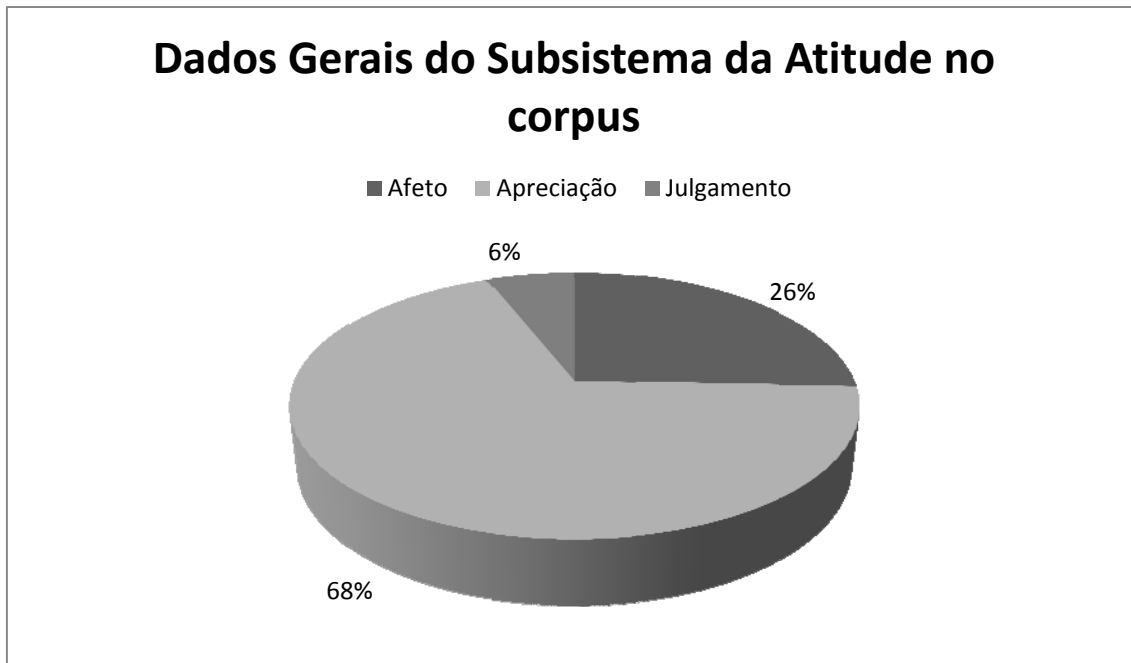
Portanto, um resenhista, um crítico literário institucional, opina de modo menos emocional ao expor sua avaliação ao público. Seus critérios de avaliação são intelectuais e não emocionais, de modo geral.

Os números gerais<sup>22</sup> sugerem que a hipótese inicial estava certa quanto à predominância de *Apreciação* ao avaliar a qualidade literária (ver GRÁFICO 1). Todavia, foi com surpresa que se percebeu que tais interações cibernéticas valoram a literatura com bastante Afeto e menos *Julgamento*. Esse é um dado novo e

<sup>22</sup> Ao todo foram 117 ocorrências relativas ao subsistema da Atitude em nosso corpus. Foram 80 registros de *Apreciação*, 30 de Afeto e apenas sete de *Julgamento*.

relevante desse tipo de avaliação literária no ciberespaço. Embora haja uma tentativa de avaliação imparcial da literatura ou obra literária, há apelo emocional por parte dos leitores ao avaliar a qualidade da literatura. O gráfico abaixo apresenta, de forma sinótica, estes resultados:

GRÁFICO 1



Os dados do gráfico sugerem que é imperativa a atitude apreciativa dos leitores ao debater a qualidade da literatura nas redes sociais. O internauta tenta se posicionar como um crítico de arte ao realizar suas ponderações, tentando resguardar seu Afeto e Julgamento, de um modo geral.

Não obstante, o Afeto se faz bastante presente, fato que diferencia o tipo de atitude avaliativa do leitor que expõe suas ideias na internet do avaliador dos espaços institucionais. Essa é a novidade que essas práticas nos trazem quanto ao discurso sobre a literatura. O leitor expõe suas opiniões, ora fazendo o papel de um crítico literário, ora relatando seus sentimentos sobre a literatura e sua qualidade.

Interessante notar que o julgamento de autores específicos não se faz preponderante no corpus, mas isso se deveu, principalmente, ao recorte realizado no momento da coleta dos dados. Optou-se por selecionar discussões que não recaiam sobre a obra específica de determinado autor, haja vista que nosso objeto de análise é a qualidade literária.

Quanto à polaridade, observou-se uma maior tendência à positiva do que à negativa. Todavia, a categoria que mais possui ocorrências positivas é a Apreciação,

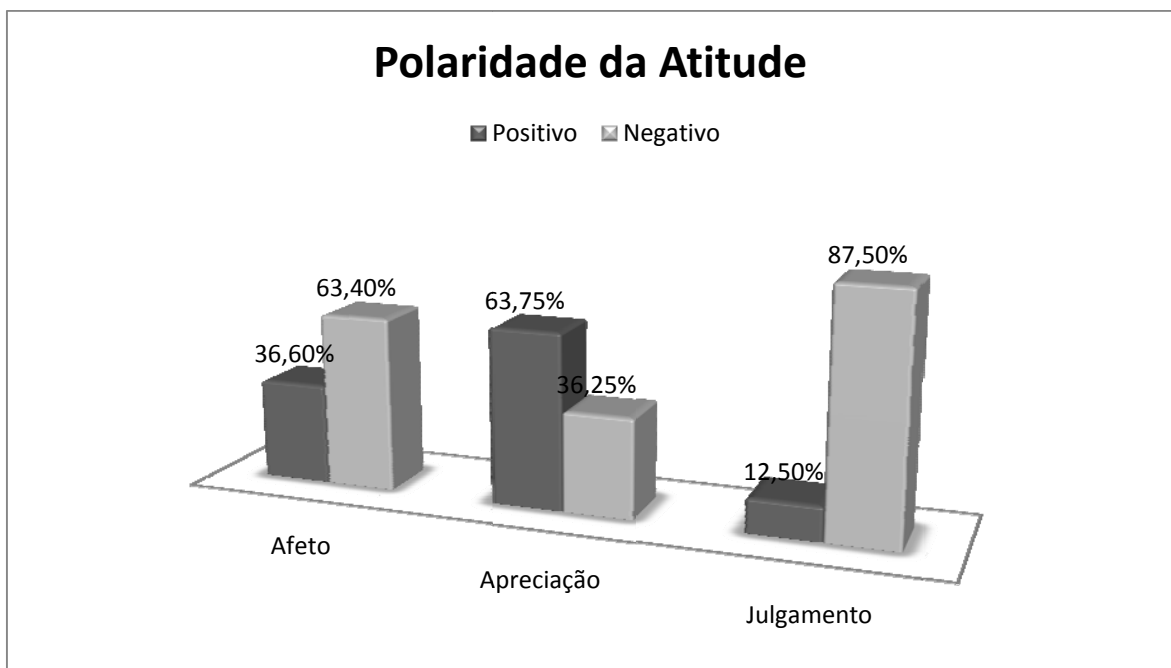
que domina o corpus, opositivamente ao Afeto e ao Julgamento, que possuem mais ocorrências de polaridade negativa. No Quadro abaixo, apresentam-se os dados relativos à polaridade levantados na pesquisa:

QUADRO 3

		Atitude					
		Apreciação		Afeto		Julgamento	
Polaridade		Positiva	Negativa	Positivo	Negativo	Positivo	Negativo
			51	29	11	19	1

Como a tabela acima e o gráfico abaixo sugerem, ao manifestar Afeto e Julgamento, há uma tendência maior por parte do internauta de que tais atitudes sejam negativas, opositivamente à Apreciação, que tende a ser positiva. O gráfico a seguir complementa estes resultados:

GRÁFICO 2



Tais dados sugerem que o internauta tende a avaliar mais a qualidade literária ou a literatura do que julgar um autor específico e que suas avaliações conceituais tendem a ser mais positivas do que negativas. Ao manifestar suas concepções sobre em que consiste a qualidade do texto literário, o leitor revela o que lhe agrada, o que é bom para ele, em detrimento do que ele avalia como literatura ruim, vulgar. A Apreciação da qualidade literária é, de modo geral, positiva.

Durante as análises das amostras individualmente observa-se como as atitudes de Apreciação, Afeto e Julgamento são manifestadas em cada uma das amostras, observando também as polaridades que assumem de acordo com os direcionamentos de cada discussão. Por enquanto, prossegue-se com a apresentação dos dados mais abrangentes do corpus como um todo, como no Quadro 3 a seguir:

QUADRO 4 - Ocorrências de Apreciação no corpus

Positiva	51	63,75%
Negativa	29	36,25%
Total	80	100%

Como apontado anteriormente e indicado pelo quadro apresentado, a Apreciação no corpus como um todo tende a localizar-se na polaridade positiva. Um bom exemplo de como ocorre a Apreciação em nosso corpus se encontra no comentário do internauta Rodrigo Leão, participante da discussão “Qualidade do texto literário”, segunda AMOSTRA analisada.



30/04/06

Rodrigo Leão

**Jorge Amado é do mesmo patamar de Paulo Coelho sim**

Ambos produziram a chamada "literatura de massa". A única diferença é que Jorge Amado é hoje mais aceito em "alguns" meios. Mas na maioria das universidades estudos sobre Jorge Amado não são só refutados como desprezados. Quando cito alguém, é porque utilizo-me de algo chamado "discurso de autoridade", afinal o que vale minha opinião se ela vai de encontro à opinião de todos os críticos? A não ser que eu seja uma autoridade que tenha publicado inúmeros trabalhos sobre o assunto. Por enquanto não.

Você por acaso saberia me dizer desde quando a literatura de cordel é considerada de qualidade, desde quando é estudada. Desde a década de 90! Ou seja, só recentemente ela vem sendo estudada e aceita pelos críticos. Até então ela estava no patamar mais rasteiro: era considerada puro lixo. Procure trabalhos científicos sobre ela antes de 90 e verá. Sem falar que mesmo sendo estudada, mesmo sendo valorizada pela academia, a literatura de cordel continua com sua característica popular... estudá-la é estudar uma produção popular.

Este é um exemplo de como ocorre a Apreciação da qualidade literária no corpus. O título do comentário de Rodrigo Leão é apreciativo quanto ao Valor da

obra literária de Jorge Amado comparativamente à obra de Paulo Coelho (“Jorge Amado é **do mesmo patamar** de Paulo Coelho sim” [A2-12]) e foi por nós observado que constantemente os internautas utilizam escritores como exemplos do que é de qualidade e do que não é. O leitor prossegue fazendo uma Avaliação de Valor ao escrever que “Ambos produziram a chamada **“literatura de massa”** [A2-13]” e “Até então ela estava no patamar mais rasteiro: era considerada puro lixo.”, todas de polaridade negativa. Tal polaridade de sua Avaliação de Valor só muda e se torna positiva quando ele afirma que “a literatura de cordel continua com sua característica popular [A2-14]”. Nota-se que o vocábulo “popular” assume as duas polaridades no discurso de Rodrigo: se, por um lado, popular é ruim quando se trata da temática do texto literário de Jorge Amado e Paulo Coelho, por outro “popular” é positivo quando se trata da literatura de cordel.

Nossos dados sugerem que, diferentemente do que ocorre ao apreciar a qualidade literária, ao julgar um escritor, os internautas se posicionam mais negativamente do que positivamente, como parecem indicar os números a seguir:

#### QUADRO 5 - Ocorrências de Julgamento no corpus

Positiva	1	12,5%
Negativa	7	87,5%
Total	8	100%

Como anteriormente explicado, a baixa incidência de Julgamento no corpus se deveu ao recorte realizado, de modo que não fossem privilegiadas análises da obra de um ou outro escritor. Os exemplos de Julgamento do corpus se referem a escritores em geral. Observa-se, no quadro apresentado, que o Julgamento tende a ser mais negativo (87,5%) do que positivo (12,5%). Observa-se um exemplo retirado da AMOSTRA 1 do corpus [A1-1], referente ao tópico “Leitura difícil é sinal de qualidade?” em que o internauta Mestre Maurício abre as discussões sobre a leitura difícil e a qualidade literária:



13/03/09  
Mestre Maurício  
Não, **de** modo algum.

Tem autor difícil que é mera armação, intelectualóide...



Seu Julgamento é de polaridade negativa quanto a Sanção Social e Veracidade: as lexicalizações ‘armação’ e ‘intelectualóide’ codificam um julgamento negativo do escritor. Segundo o internauta, muitos escritores escreveriam de modo difícil a fim de parecerem bons, mas na verdade não o são.

A exemplo do que ocorre com a categoria do Julgamento, os internautas revelam uma tendência maior a esboçar Afetos negativos do que positivos. Muitos dos registros de afeto por nós encontrados eram, não obstante, manifestados em 3ª pessoa. Os números apresentados a seguir sustentam tal afirmativa.

#### QUADRO 6 - Ocorrências de Afeto no corpus

Positiva	11	36,6%
Negativa	19	63,4%
Total	30	100%

O quadro sugere que, de acordo com os dados coletados, é considerável a diferença entre manifestações de Afeto positivo e negativo no corpus. Os internautas costumam manifestar muito mais seu descontentamento quanto à qualidade literária, ou seja, exprimem muito mais seus sentimentos de desgosto, desgosto e repúdio do que de satisfação. Analisa-se um exemplo de afeto presente em nossa AMOSTRA 2:



30/04/06

Luciana

Oi gente, poxa o papo entre voces estava mesmo pegando fogo. Bem, primeiro quero dizer que cada um tem a sua opinião e o fato **de** poderem falar sem medo é um grande direito, depois acho que todos tem um pouco **de** razão em tudo que disseram, e dando a minha opinião sobre o tópico, acho que a **qualidade de** um texto pode variar **de** um para outro, dependendo do objetivo do texto. Muitos acham Machado **de** Assis um saco, não entendem e desistem **de** ler, mas podem adorar ler um livro sobre política, por exemplo. Mas o importante é sempre ter o hábito **de** ler. Se voce está na faculdade é diferente, tem que ler um determinado livro, querendo ou não, mas se voce não gostou **de** um determinado autor, pode procurar outro para ajudar o entendimento. Agora determinar se um texto é ruim ou não, é muito complicado, acho que até os grandes mestre encontram dificuldade para isso. Mas se eu fosse destacar um ponto **de** enfoque seria a mensagem do texto, ele tem que transmitir algo, tem que ter sentimento, tem que acrescentar algo a quem lê-lo. Um texto vazio é perda **de** tempo pois logo é esquecido. Ufa, concluindo, somos diferentes, **de** repente o que é bom para mim, **de** repente não é tão bom para vc, e quanto a opinião dos críticos, devemos respeitá-las mas nunca levá-las como uma verdade única.

E como confissão devo dizer que já li Paulo Coelho, Cacaú, não se zangue, mas às vezes a gente ler só para passar o tempo. Bjs a todos.

A internauta apresenta Afeto em 3ª pessoa ao escrever que “Muitos acham Machado **de** Assis um saco, não entendem e desistem **de** ler [A2-17], mas podem adorar ler um livro sobre política, por exemplo. [A2-18]”. Luciana não manifesta seu próprio sentimento quanto ao assunto, mas expõe aquilo que julga ser sentido pelos demais (“muitos acham que”). Das duas ocorrências de Afeto no fragmento, uma tem polaridade negativa (“acham Machado de Assis um saco”) e outra tem polaridade positiva (“podem adorar ler ...”).

Conclui-se, de acordo com uma visão global dos dados coletados, que o leitor que debate a qualidade literária nas redes sociais tende a apreciar tal conceito de modo positivo, embora manifeste Afetos e Julgamentos negativos, mais do que positivos.

Tais considerações gerais nos fornecem um panorama do que se observa em nossas análises, se considerar a totalidade dos dados coletados. Contudo, é importante que se observe como chegou-se a tais resultados a partir das condições específicas de produção de cada uma das discussões por nós coletadas. Na seção a seguir, apresentam-se os dados levantados na Amostra 1, seguidos de comentários sobre as relações entre os dados coletados e características da própria amostra, na tentativa de interpretar estes dados.

#### **4.1 – “ÊITA LIVRO DIFÍCIL.” – A REAÇÃO DO LEITOR QUANTO A QUALIDADE DE UM TEXTO DESAFIADOR**

A AMOSTRA 1, cujo título é “Leitura difícil é sinal de qualidade?”, pertence à comunidade *Literatura*. O próprio tópico de discussão já pressupõe a existência de um ideal de qualidade literária, que estaria ou não relacionada à dificuldade de leitura. Observe-se, portanto, que o título do tópico de discussão já revela a ideologia que conecta uma leitura que exige esforço do leitor à qualidade do texto literário.

Perpassa, desde a abertura do tópico de discussão, a ideologia de que um dos critérios para se avaliar um texto literário pode estar relacionado ao esforço que se exige do leitor. Então, a discussão do tópico relaciona, a todo tempo, as

dificuldades que um texto possa apresentar e sua qualidade. Percebe-se que, durante a discussão, os internautas divergem quanto aos seus posicionamentos, porém, há respeito entre eles, a julgar pela forma como expressam suas opiniões, acatando o ponto de vista do outro.

Releva-se primeiro que o fator desencadeador da discussão que levou aos dados encontrados se refere à relação entre a dificuldade que um texto literário apresenta ao leitor e sua qualidade. Os internautas discutiam se um texto difícil é sinônimo de bom.

Como já relatado, foi comum, por parte dos leitores, realizarem expressões metonímicas, em que a referência a determinado autor (considerado “complicado”, veja exemplo abaixo) equivale ao conceito de ‘boa literatura’, ou seja, tais autores representariam a literatura de qualidade como um todo. Um bom exemplo de como tal fato se expressa nas discussões encontra-se no comentário a seguir:



15/03/09

Reynaldo

todos os escritores complicados q eu conheço são bons:

Jean Paul Sartre

Jorge Luis Borges

Júlio cORTÁZAR.

Kafka.

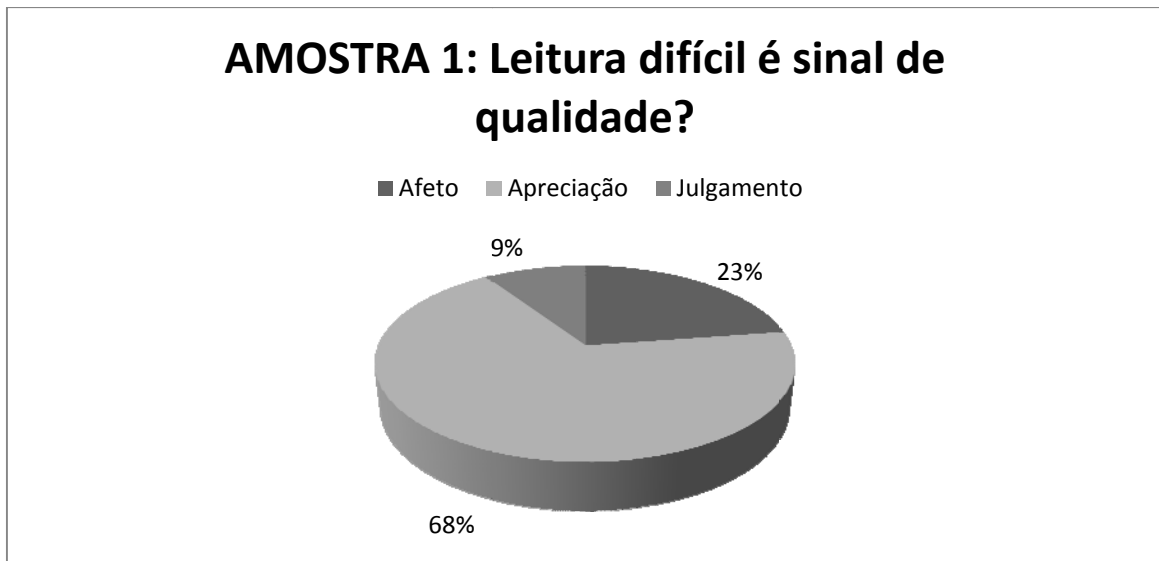
Joyce.

e por aí vai...

Durante toda a discussão, a fim de dizer o que era difícil ou bom, os leitores citavam, principalmente, autores e, minoritariamente, obras. Houve pouca definição por parte dos internautas de em que consistiria a dificuldade de uma obra, do que faria de uma leitura difícil, mas um número expressivo de participantes citou autores e obras a fim de representar o que era difícil ou simples e o que era de boa qualidade.

Observe-se como se encontram distribuídas as categorias do Subsistema da Atitude na Amostra 1.

GRÁFICO 3



A maioria dos internautas posicionou-se Apreciativamente quanto à proposta de discussão, revelando uma posição mais isenta e menos Afetiva, ou Julgadora. Acreditamos que tal posicionamento se deveu à própria proposta do tópico, que induzia a uma análise mais apreciativa da qualidade de um texto literário. Todavia, não se deve ignorar o fato de que houve uma considerável manifestação de Afeto por parte dos internautas, seguida pelo Julgamento. Como exemplo de como ocorreu tal atitude na amostra 1, segue o comentário abaixo.



14/03/09

João Otávio

**Interessante**

É relativo. O que seria o teu difícil? Palavras diferentes?

Acredito que a leitura difícil que muitos consideram, como grandes autores universais é que esta leitura exige que tu pense, interprete, entre na história. Vamos pegar o exemplo **de** Franz Kafka, quando lê a "A Metamorfose" metade do livro é escrito por Kafka, a outra metade é a tua interpretação, exige que tu faça a história também, e as pessoas tem preguiça disto. Você lê hoje "A Metamorfose", depois **de** 10 anos você o pega para ler novamente, e é um livro totalmente novo. Agora se você pega um livro do Sir Arthur Conan Doyle do Sherlock Holmes, a fala **de** Watson e Sherlock vão ser as mesmas, não exige que tu faça alguma interpretação, irá sempre ser a mesma história.

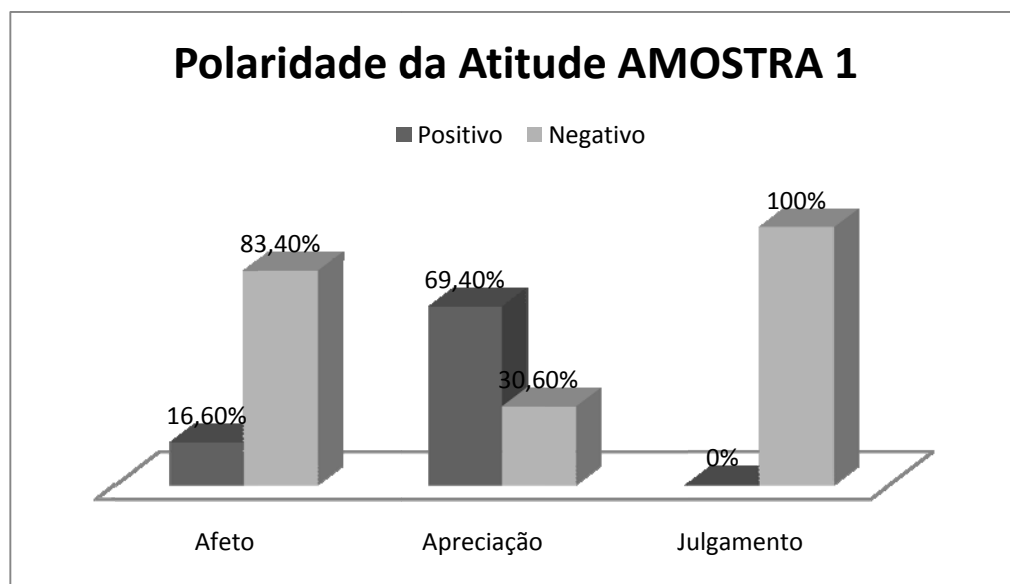
Creio que é esta a diferença para uma leitura difícil da fácil. A primeira necessita que tu faça metade da história - que é a tua interpretação - a segunda não é necessário isso.

Abraço!

O leitor começa indagando o que seria leitura difícil. E completa que os grandes autores apresentam desafios ao leitor, por conta das interpretações que cabem a ele. Para o internauta, desse modo, a leitura difícil é aquela que exige esforço por parte do leitor. Há, no comentário, Apreciações quanto a Composição da obra literária. Primeiramente, João Otávio estabelece que “a leitura **difícil** (...) exige que tu pense, interprete, entre na história.” [A1-36], que constitui apreciação quanto a Composição em seu aspecto de Complexidade, sendo esta avaliada positivamente. Em seguinte, ele estabelece um comentário quanto a Proporção da boa obra literária, sendo também de polaridade positiva<sup>23</sup>. No entanto, João Otávio realiza uma Apreciação negativa quanto a Composição de acordo com a Proporção da obra de Sherlock Holmes no comentário [A1-38]: “a fala de Watson e Sherlock vão ser as mesmas, não exige que tu faça alguma interpretação, irá sempre ser a mesma história.”

Em seguida, se considerar a polaridade, os dados por nós obtidos foram os seguintes:

GRÁFICO 4



O GRÁFICO 4 nos informa que há, por parte dos internautas, um posicionamento positivo quanto à Apreciação da qualidade literária, o que não ocorre quanto ao Julgamento e Afeto, que são manifestados negativamente. Isso significa que ao apreciar a qualidade de uma obra, quanto ao seu padrão estético, o

<sup>23</sup> [A1-37] “metade do livro é escrito por Kafka, a outra metade é a tua interpretação, exige que tu faça a história”

leitor o faz de modo positivo. No entanto, ao Julgar um escritor ou manifestar Afeto, seu posicionamento é negativo. Observa-se um bom exemplo de como tais polaridades se revelam nos comentários dos internautas.



14/03/09

Mestre Maurício

#### LEQUINHO

"Sim, mas a pessoa pode conhecer muito sobre a língua, e mesmo assim ficar difícil interpretar o livro! "

Na minha experiência como leitor **de Literatura**, já tive contato com livros que não foram feitos para serem lidos, foram feitos apenas para que o escritor mostrasse seus dotes técnicos.

Pessoalmente, gosto da simplicidade (Italo Calvino, Tchekov, Oscar Wilde), mas, às vezes, me esforço para ler um Guimarães Rosa ou uma Virgínia Woolf, e vejo que valem a pena. Porém há autores novos e desconhecidos que forçam a barra, tentam escrever a pura técnica e deixam o contar histórias **de** lado. Esses me cansam profundamente...

Em A1-26 “gosto da simplicidade”, há uma polaridade positiva de Afeto como Felicidade. Entretanto, o internauta utiliza o conectivo adversativo “mas” a fim de indicar que realizará uma manifestação contrária a primeira. Então, em A1-27, percebe-se uma manifestação negativa de Afeto em “mas, às vezes, me esforço para ler um Guimarães Rosa ou uma Virgínia Woolf,”, que logo é contraposta a uma Apreciação positiva de Valor quanto a Relevância dessas obras (“E vejo que valem a pena” [A1-28]). Depois, há um Julgamento negativo da Estima Social quanto a Capacidade dos escritores novos em A1-29: “há autores novos e desconhecidos que **forçam a barra**, tentam escrever a pura técnica e deixam o contar histórias de lado”.

Esse comentário é bastante representativo de como observam-se as ocorrências de Atitude na amostra 1. O primeiro fato a ser destacado é que o internauta intercala manifestações de Afeto, Apreciação e Julgamento. Nota-se que a Apreciação realizada é positiva. A polaridade positiva de Afeto manifestada no primeiro fragmento é prontamente confrontada por uma negativa.

Todavia, fato que chama a atenção é o de o leitor consagrar o estilo de escritores como Guimarães Rosa e Virgínia Wolf, afirmando que eles são de difícil compreensão, mas são bons, diferentemente de “alguns autores novos e desconhecidos”. Ora, não são citados nomes dos autores novos e desconhecidos.

Parece que o simples fato de serem novos ou desconhecidos faz com que não sejam bons. Tal manifestação verbal deixa transparecer a ideologia de que o clássico, o cânone, é bom porque é difícil.

Feitas as considerações, observa-se que a Apreciação, de modo geral, é manifestada pelos leitores da seguinte maneira:

QUADRO 7 – CONSOLIDAÇÃO DAS CATEGORIAS DE APRECIAÇÃO NA AMOSTRA 1 DO CORPUS

CATEGORIA	POSITIVO	NEGATIVO	TOTAL DE OCORRENCIAS	PERCENTAGEM
<b>REAÇÃO</b>	8	5	13	<b>36,2%</b>
<b>Impacto</b>	8	4	13	<b>92,3%</b>
<b>Qualidade</b>	0	1	0	<b>7,7%</b>
<b>COMPOSIÇÃO</b>	7	5	12	<b>33,3%</b>
<b>Proporção</b>	2	1	3	<b>25%</b>
<b>Complexidade</b>	5	4	9	<b>75%</b>
<b>VALOR</b>	10	1	11	<b>30,5%</b>
<b>Relevância</b>	4	0	4	<b>36,4%</b>
<b>Originalidade</b>	0	0	0	<b>0%</b>
<b>Outras<sup>24</sup></b>	6	1	7	<b>63,6%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>25</b>	<b>11</b>	<b>36</b>	<b>100%</b>

Nota-se que todas as categorias Apreciativas se encontram em equilíbrio de manifestação nessa amostra, havendo pouca diferença da manifestação de maior ocorrência (Reação) para a de menor ocorrência (Valor). Os aspectos de Valor apontados pelos internautas eram outros que não a Relevância ou Originalidade da obra. A seguir há um exemplo de manifestação de Reação de acordo com o Impacto de uma obra sobre o leitor e de Composição quanto à Complexidade de uma obra.



13/03/09

Reynaldo

Grandes Sertões: Veredas ã achei tão difícil, claro q os neologismos contidos nele o tornam um pouco complicado mais a história é tão boa q a leitura flui fácil.

=)

Reynaldo manifesta uma atitude de Apreciação da obra de Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas, que foi bastante comentada durante o tópico, haja vista

<sup>24</sup> A categoria “outras” inclui aspectos valorados pelos internautas que não puderam ser enquadrados nas categorias de “Relevância” ou “Originalidade”, justamente por diferirem desses. Todavia, ao julgarmos importante ressaltar o aspecto valorado pelo participante, o faremos.

que é uma obra considerada bastante complexa, difícil de ser lida, pelos internautas. Ele apresenta um contra-discurso sobre a obra, afirmando que não seria ela de difícil leitura, embora os neologismos de Rosa sejam um dificultador.

Primeiramente, o leitor codifica a Apreciação da obra na forma de uma Reação de Impacto positivo, ao apresentar a seguinte afirmação: “Grande Sertão: Veredas ñ achei tão difícil” [A1-8]. Depois, ele avalia o autor na dimensão de Composição da obra, de acordo com sua Complexidade, a primeira de polaridade negativa (“os neologismos o tornam um pouco complicado” [A1-9]), contraposta por uma de polaridade negativa (“a história é tão boa” [A1-10]). Por fim, seu comentário apresenta mais uma Reação de Impacto positivo (“a leitura flui **fácil**” [A1-11]). Ao construir uma posição valorativa pessoal sobre o autor (“não achei tão difícil”), Reynaldo acolhe o discurso de senso comum segundo o qual este seria um autor difícil (“claro que os neologismos o tornam um pouco complicado”) para a partir daí justificar sua posição valorativa (“a história é tão boa que a leitura flui fácil”).

Um fragmento da AMOSTRA 1 em que se observa a ocorrência de Apreciação de Valor é a seguir apresentado:



14/03/09

Calinka

Quanto ao Grande Sertão: Veredas, to lendo ele agora.

To achando muito bom, e tem horas que eu viajo na história. Mas é um livro um tantão cansativo, não é daqueles que você fica com dó **de** terminar logo. Parece que eu leio, leio, e quando eu vi, não li dez paginas. Mas to firme e forte. Vou terminar, nem que eu tenha que renovar 215 vezes na biblioteca.

Há Apreciação de Valor positiva por parte da leitora ao afirmar “To achando muito bom” [A1-20] e uma Reação negativa quanto ao Impacto da obra no comentário “Mas é um livro um tantão cansativo, não é daqueles que você fica com dó **de** terminar logo.” [A1-22,23]. No fim do turno da internauta há uma manifestação de seu Afeto implícito ao demonstrar sua Insatisfação quanto à dificuldade que sente para ler o romance (“Parece que eu leio, leio, e quando eu vi, não li dez paginas” [A1-24]). Tal posicionamento reforça a avaliação negativa da participante.

Observou-se ainda que os internautas costumam registrar suas avaliações de modo muito parecido com o que fez Calinka, a internauta do fragmento anterior.



Após uma contemplação Apreciativa, segue uma manifestação de Afeto do leitor acerca do livro em questão. Os dados da amostra em questão nos fornecem as seguintes informações sobre o Afeto no tópico de discussão:

QUADRO 8 - CONSOLIDAÇÃO DAS CATEGORIAS DE AFETO NA AMOSTRA 1 DO CORPUS

CATEGORIA	POSITIVO	NEGATIVO	TOTAL DE OCORRENCIAS	PERCENTAGEM
FELICIDADE	0	0	0	0%
SEGURANÇA	0	2	2	16,6%
SATISFAÇÃO	2	8	10	83,4%

O quadro indica que, nesta amostra, a expressão de Afeto distribui-se entre as categorias de Segurança e Satisfação, com nenhuma ocorrência de Felicidade. Por outro lado, Satisfação predomina em relação a Segurança. Por isso, o comentário de Calinka (internauta do fragmento anterior) expressa bem a maior ocorrência de Afeto na Amostra 1, na sua dimensão de Satisfação de polaridade negativa. Houve, em bem menor escala, a presença de polaridade positiva do Afeto como Satisfação, seguida de Insegurança, cujo exemplo observa-se no fragmento discursivo a seguir:



13/03/09

Dani

Depende

Temos que saber o que esse livro nos reserva pra nós. Grande Sertão Veredas por exemplo é **de** uma leitura difícil, mas valeu a pena ler ele todo.

Ulysses do Joyce ainda não criei coragem, mas já ouvi falar muito bem. E quem falou tem base suficiente pra isso, ja que é um especialista em **Literatura**.

Mas pra ficar mais claro a pergunta: pq vc não fala por exemplo algum livro que tenha achado **de** uma leitura difícil, pra que as respostas não sejam mto vagas...

O enunciado “Ulysses do Joyce ainda não criei coragem” [A1-6] é um bom exemplo do sentimento de Insegurança manifestado pela leitora, codificado lexicogramaticalmente num processo verbal de polaridade negativa (“não criei coragem [para ler Joyce]”). A avaliação implícita de Joyce como um autor “difícil” é subordinada à expressão de Afeto negativo. As outras atitudes valorativas de Dani realizam-se, lexicogramaticalmente, como Apreciação na dimensão de Composição / Complexidade negativa (“Grande Sertão Veredas por exemplo é **de** uma leitura difícil” [A1-4]); e como Valoração de Relevância positiva (“mas valeu a pena ler ele

todo.” [A1-5]). Considera-se que o enunciado “valeu a pena” constitui Valoração de Relevância positiva por ser uma expressão que revela a atenção que a obra merece por parte do leitor.

Importante perceber que a internauta, a fim de amparar seu argumento de que Ulysses é o tipo de obra de Relevância literária, não apresenta sua percepção sobre a obra, haja vista que a própria afirma não ter tido coragem de lê-lo. Todavia, ela traz a voz de uma pessoa autorizada a falar sobre o livro, diz que o livro é bom porque quem o disse era um “Especialista em Literatura” e, por isso, tinha respaldo para realizar tal consideração.

É muito comum, em espaços cibernéticos de discussão, as pessoas buscarem colaboração dos demais participantes a partir de menção a títulos ou a partir de vozes de autoridades. Ao dizer que Ulysses é bom porque um especialista em literatura o disse, parece que a questão do Valor da obra é inerente e que nada mais precisa ser dito a fim de que tal relevância seja provada. Dizer quais os critérios para considerar Ulysses uma obra de relevância torna-se desnecessário, a partir do momento em que Dani argumenta que quem o disse era um especialista.

Como, em um fórum de discussão online, questionar a voz de uma autoridade? Vislumbra-se que é comum em tais práticas os internautas se portarem de forma assimétrica em relação a outros a fim de que suas opiniões sejam respeitadas, não-contestadas. Na AMOSTRA 1, encontrou-se alguns participantes que se distanciam dos outros até por seus nomes, por meio dos quais representam-se como superiores (Mestre Maurício e letras - Ufba), de acordo com as fotos de seus perfis ou se referindo aos próprios títulos.

Por fim, mas não menos importante, o Julgamento se faz presente nessa AMOSTRA, conforme nos mostra o próximo quadro.

#### QUADRO 9 – CONSOLIDAÇÃO DAS CATEGORIAS DE JULGAMENTO NA AMOSTRA 1 DO CORPUS

CATEGORIA	POSITIVO	NEGATIVO	TOTAL
<b>ESTIMA SOCIAL</b>	0	2	40%
Normalidade	0	0	0
Capacidade	0	2	100%
Tenacidade	0	0	0
<b>SANÇÃO SOCIAL</b>	0	3	60%
Veracidade	0	3	100%
Propriedade	0	0	0

O quadro indica que Julgamento na AMOSTRA em questão ocorre apenas em polaridade negativa e quanto a Estima Social: Capacidade e na dimensão de Sanção Social: Veracidade. Nos fragmentos a seguir, são introduzidos exemplos da realização lexicogramatical da avaliação nestas dimensões de Julgamento.

Como a discussão decorria sobre as dificuldades que uma obra literária pode apresentar a seus leitores, muitos julgaram escritores que escrevem de modo rebuscado, mas, na verdade, seriam fracos e desonestos. Visualiza-se um exemplo de como tal Julgamento ocorre na Amostra a partir do fragmento seguinte [A1-25]:



14/03/09

Henrique

Mas que tem muito falastrão, isso tem.

O comentário de Henrique é prototípico do Julgamento menos presente na amostra, ou seja, é um Julgamento quanto a Sanção Social: Veracidade. O internauta questiona a proeza de escritores que se fazem de difícil leitura, mas na verdade não são bons escritores. Um exemplo do tipo de Julgamento mais presente na amostra está no comentário abaixo:



15/03/09

Shalders,

existem ruins que são complicadíssimos, justamente por falta **de** habilidade do autor. difícil não é sinônimo **de qualidade**, embora muitos livros **de qualidade** sejam complicados.

Inicialmente o participante faz uma análise Apreciativa de Valor negativo (“existem ruins que são complicadíssimos” [A1-39]) para então realizar um Julgamento sobre os escritores que não são hábeis, não são capazes (“justamente por falta **de** habilidade do autor” [A1-40]).

Exibidos os dados referentes à amostra 1, refletimos que o tópico intitulado “Leitura difícil é sinal de qualidade?” conduziu os internautas a revisar o conceito de qualidade literária expressando posições valorativas predominantemente na dimensão de Apreciação, de acordo com a Reação que uma obra literária causa ao

leitor, além de suas características Composicionais e do Valor que os leitores a ela atribuem. Os leitores assumiram, por vezes, uma postura de descontentamento em relação à literatura (ou em relação a determinados autores), expressando verbalmente esta postura na forma de uma lexicalização de Afeto, na dimensão de Insatisfação. Finalmente, assumiram atitudes quanto à honestidade e habilidade de escritores, tendo expressado verbalmente esta atitude valorativa na forma de Julgamento, nas dimensões de Estima Social quanto a Capacidade e de Sanção Social quanto a Veracidade.

A discussão da amostra 1, referente ao tópico: “Leitura difícil é sinal de qualidade?”, priorizava o aspecto formal do texto literário e a reação do leitor quanto a isso. Afinal, uma “leitura difícil” pressupõe um texto que desafia o leitor. O tópico ou seu comentário inicial não definiam o que se entendia por “leitura difícil” para os fins daquela discussão.

Entende-se que a leitura é um ato individual, e, assim, a leitura é a atividade legitimadora da literatura. Se, por um lado, a obra literária é portadora de informações, sentimentos e questionamentos que provocam o leitor, por outro o leitor a ela responde formulando novas questões, num movimento contínuo.

Portanto, discussões acerca de uma leitura difícil são aquelas em que leitores compartilham suas percepções individuais acerca dos aspectos que dificultam a leitura de uma obra. Há diferentes percepções acerca de um autor ou de uma obra. Para cada leitor, uma leitura. E a interação não ocorre apenas entre texto leitor, mas sim parte desses para o mundo. Ao interagir dialogando acerca da leitura e literatura, os sujeitos sociais se influenciam mutuamente, a ponto que uma leitura sempre será mediada por uma visão que não a sua. Podemos observar como tal prática se desenvolve a partir dos comentários que seguem.



13/03/09

Reynaldo

Ulysses do Joyce eu tentei ler três vezes e ã consegui.

Êita livro difícil.

=(



13/03/09

Dani

Depende

Temos que saber o que esse livro nos reserva pra nós. Grande Sertão Veredas por exemplo é **de** uma leitura difícil, mas valeu a pena ler ele todo.

Ulysses do Joyce ainda não criei coragem, mas já ouvi falar muito bem. E quem falou tem base suficiente pra isso, ja que é um especialista em **Literatura**.

Mas pra ficar mais claro a pergunta: pq vc não fala por exemplo algum livro que tenha achado **de** uma leitura difícil, pra que as respostas não sejam mto vagas...  
(...)



13/03/09

Reynaldo

Grandes Sertões: Veredas ã achei tão difícil, claro q os neologismos contidos nele o tornam um pouco complicado mais a história é tão boa q a leitura flui fácil.  
=)



13/03/09

Dani

duvido que não teve dificuldades **de** ler as 100 primeiras paginas, eu por exemplo achei um saco, mas passando disso, flui mto bem sim, mas quem não está habituado a ler, dificilmente chegará ao final!

(...)



14/03/09  
Mestre Maurício

**Dani &**

"duvido que não teve dificuldades **de** ler as 100 primeiras paginas, eu por exemplo achei um saco, mas passando disso, flui mto bem sim, mas quem não está habituado a ler, dificilmente chegará ao final! "

As 50 primeiras eu tive vontade **de** tacar fogo no livro. Depois, fluiu que é uma beleza. No fundo "Grande Sertão" é uma grande história **de** aventuras (e das melhores, do tipo inesquecível). A filosofia e a linguagem vem **de** brinde. Se fosse só pela linguagem eu não leria... e releria tantas vezes...

É lugar comum as pessoas se incomodarem com a linguagem do Rosa. Eu me incomodei bastante. Outro com uma linguagem que me incomodou muito, porém é um grande contador **de** histórias também, é o Simões Lopes Neto, autor **de** "Contos Gauchescos" e "Lendas do Sul".

Os leitores compartilham experiências sobre leituras que consideraram difíceis, ou seja, leituras desafiadoras. Observa-se que as opiniões não são unânimes. Reynaldo afirma achar Ulysses, de James Joyce, difícil, enquanto Dani revela seu medo de iniciar a leitura de tal obra. Depois, ela revela sua experiência como leitora de Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa, ressaltando que o livro é muito bom, mas de difícil leitura. Reynaldo, então, ressalva que não teve dificuldades de ler a obra de Rosa, pois apesar da linguagem repleta de neologismos, o romance possui uma boa história. Mestre Maurício completa, então, que teve dificuldade inicial de leitura, contudo, passado o desconforto inicial, a leitura foi muito boa.

Ao compartilharem suas experiências literárias, os indivíduos criam elos sociais e transformam o ato solitário da leitura: ela se torna compartilhada. E compartilhar frustrações ou encantamentos literários no ciberespaço atinge um número inestimável de pessoas – não só os que comentam como aqueles que apenas lêem comentários alheios, sem se pronunciar.

A discussão da amostra 1 foi, por isso, repleta de exemplos do que era ou não uma leitura difícil ou simples para o leitor e a questão da qualidade perpassava os comentários. Muitos autores e obras foram citados, assim como houve Julgamentos genéricos sobre escritores, sem que nomes fossem citados. Nessa amostra, entende-se que os leitores percebem como 'difícil' um texto com apuro linguístico, em que se utilizam figuras de linguagem ou neologismos.

Houve, nessa amostra, apenas cinco casos de Julgamento, todos negativos. Isso ocorreu porque os leitores que o fizeram culpabilizaram escritores por escreverem de modo obscuro, mas sem que a linguagem rebuscada fosse justificada. Assim, observa-se que as ocorrências de Julgamento no corpus estão presas à questão da leitura ("fácil" ou "difícil"), ligada a argumentos que colocam em questão o cânone, ou escritores consagrados pela crítica.

Quanto ao Afeto, que se manifestou na amostra com 83,4% de ocorrências negativas, percebe-se que os participantes do fórum manifestavam, majoritariamente, sua insatisfação com leituras difíceis. Assim, também é possível dizer que as ocorrências de Afeto no corpus estão associadas a argumentos dirigidos contra o cânone, ou escritores consagrados pela crítica.

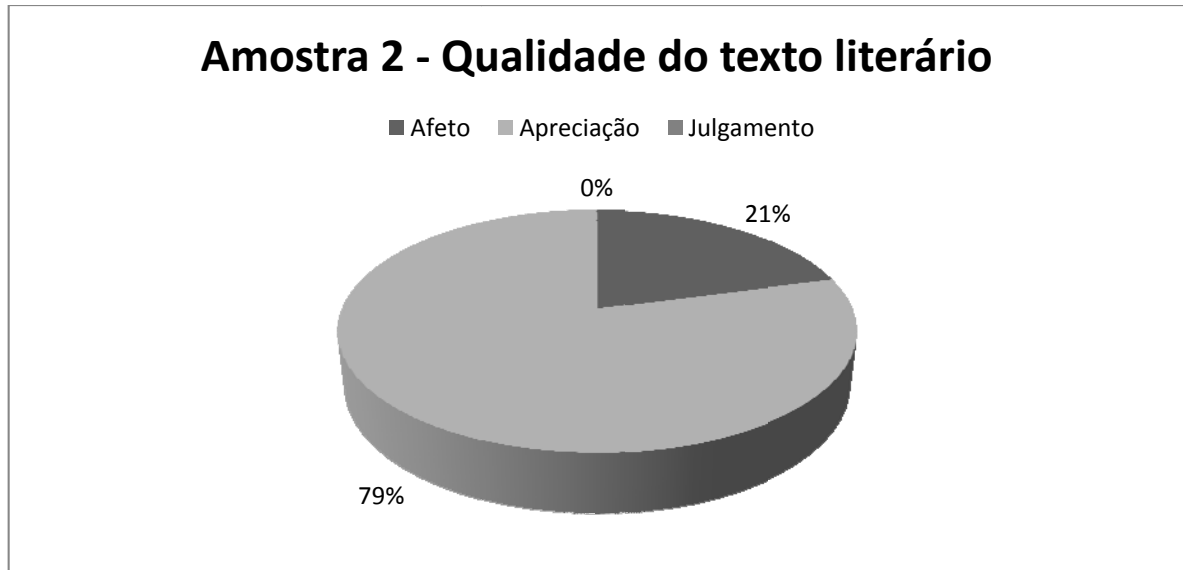
Concretizada uma análise exemplificadora de como se configurou o subsistema da Atitude na primeira Amostra de nosso corpus, passa-se à segunda Amostra na seção a seguir, referente ao tópico de discussão “Qualidade do texto literário”.

#### **4.2 - "EM UM FÓRUM ONDE SOMOS TODOS ADULTOS E SEM NENHUMA PRETENSÃO DE QUE ISTO VIRE UMA TESE, ACREDITO QUE VALE MAIS A TUA PRÓPRIA OPINIÃO." – QUALIDADE LITERÁRIA PELO VIÉS DA APRECIÇÃO E DO AFETO**

A amostra 2 do corpus é bastante peculiar, haja vista que o modo de interação se diferencia dos demais. Embora haja um número significativamente menor de participantes interagindo no tópico intitulado “Qualidade do texto literário” da comunidade *Discutindo... Literatura* (apenas seis participantes mantinham seus tópicos publicados no momento em que foi coletada a amostra, contra 19 participantes da primeira amostra e 12 envolvidos na terceira amostra), os textos produzidos são maiores e percebe-se uma maior vontade de expor argumentos, não apenas opiniões.

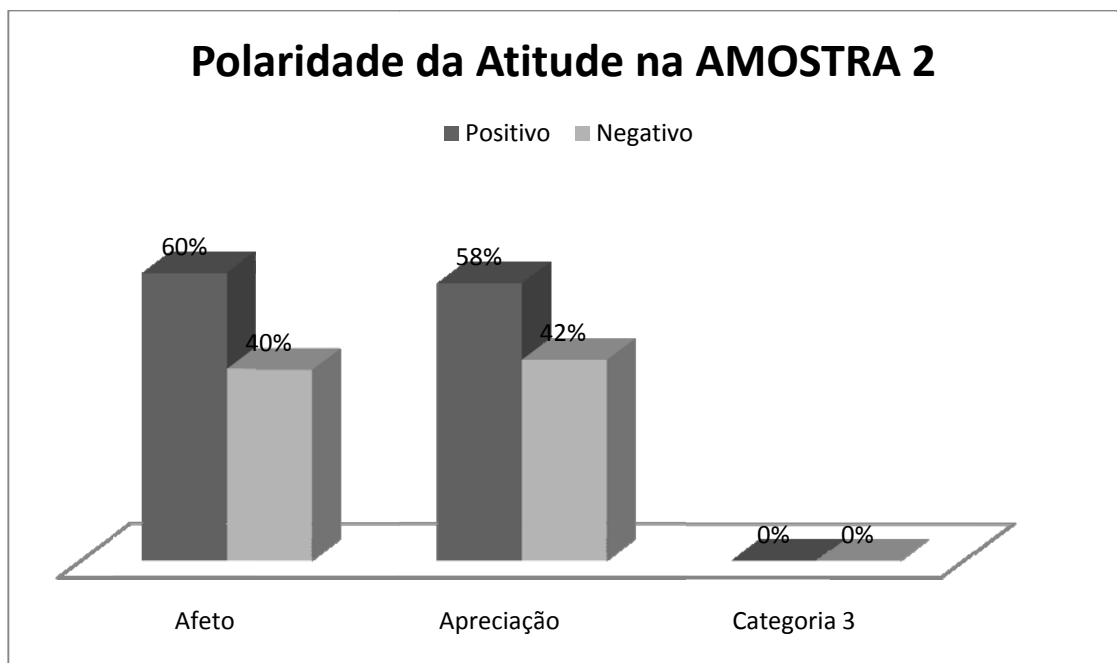
Uma análise detalhada do corpus sugere que ao debater a qualidade do texto literário a Avaliação é a subcategoria da Valoração mais utilizada pelos internautas (79,2%) seguida do Afeto (20,8%). Não houve Julgamento na amostra em questão. Segue o Gráfico que resume estes dados:

GRÁFICO 5



De acordo com a Polaridade, encontram-se os seguintes resultados:

GRÁFICO 6



É nesta amostra que se encontra uma tendência maior dos participantes a trazer vozes do discurso acadêmico para suas considerações, e de modo bastante direto, a partir de citações de especialistas notórios. É nessa amostra que se nota um confronto de opiniões de modo mais exaltado e tentativas bastante explícitas dos internautas em manter a assimetria em relação aos outros, ora citando seus próprios



títulos, ora trazendo vozes autorizadas. Um dos internautas, chamado Rodrigo Leão, poucas vezes utiliza a primeira pessoa do singular a fim de expor seu pensamento, a todo o momento ele utiliza argumentos de autoridades sobre o assunto.



30/04/06

Rodrigo Leão

**entrando na discussão...**

Esse é um ponto bastante polêmico e instigante, sem dúvida. Cláudia está certa em alguns pontos, porém, esquece **de** citar critérios para considerar Machado **de** Assis "gênio" e Paulo Coelho "aproveitador". Quando faz suas colocações se baseia justamente na crítica, afinal é a crítica que consagrou Machado **de** Assis como "gênio" e Paulo Coelho como "aproveitador". Assim como também é a crítica que determina se determinado texto tem "valor literário" ou não, sem falar que o texto sem leitor não "é", texto sem leitor não existe - o texto só pode ser algo no momento da leitura (segundo MAgda Soares, Solé, Barthes e Vitor Manuel **de** Aguiar e Silva). Com esse argumento Cláudia (**de** que o valor do texto está no leitor), você consagra Paulo Coelho, já que ele não seria lido por tantos se seu texto não fosse apreciado por estes "tantos", concorda?

Este é o tópico inicial da discussão em questão. Nota-se que havia um comentário anterior, de uma participante chamada Cláudia, a quem Rodrigo se refere. Por um descontentamento com os rumos do debate, possivelmente, a internauta apagou seus comentários. Contudo, ela é frequentemente citada pelos outros internautas.

Pondera-se, portanto, que os comentários de Cláudia eram Julgamentos acerca dos escritores Paulo Coelho e Machado de Assis. Todavia, como a internauta os retirou da discussão, não se pode incluí-los na análise de nossos dados. Desse modo, a categoria do Julgamento não se configurou nessa amostra.

Assim como na amostra 1, escritores são utilizados como metonímias do que é bom ou não, do que possui qualidade ou não. Se na primeira amostra o autor e, respectivamente obra, a que mais houve referências foi Guimarães Rosa e Grande Sertão: Veredas, nesse o debate segue em torno de Machado de Assis, Paulo Coelho e Jorge Amado, dentre alguns outros.

Ao ler toda a discussão, entende-se que Cláudia iniciou a discussão, provavelmente afirmando que Machado de Assis era um "gênio" e Paulo Coelho um "aproveitador", já que Rodrigo Leão utiliza tais palavras ao contestar os critérios da

colega. O comentário de Rodrigo se inicia ponderando uma questão levantada por Cláudia, como se pode observar pelas palavras do participante. E então Rodrigo estabelece uma questão fundamental para nossa pesquisa: quais são os critérios para que se considere Machado de Assis um gênio e Paulo Coelho um aproveitador? Ele argumenta, então, que quem determina a tênue linha entre um gênio e um aproveitador é a crítica literária, que estava sendo questionada por Cláudia.

Pelo final do primeiro comentário de Rodrigo Leão percebe-se que Cláudia parte do princípio da Estética da Recepção<sup>25</sup> de que o valor do texto literário centra-se em seu leitor. Rodrigo, então, ponderará que se é o leitor que consagra um texto, Paulo Coelho não poderia ser taxado de “aproveitador”, haja vista que possui muitos leitores em todo o mundo. A fim de embasar seus argumentos, Rodrigo cita teóricos que corroboram seu ponto de vista.

E, por toda a discussão, o internauta segue amparando suas opiniões em discursos de especialistas no assunto, sendo, por isso, criticado pelos colegas. Entende-se que, por ser um espaço híbrido e novo, não há regras bem estabelecidas de interação nos fóruns de discussão, principalmente quando o assunto em questão é acadêmico, essencialmente. Não obstante, é compreensível que ao se expor utilizando outras vozes a fim de confirmar um ponto de vista, Rodrigo Leão tenha provocado certo desconforto nos colegas.

A discussão da qualidade literária na internet é essencialmente controversa, pois comunidades de um site de relacionamento, por mais que proponham seriedade, encontram-se em um suporte volátil, em que há uma semi-formalidade interativa, tendendo à informalidade. Ao se expor de modo bastante academicista, Rodrigo atrai a antipatia dos colegas.

Contra-pondo-se à AMOSTRA 1, em que predomina a avaliação na dimensão de Apreciação (de Reação e Composição), há maior ocorrência de Apreciação de Valor na AMOSTRA 2. Os participantes discutem a qualidade do texto literário,

---

<sup>25</sup> “A recepção, no sentido estrito da palavra, diz respeito à assimilação documentada de textos e é, por conseguinte, extremamente dependente de testemunhos, quais atitudes e reações se manifestam enquanto fatores que condicionam a apreensão de textos. Ao mesmo tempo, porém, o próprio texto é a 'prefiguração da recepção', tendo com isso um potencial de efeito cujas estruturas põem a assimilação em curso e a controlam até certo ponto.

muitas vezes referindo-se a escritores ou obras como exemplos do que é bom ou não, e é perceptível a voz da academia impregnando seus discursos.

#### QUADRO 10 – CONSOLIDAÇÃO DAS CATEGORIAS DE APRECIÇÃO NA AMOSTRA 2 DO CORPUS

CATEGORIA	POSITIVO	NEGATIVO	TOTAL DE OCORRENCIAS	PERCENTAGEM
REAÇÃO	1	0	1	5,3%
Impacto	1	0	1	100%
Qualidade	0	0	0	0%
COMPOSIÇÃO	5	1	6	31,6%
Proporção	4	0	4	66,7%
Complexidade	1	1	2	33,3%
VALOR	5	7	12	63,1%
Relevância	1	3	4	33,3%
Originalidade	1	1	2	16,7%
Outras	3	3	6	50%
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>8</b>	<b>19</b>	<b>100%</b>

A fim de que se identifique a realização lexicogramatical de Apreciação de valor nos discursos do fórum, observam-se alguns exemplos:



30/04/06

Rodrigo Leão

#### Questão de crítica...

Quanto mais conheço **de** teoria literária mais estou convencido **de** uma coisa: não há critérios científicos para se definir o caráter literário **de** determinado texto. Pesquisas atualmente estão sendo desenvolvidas que provam justamente isto: não há critérios coerentes na hora **de** se inserir um autor no cânone. Se pegarmos os grandes autores **de** nossa história, ou até do mundo, veremos que todos eles possuem uma classe social elevada. Não havia como pertencer ao cânone se não fosse parte da burguesia mais alta. Confirmando o que diz Aguiar e Silva: "a **literatura** é produto da burguesia feito para a burguesia". E ainda hoje é assim. Não há como negar que obras como as **de** Paulo Coelho são dotadas **de** uma certa repetição, **de** uma recorrência **de** um mesmo tema e do uso **de** um enredo comum às literaturas populares. Porém, não podemos esquecer autores nossos, como José **de** Alencar, que é consagrado e escrevia no mesmo estilo. Ou até pior, já que publicava suas obras em folhetins que alteravam o curso **de** acordo com o agrado ou desagrado dos leitores [A2-1,2,3].

Notam-se alguns pontos importantes do comentário de Rodrigo. Primeiramente, ele autoriza suas afirmações ao relatar que "conhece teoria literária", ou seja, implicitamente reitera que suas afirmações possuem embasamento. Ao citar

teóricos a fim de reforçar seus argumentos, em um espaço não-institucional, Rodrigo se põe em uma posição assimétrica em relação a seus colegas. Consoante KOCH (2008:80):

A conversação organiza-se em *turnos*, que consistem em cada intervenção de um dos participantes no decorrer da interação.

Há interações *simétricas*, como as conversas do dia-a-dia, em que todos os participantes têm igual direito ao uso da palavra; e interações *assimétricas*, como entrevistas, consultas, palestras, em que um dos parceiros detém o poder da palavra e a distribui de acordo com a sua vontade.

Rodrigo Leão não trata os participantes que com ele interagem de modo igual. Ele se põe em uma posição assimétrica ao demonstrar conhecimentos acadêmicos em um espaço não-formal de debate. Não obstante, o espaço interativo permite que todos tenham igual direito de uso da palavra.

Primeiramente, Rodrigo apresenta uma posição valorativa realizando-a lexicogramaticalmente como Apreciação da Composição da obra de Paulo Coelho, afirmando que a Complexidade dela é negativa (“Não há como negar que obras como as de Paulo Coelho são dotadas de uma certa **repetição**, de uma recorrência de um mesmo tema e do uso de um **enredo comum** às literaturas populares.” [A1-1].)

Em seguida, ele realiza, em seu comentário, uma Apreciação comparativa de Valor negativo ao nivelar Paulo Coelho e José de Alencar por conta da composição do conjunto de suas obras que, segundo o internauta, seriam similares e sem originalidade (“É **consagrado** e escrevia no mesmo estilo” [A2-1]). O valor aparece aqui como um aspecto negativo e não se refere à questão da qualidade literária em si, mas à qualidade das obras de escritores específicos.

Ao comparar as amostras 1 e 2 quanto à Apreciação, é visível a diferença entre elas. Enquanto na primeira sobressaem Atitudes de Reação e Composição, nessa discussão essas são relegadas ao segundo plano e há preponderância do Valor, categoria de menor incidência na amostra 1.

Creditam-se tais diferenças às propostas de discussão dos tópicos. Enquanto a primeira direcionava os leitores a uma análise mais centrada na Composição e Reação do texto literário (“Leitura difícil é sinal de qualidade?”), a segunda amostra conduz a uma discussão valorativa do estado da arte. Afinal, seu título é “Qualidade do texto literário”, uma proposta que permite, ou convida à, expressão de posicionamentos valorativos na dimensão de Apreciação.

Outra categoria de Apreciação que também é expressiva nesta amostra é a de Composição. Atenta-se para sua ocorrência a partir do comentário do internauta Benjamim.



26/05/06

Benjamim

**Discutindo extremos...**

É um hábito discutirmos através **de** extremos, talvez querendo parodiar a dialética, para tomarmos o sentido das coisas, **de** qualquer forma acho a discussão interessante.

O autor cria para si um mundo e o reproduz enquanto escreve, por vezes **de** forma mais criativa, por vezes **de** forma lógica, por vezes há quem acredite que tem que escrever "o que vier na telha", etc. O leitor, por sua vez, se apropria recriando aquilo em sua própria mente e o mais interessante desse movimento é que há uma dificuldade em convergir a história com a impressão. Algo bem escrito, para mim, é aquilo o qual pode cativar com uma linguagem acessível, mas que leve a uma reflexão. E não acredito em clássicos e acho que a Arte veio para romper com os "conceitos" (não contra a estrutura). Dá para entender?

As Amostras de número 22 e 23 apresentam uma Apreciação da Composição positiva da obra literária ("Algo bem escrito, para mim, é aquilo o qual pode cativar com uma linguagem acessível"). Para esse internauta, a Composição de uma obra é relevante para sua qualidade. Uma obra literária de qualidade, de acordo com tal perspectiva, deve ser bem escrita e ter linguagem acessível. Aparece também em seu comentário uma Valoração implícita positiva da literatura ("leve a uma reflexão" [A2-24]).

O Afeto, a outra categoria do subsistema da Atitude presente na amostra, se configura de modo frutífero. Expõe-se o quadro com os tipos de Afeto manifestado no tópico de discussão:

QUADRO 11 – CONSOLIDAÇÃO DAS CATEGORIAS DE AFETO NA AMOSTRA 2 DO CORPUS

CATEGORIA	POSITIVO	NEGATIVO	TOTAL OCORRENCIAS	DE PERCENTAGEM
FELICIDADE	0	1	0	20%
SEGURANÇA	0	0	0	0%
SATISFAÇÃO	3	1	4	80%

Observa-se, do quadro, que predomina, nesta Amostra, a expressão do Afeto na sua dimensão de Satisfação, seguido de Afeto / Felicidade. Considere-se o Afeto como se apresenta no discurso do internauta Rodrigo no comentário abaixo:



30/04/06

Rodrigo Leão

Mesmo com o New Criticism e o Formalismo Russo querendo definir critérios para se definir o valor literário **de** um texto, hoje já sabemos que esses critérios tem seus grandes furos, ou seja: não funcionam. É inegável o nosso agrado como estudiosos **de literatura** com obras como "Grande Setão" **de** Guimarães Rosa. Obras que nos instigam a estudá-las a desfrutá-las. Mas pensemos: e a massa? As pessoas que não estão interessadas no estudo **de** uma obra? Que querem apenas divertir-se com uma boa leitura? Como querer que elas também apreciem coisas que nós "estudiosos" apreciamos? Não posso ser hipócrita e dizer que nunca me deliciei [A2-6] com Jorge Amado, Paulo Coelho e até mesmo Dan Brown (este último dominando muito bem a arte do romance policial). Porém, sei que em termos **de** produzir conhecimento a partir **de** tais obras torna-se mais complicado. Elas são muito claras, como estudá-las? **Literatura de massa** aos leitores e **"literatura literária"** aos estudiosos. Com todo direito **de** rompimento da regra.

rsrs.

Abraços a todos!

Antes do foco na realização lexicogramatical de Afeto, observa-se que há, no trecho, o único registro de Apreciação como Reação de Impacto positivo presente na amostra no fragmento supracitado ("Obras que **nos instigam** a estudá-las a desfrutá-las." [A2-5]). Aqui o internauta dirige o seu foco valorativo para a obra em si, levando em consideração a forma como a mesma afeta o leitor. Em seguida, observa-se a ocorrência de avaliação na dimensão de Afeto, que é foco deste parágrafo e que funciona como um exemplo de como o Afeto se configura nessa amostra; afinal, todas as ocorrências registradas consistiam em Afeto como Satisfação ("me **delicie** com Jorge Amado, Paulo Coelho e até mesmo Dan Brown" [A2-6]). O internauta, mais uma vez, dirige seu afeto a autores, não a obras específicas ou a fim de avaliar a literatura, por si.

Diferentemente do internauta Rodrigo Leão, a participante Claudinha expõe seus argumentos em primeira pessoa do singular, e tenta relativizar a questão do valor literário. Claudinha expõe suas opiniões de modo a apaziguar a discussão entre Rodrigo e Cláudia e, para tanto, adota inúmeras nominalizações em seu depoimento, de modo a se apresentar de forma mais distanciada.

A internauta faz uma Apreciação Valorativa quanto à relevância da obra literária.



30/04/06

Claudinha

Acho que a questão do valor literário **de** um texto é relativa e complexa. Os leitores **de** Paulo Coelho por exemplo, podem ler seu texto e lhe atribuir um valor, sem que esse valor seja, necessariamente, literário. O valor **de** ler e se entreter, o valor **de** entender a linguagem, o valor **de** se divertir, mas não o valor **de** transformar, **de** culturalizar, **de** acrescentar, enfim, o valor que a ler determinados textos podem trazer ao indivíduo. Não são todos os textos que fazem isso. Não são todos os textos que podem revolucionar a cultura **de** um povo, lhe dar uma cara, um sentido; não são todos os textos que nos fazem refletir; não são todos os textos que nos fazem olhar pra dentro **de** nós mesmos e quem sabe, mudar alguma coisa. O valor literário **de** um texto passa, ao meu ver, por todas essas coisas. Talvez passe pela crítica, porque afinal a crítica é um exercício **de** pensamento em cima do valor atribuído aquele texto. Pode-se chegar a conclusão que é um valor literário, ou não. **De** qualquer forma, incita o debate, e do debate pode vir a mudança. A **literatura** é uma arte. A arte é a expressão **de** um pensamento individual, mas dentro deste ou através deste, a expressão **de** uma consciencia coletiva. A arte tem o poder **de** generalizar o que antes parecia pessoal, privado. E através disso, enriquecer culturalmente a imagem **de** um povo. Alguns textos fazem isso, outros não. A análise disso é que é relativa. Mas em alguns casos, raríssimos se levarmos em conta a quantidade **de** escritores que sequer chegamos a conhecer, existe um consenso. Machado **de** Assis há quem não goste, mas há um consenso sobre ele...Paulo Coelho ainda está no terreno das críticas e dos debates... daqui a dez anos pode não estar mais. Aquilo que conhecemos por **literatura** pode mudar, e Paulo Coelho pode se tornar uma referencia. Quem é que sabe? O juízo **de** valor é o mais difícil que existe. O **de** valor literário é além **de** difícil, ingrato e instável.

Nota-se então que para Claudinha o Valor literário centra-se na Relevância<sup>26</sup>

de uma obra literária, que deve possuir potencial para transformar, mudar, revolucionar, enriquecer uma pessoa ou um povo.

Vale a pena, para efeito do entendimento da funcionalidade das relações interpessoais nesta amostra, comparar os comentários de Rodrigo Leão e Claudinha. Primeiramente, observa-se que ele utiliza a 3ª pessoa do singular em boa parte de seu discurso, sempre se pautando em ponderações de autoridades. Todavia, Rodrigo manifesta seu Afeto em 1ª pessoa ao afirmar que já se “deliciou” com obras de Jorge Amado, Paulo Coelho e Dan Brown, que, segundo seus critérios, são escritores que produzem um tipo de literatura de gosto mais popular.

Claudinha, opositivamente, inicia seu discurso em 1ª pessoa do singular utilizando-se, inclusive, de um verbo cujo processo é mental (“acho”). Não obstante, ao realizar uma avaliação de Afeto como Infelicidade, ela utiliza a 3ª pessoa do singular (“Machado de Assis há quem não **goste**” [A2-11]).

<sup>26</sup> [A2-10] “Não são todos os textos que podem revolucionar a cultura de um povo, lhe dar uma cara, um sentido; não são todos os textos que nos fazem refletir; não são todos os textos que nos fazem olhar pra dentro de nós mesmos e quem sabe, mudar alguma coisa.”

De acordo com os dados que encontramos na análise dessa Amostra, pode-se, então, chegar a algumas conclusões. De acordo com os internautas que interagiram nesse tópico de discussão, a qualidade literária é avaliada de acordo com critérios Apreciativos, sendo a maioria Valorativos, sendo de também relativa importância a Composição. Não obstante, há também Afeto ao avaliar a qualidade literária, fato que distancia as reflexões cibernéticas de literatura das discussões institucionais.

Tendo apresentado os dados das Amostras 1 e 2 nas seções anteriores, na seção a seguir ponderam-se os resultados encontrados no último tópico de discussão analisado, extraídos da Amostra 3, intitulada “Polêmica, Literatura boa X ruim”.

#### **4.3 – HÁ DOIS TIPOS DE LITERATURA: “BOA É A QUE EU GOSTO, RUIM É A QUE EU NÃO GOSTO”.**

A amostra 3 de nosso corpus parte de uma dicotomia, que é a existência de dois tipos de literatura: uma “boa” e outra “ruim”. Em nenhum momento, durante a discussão, os participantes estabelecem critérios a fim de se definir o que é bom e o que é ruim, mas parte-se do pressuposto de que existem dois tipos de literatura, sendo uma (boa) superior e a outra (ruim).

Desse modo, entende-se que os internautas disseminam a ideologia de que existe um tipo de literatura validado socialmente em detrimento de outro. Faz-se, assim, o próprio título do tópico de discussão valorativo. Pelo exposto, observa-se que há um discurso hegemônico cujo postulado expõe que há uma literatura voltada para o grande público, para a maioria das pessoas, e outra, restrita aos estudiosos de literatura, ou àqueles que são leitores hábeis. Essa idéia já foi exposta por Rodrigo Leão (que disserta sobre a existência de uma “literatura de massa” e de uma “literatura literária”) na amostra 2 e aqui é ampliada, pois os internautas sequer definem parâmetros para o que seria literatura boa ou ruim, apenas discutem a relevância de ambos os tipos. Apresenta-se a seguir o comentário de abertura do tópico:





19/12/09

Violeta

### Polêmica, Literatura "Boa" x "Ruim"

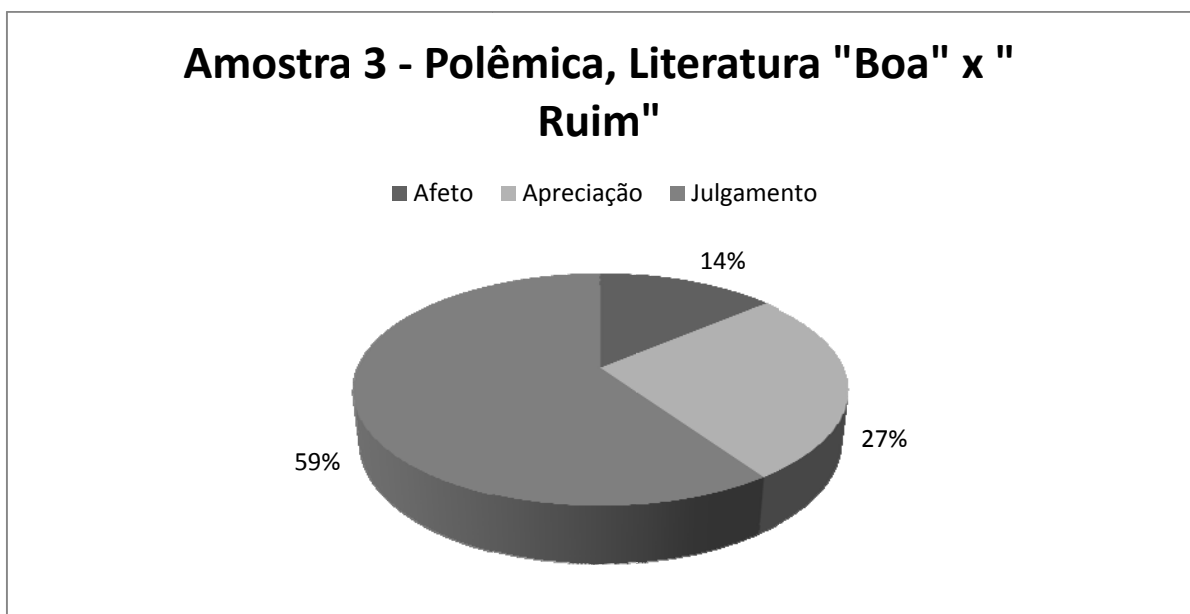
Pessoal, o que acreditam quanto a importância da **qualidade** literária? Porfiando o tópico, pois bem, colocarei um pouquinho do que acredito, em seguida podemos acrescentar a discussão.

A priori, tenho um certo juízo **de** valor sobre as obras: Gosto dos clássicos, dos grandes novos e daqueles que machucam as cãs, penalizando a **literatura** dita **de** massa (não confundir com popular, como cordel), tendo lido algumas para poder criticá-las devidamente. Entretanto, acredito que o juízo **de** "massa", seja também funcional, uma vez que atende a demanda do público, **de** qualquer maneira são livros-oras...

O que vocês são acham ?  
Discorram sobre.

A internauta inicia seu comentário com uma pergunta aos demais participantes: o que acham da importância da qualidade literária. Depois, opina dividindo três tipos de literatura: os clássicos, a literatura de massa e a literatura popular. Depois, relativiza o conceito de literatura de massa, afirmando que essa seria uma literatura adequada a certo tipo de leitor. Tal divisão retrata a concepção hegemônica de que há uma literatura para cada tipo de leitor e, na verdade, traz implícito um preconceito contra o leitor da "massa". Afinal, o leitor do cânone seria diferenciado daquele que se dedica a outros tipos de literatura. A fim de que se possa entender melhor como tal ideologia se configura nos comentários, seguem os dados do subsistema da Atitude que se encontra na amostra.

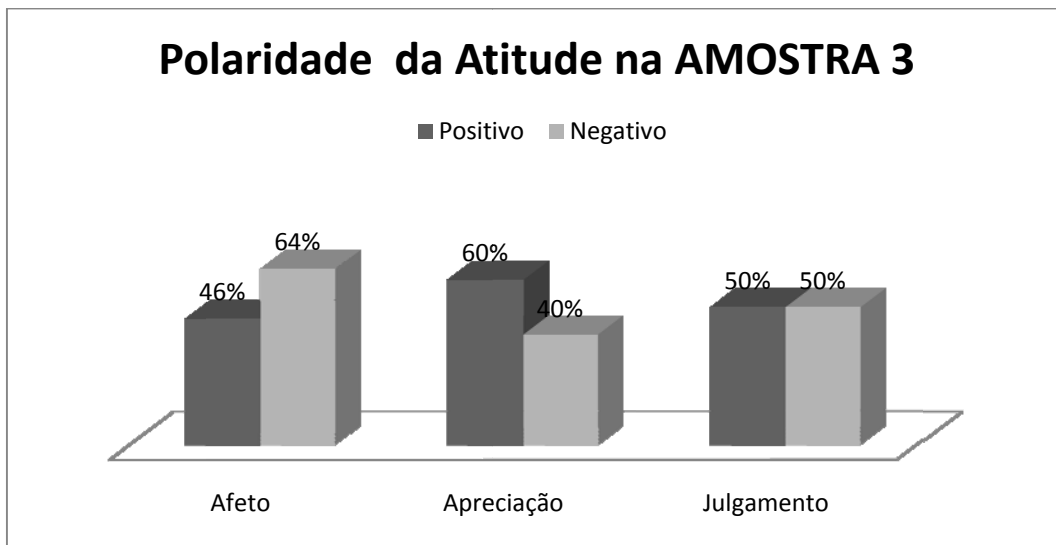
GRÁFICO 7



Novamente, há predominância de atitudes Apreciativas nessa amostra. Todavia, há uma porcentagem mais expressiva do subsistema Julgamento na amostra em questão, apesar de essa não ser mais relevante do que as expressões de Afeto.

No que diz respeito à polaridade, podemos assim expressar os dados encontrados:

GRÁFICO 8



De novo, existe maior ocorrência de Apreciação positiva, em detrimento do Afeto, que continua em maior número de ocorrências negativas. Não obstante, nessa amostra o Julgamento se encontra em igualdade de polaridade.

Então, percebe-se que nas três amostras do corpus há uma oposição de Apreciação e Afeto. A primeira, mais numerosa em todas as amostras, é mais positiva do que negativa, o que traduz o fato de que o leitor tende a apreciar as qualidades intrínsecas do texto literário de modo mais positivo do que negativo. No entanto, ao expressar seu sentimento sobre a qualidade literária, seu Afeto, o internauta expõe mais suas frustrações, seus desgostos do que sua simpatia por determinado aspecto ou obra literária. Em geral, esta realização lexicogramatical de Afeto ocorre quando o internauta, ou a internauta, discorre sobre a leitura de textos literários.

Assim como ocorre na amostra 2, o Valor é a categoria de Apreciação que se sobressai no tópico, contudo, não há nenhuma ocorrência de Composição no tópico e um número relativamente reduzido de ocorrências de Reação, como no Quadro a seguir:

QUADRO 12 – CONSOLIDAÇÃO DAS CATEGORIAS DE APRECIAÇÃO NA AMOSTRA 3 DO CORPUS

CATEGORIA	POSITIVO	NEGATIVO	TOTAL DE OCORRENCIAS	PERCENTAGEM
REAÇÃO	3	0	3	12%
Impacto	3	0	0	100%
Qualidade	0	0	0	0%
COMPOSIÇÃO	0	0	0	0%
Proporção	0	0	0	0%
Complexidade	0	0	0	0%
VALOR	15	7	22	88%
Relevância	10	2	12	54,5%
Originalidade	0	0	0	0%
Outras	5	5	10	45,5%
TOTAL	18	7	25	50

Observa-se, no quadro, a predominância de Valor (88%), seguida de Reação (12%), como apontado. No que diz respeito às suas subcategorias, em Reação, a realização lexicogramatical da categoria Impacto tem 100% de ocorrência. Já em Valor, há distribuição quase equivalente entre Relevância (54%) e Outras (45,5%). Desse modo, conclui-se que a discussão sobre a relevância das “duas literaturas”, tal qual expõem os participantes do fórum, resultou em muitas Atitudes de Valor quanto à Relevância da obra literária, fato que diferencia essa amostra das demais quanto a configuração da Apreciação.

O exemplo que segue é bastante representativo de várias características que são encontradas em todo o corpus, por isso o considerar expressivo. Nele, a internauta, em um primeiro plano, se autoriza a discutir a questão da relevância da literatura por ter estudado o assunto, ou seja, se posiciona de forma assimétrica aos outros por ser uma “especialista”. A internauta, não obstante, discorda da proposição de que existiriam dois tipos de literatura.

Em seguida, seu discurso representa como os internautas intercalam atitudes Apreciativas e Afetivas em suas trocas comunicativas, posicionamento que também foi notado ao longo de nossas análises. Considera-se como se encontraram tais categorias e como tais posicionamentos se apresentam, no seguinte comentário.



20/12/09

Flor

### Bons leitores são construídos pela Lit. "ruim"

Eu tenho algumas posições sobre **literatura** "ruim".

Estudei pra caramba, fiz pós graduação em crítica literária e não me sinto à vontade, mesmo sendo uma especialista, em concordar ou analisar algo em "bom" ou "ruim". Por quê:

1) Meu hábito **de** leitura quando adolescente era **de** José **de** Alencar (que hoje acho ruim hoje em dia - pessoalmente) à Sidney Sheldon (que acho péssimo hoje). Agatha Christie que povoou minha adolescência, é considerada uma **literatura** "ruim" mas foi ela que fez eu ser uma devoradora **de** livros.

2) Sem a visão que tive na graduação **de** Letras, jamais teria conseguido ler Rosa, o que me fascina literalmente e dentro da alma. Já li o Grande Sertões 3 vezes desde que entrei na graduação.

3) Eu só me posiciono da seguinte maneira: A **literatura** "ruim" é capaz **de** formar o hábito **de** leitura em muitas adolescentes e jovens. O que a **Literatura** "boa" não é capaz **de** fazer no início do trajeto **de** leitura **de** um ser humano. Ninguém que não tenha o hábito **de** ler, lerá **de** cara um Dosto, ou um Drummond.

O que penso é: o livro mudou sua vida? Transformou algo? Houve o prazer da leitura?

Se sim, ótimo, a função da **Literatura** foi posta em prática, o leitor perceberá isso por si só e continuará buscando outras leituras.

Não gosto **de** ficar classificando em Lit. "boa" ou Lit. "ruim", mesmo porque eu ODEIO cânones....

Nos fragmentos A3-20 e 21<sup>27</sup>, Flor realiza uma Apreciação de Valor negativo do conjunto das obras de José de Alencar, Sidney Sheldon e Agatha Christie. Assim como também constitui Apreciação implícita de Valor o comentário A3-22, constituindo esse um exemplo da relevância de maior ocorrência na amostra ("mas foi ela que fez eu ser uma devoradora de livros").

Outros exemplos de Apreciação Valorativa encontram-se no texto, como os fragmentos A3 - 24, 25 e 26. No fragmento A3 - 24<sup>28</sup>, há uma Apreciação de Valor positiva quanto à relevância da obra literária dita "ruim", apesar de a internauta afirmar não se sentir à vontade para classificar uma literatura em "boa" ou "ruim". Contrariando a lógica hegemônica, contudo, Flor realiza uma Apreciação de Valor negativa da literatura denominada "boa" em A3 - 25 e 26<sup>29</sup>, sendo essa última implícita.

O extenso comentário da leitora também possui manifestações de Afeto, como salienta-se em A3 - 23 e 28. Ambos expressam Afeto em primeira pessoa,

<sup>27</sup> [A3-20]: "Meu hábito de leitura quando adolescente era de José de Alencar (que hoje acho **ruim** hoje em dia - pessoalmente) à Sidney Sheldon (que acho **péssimo** hoje)".

[A3-21]: "Agatha Christie que povoou minha adolescência, é considerada uma **literatura** "ruim"."

<sup>28</sup> [A3-24]: "**literatura** "ruim" é **capaz** de formar o hábito de leitura em muitos adolescentes e jovens."

<sup>29</sup> [A3-25]: "O que **a literatura** "boa" não é capaz de fazer no início do trajeto de leitura de um ser humano."

[A3-26]: "Ninguém que não tenha o hábito de ler, lerá de cara um **Dosto, ou um Drummond.**"

sendo o A3 - 23<sup>30</sup> um exemplo de Afeto com alto grau de Felicidade e A3 - 28<sup>31</sup> prova de Afeto com alto grau de Infelicidade. Portanto, faz-se importante observar como o afeto se manifesta no corpus.

QUADRO 13 – CONSOLIDAÇÃO DAS CATEGORIAS DE AFETO NA AMOSTRA 3 DO CORPUS

CATEGORIA	POSITIVO	NEGATIVO	TOTAL DE OCORRENCIAS	PERCENTAGEM
FELICIDADE	5	6	11	84,6%
SEGURANÇA	0	0	0	0
SATISFAÇÃO	1	1	2	15,4%

Observa-se no quadro que predomina o Afeto na sua dimensão de Felicidade, seguido por Satisfação. Este resultado contrasta com os resultados das Amostras 1 e 2. Na Amostra 1, há predominância de ocorrências de Afeto em dimensões como Satisfação (83,4%), principalmente em sua polaridade negativa, seguido de Segurança negativa (16,6%). Tais dados sugerem que na amostra 1 os internautas manifestam seu sentimento de raiva, de cansaço, com relação às dificuldades oferecidas pelo texto literário, em contraponto aos dados da Amostra 3, que nos sugerem que os internautas demonstram posições mais extremadas de “amor” e “ódio” por determinados aspectos literários. Há, na amostra três, gradações mais altas de Afeto como Felicidade. Na Amostra 2, há maior porcentagem de Satisfação (80%), sendo esta, majoritariamente, positiva, seguida de Felicidade negativa (20%), o que sugere que em tal amostra os internautas tenderam a demonstrar mais seu envolvimento, seu interesse pelos aspectos que lhes agradam da literatura, em detrimento daqueles que lhes enraivecem. Já na Amostra 3, em discussão, a predominância de Afeto / Felicidade pode ser entendida como sendo decorrente da própria natureza da Amostra, que convoca os internautas a se posicionarem em relação a autores, como forma de encaminhar a discussão da “boa” ou “má” literatura.

Por fim, avalia-se o Julgamento na última amostra de nosso corpus. Apenas Julgamentos com base na Estima Social foram feitos, ocorrendo um caso negativo

<sup>30</sup> [A3-23]: “**me fascina** literalmente e **dentro da alma.**”

<sup>31</sup> [A3-28]: “**Odeio** cânones”

quanto a Capacidade (A3 – 6<sup>32</sup>) e um caso positivo quanto a Tenacidade (A3 – 5<sup>33</sup>). O comentário referente a tais fragmentos é o seguinte:



19/12/09

José Geraldo

Eu acho que a **literatura** ruim é tão importante quanto a boa, no fim das contas. Não são os críticos que definem o que fica para a posteridade -- e muito menos o público. Portanto o autor não tem que se preocupar se seu livro é "bom" ou "ruim", cada um tem o direito **de** ter seu sonho e **de** correr atrás dele.

Eu só acho que o autor deve ter consigo mesmo o compromisso **de** oferecer o seu melhor. Ou seja, ele deve procurar colocar tudo **de** sua capacidade na realização **de** seu livro, e não tentar adivinhar **de** antemão o que "querem" que ele faça.

E é desse modo que se configura, basicamente, o julgamento na amostra 3. Há um julgamento do leitor quanto a capacidade do escritor, que deveria fazer o seu melhor em detrimento do gosto do público e quanto ao seu comprometimento com a obra. O quadro a seguir regulamenta tais consolidações do Julgamento na amostra:

#### QUADRO 14 – CONSOLIDAÇÃO DAS CATEGORIAS DE JULGAMENTO NA AMOSTRA 3 DO CORPUS

CATEGORIA	POSITIVO	NEGATIVO	TOTAL
ESTIMA SOCIAL	1	1	100%
Normalidade	0	0	0
Capacidade	0	1	50%
Tenacidade	1	0	50%
SANÇÃO SOCIAL	0	0	0%
Veracidade	0	0	0%
Propriedade	0	0	0

Como apontado acima, o quadro indica uma predominância de Estima social, cuja realização lexicogramatical é distribuída igualmente nas categorias Capacidade e Tenacidade. A não ocorrência de Julgamento / Sanção social é compatível com as características da Amostra, que não cria espaço para avaliação no plano de critérios éticos. Quanto à predominância de Capacidade e Tenacidade, estes

<sup>32</sup>[A3-5] “colocar tudo **de** sua capacidade na realização **de** seu livro, e não tentar adivinhar **de** antemão o que "querem" que ele faça.”

<sup>33</sup>[A3-6]“o autor deve ter consigo mesmo o compromisso **de** oferecer o seu melhor”

resultados podem ser atribuídos ao fato de os leitores atribuírem aos escritores ora o despreparo de escrever algo relevante, ora o compromisso de produzir bons textos.

#### 4.4 - Interpretação dos dados

Quanto às estruturas de poder e ideologia dos participantes, pondera-se que as experiências pessoais, as histórias de vida do indivíduo, assim como suas crenças, afetam diretamente as práticas de leitura. Já não é possível pensar que autor, texto e leitor são instâncias separadas e independentes. Consoante ISER (LIMA, 2002: 107):

Os autores jogam com os leitores e o texto é o campo do jogo. O próprio texto é resultado de um ato intencional pelo qual um autor se refere e intervém em um mundo existente (...). Assim o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, interpretá-lo. (...) Não importa que novas formas o leitor trás à vida: todas elas transgridem.

O texto existe como objeto cultural no processo de interlocução entre autor-leitor. Ele possui implícitos, espaços a serem preenchidos pelos leitores, que o fazem segundo seus interesses, crenças, personalidade ou ainda história de vida. Um mesmo texto pode ser avaliado sob diferentes perspectivas, abrir-se a múltiplas leituras de acordo com quem o lê.

Segundo JAUSS (LIMA, 2002: 102)

A função comunicativa da experiência estética não é necessariamente mediada pela função catártica. Também pode decorrer da *aisthesis*, quando o observador, no ato contemplativo renovante de sua percepção, compreende o percebido como uma informação acerca do mundo do outro ou quando, a partir do juízo estético, se apropria de uma norma de ação. A própria atividade da *aisthesis*, contudo, também pode se converter em *poiesis*. O observador pode considerar o objeto estético como incompleto, sair de sua atitude contemplativa e converter-se em co-criador da obra, à medida que conclui a concretização de sua forma e de seu significado. A experiência da *aisthesis* pode, por fim, se incluir no processo de *uma* formação estética da identidade, quando o leitor faz a sua atividade estética ser acompanhada pela reflexão sobre seu próprio devir.

Desse modo, há leitores que priorizam a *katharsis*, ou seja, o prazer estético causado pela obra. Outros leitores, por outra via, se envolvem de tal modo com o texto que se identificam com o objeto literário, ou seja, consoante a hermenêutica, ele aplicam uma configuração narrativa particular a sua situação que transformam,

pela interpretação, a compreensão que este tem de si e do mundo, transformando assim sua experiência.

A apropriação tal como a entendemos visa a elaboração de uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os constroem. Prestar, assim, atenção às condições e aos processos que muito concretamente são portadores das operações de produção de sentido, significa reconhecer, em oposição à antiga história intelectual, que nem as idéias nem as interpretações são desencarnadas, e que, contrariamente ao que colocam os pensamentos universalizantes, as categorias dadas como invariantes, sejam elas fenomenológicas ou filosóficas, devem ser pensadas em função da descontinuidade das trajetórias históricas

(CHARTIER, 1995:6)

Percebe-se que os leitores têm o hábito de dividir a literatura em dois tipos: “literária” e “de massa”. O conceito de “literária” é valorado positivamente, enquanto o conceito de “massa” é, constantemente, valorado de modo negativo. Na amostra três, inclusive, os leitores discutem a relevância da literatura “boa” (literária) e “ruim” (de massa, nas palavras dos próprios internautas).

Entretanto, os participantes raramente discutem o quê faz de uma literatura “de massa” ou “literária”. O único internauta que traz a questão é Rodrigo Leão, que se impõe de um modo que desagrade os outros leitores, haja vista que se utiliza de inúmeros argumentos de autoridades a fim de fazer valer sua opinião. Todavia, Rodrigo corrobora a ideia de que existem duas literaturas. E, inclusive, divide os leitores em dois, o que é questão importantíssima à discussão.



30/04/06

Rodrigo Leão

Mesmo com o New Criticism e o Formalismo Russo querendo definir critérios para se definir o valor literário **de** um texto, hoje já sabemos que esses critérios tem seus grandes furos, ou seja: não funcionam. É inegável o nosso agrado como estudiosos **de literatura** com obras como "Grande Sertão" **de** Guimarães Rosa. Obras que nos instigam a estudá-las a desfrutá-las. Mas pensemos: e a massa? As pessoas que não estão interessadas no estudo **de** uma obra? Que querem apenas divertir-se com uma boa leitura? Como querer que elas também apreciem coisas que nós "estudiosos" apreciamos? Não posso ser hipócrita e dizer que nunca me delicieei com Jorge Amado, Paulo Coelho e até mesmo Dan Brown (este último dominando muito bem a arte do romance policial). Porém, sei que em termos **de** produzir conhecimento a partir **de** tais obras torna-se mais complicado. Elas são muito claras, como estudá-las? "**Literatura de** massa" aos leitores e e "**literatura** literária" aos estudiosos. Com todo direito **de** rompimento da regra. rsrs.  
Abraços a todos!



Observa-se que os leitores tendem muito mais a citar nomes de autores do que discutir obras específicas nas três amostras coletadas. A obra mais citada foi “Grande Sertão: Veredas”, nas três amostras. Tal fato sugere que esta é a obra exemplo, para os internautas, de livro que expressa a qualidade literária. Uma obra complexa, bem estruturada, composta de neologismos e com uma boa história.

Não obstante, demais autores são citados sem que uma obra específica seja discutida, com raras exceções. Isso nos leva a crer que os leitores possuem pré-julgamentos sobre escritores e suas obras e os levam a debate sem que uma reflexão de fato seja feita sobre seus livros. Sabe-se que o recorte de nosso corpus, que privilegiou discussões sobre a qualidade literária em vez de autores ou obras específicos influencia tal resultado, todavia, o fato de autores serem utilizados a fim de expor o que é exemplo do bom e do ruim em literatura chama a atenção. Não seria essa uma valoração das obras pelos autores? Conheceriam os participantes dos fóruns obras dos autores por eles citados como bons ou ruins? Que critérios eles utilizam a fim de afirmar que algo é bom, é “literatura literária” ou “literatura de massa”? Os critérios dos internautas para definir o que é “literário” ou “de massa” são sempre muito vagos. A melhor tentativa de definir o que faria de uma obra “de massa” ou “literária” foi a que segue:



30/04/06

Rodrigo Leão

#### Questão de crítica...

Quanto mais conheço **de** teoria literária mais estou convencido **de** uma coisa: não há critérios científicos para se definir o caráter literário **de** determinado texto. Pesquisas atualmente estão sendo desenvolvidas que provam justamente isto: não há critérios coerentes na hora **de** se inserir um autor no cânone. Se pegarmos os grandes autores **de** nossa história, ou até do mundo, veremos que todos eles possuem uma classe social elevada. Não havia como pertencer ao cânone se não fosse parte da burguesia mais alta. Confirmando o que diz Aguiar e Silva: “a **literatura** é produto da burguesia feito para a burguesia”. E ainda hoje é assim. Não há como negar que obras como as **de** Paulo Coelho são dotadas **de** uma certa repetição, **de** uma recorrência **de** um mesmo tema e do uso **de** um enredo comum às literaturas populares. Porém, não podemos esquecer autores nossos, como José **de** Alencar, que é consagrado e escrevia no mesmo estilo. Ou até pior, já que publicava suas obras em folhetins que alteravam o curso **de** acordo com o agrado ou desagrado dos leitores.

Rodrigo Leão tenta estabelecer um padrão do que seria bom ou não em literatura com base em critérios composicionais de uma obra. A repetição de um tema e de um enredo comum. No entanto, ele não se aprofunda em tal definição. Isso induz a pensar que os leitores aceitam algo como simplesmente bom ou ruim de acordo com o definido pela academia ou crítica literária.

Conceituar uma literatura como “de massa” ou não reproduz um valor negativo e ideológico de que há uma literatura superior a essa. Todavia, tal divisão mostra-se totalmente infundada, a partir do momento em que a ideia de uma literatura de massa é vinculada à suposição de que existiria uma literatura mercadológica. De acordo com JAUSS (LIMA, 2002: 79-81):

O discurso pouco crítico sobre o “caráter de mercadoria” da arte, mesmo sob as condições da sociedade industrial, não considera que, até mesmo os produtos da “indústria da cultura”, permanecem como mercadoria *sui generis*, cujo caráter permanente de arte é tão pouco compreendido pelas categorias de valor de uso e de mais-valia, quanto a sua circulação o é pela oferta e procura. É só de modo parcial que a necessidade estética é manipulável, pois a produção e a reprodução da arte, mesmo sob as condições da sociedade industrial, não consegue determinar a recepção: a recepção da arte não é apenas um consumo passivo, mas sim uma atividade estética, pendente da aprovação e da recusa, e, por isso, em grande parte não sujeita ao planejamento mercadológico (...).

A teoria de Adorno sobre a maquinaria da indústria cultural e de seu efeito de conjunto, no sentido de um “antiiluminismo”, ainda despertou, noutras escolas, o preconceito de que a arte de uma elite cultural cada vez melhor, diante da multidão crescente de consumidores da indústria cultural, não tem mais salvação. Mas o contraste entre uma arte de vanguarda, apenas voltada para a reflexão, e uma produção do *mass media*, apenas voltada para o consumo, de modo algum faz justiça à situação atual. Ainda não se provou que a quebra das fronteiras do estético, através das possibilidades não pressentidas da atividade poética e estética, leve necessariamente à “dialética do iluminismo”. Tampouco está provado que a experiência estética, tanto da arte contemporânea quanto da arte do passado, que, pelos *mass media*, já não só atinge uma camada culta, mas se abre a um círculo de destinatários até hoje nunca alcançado, deva degenerar numa relação consumista e corroboradora do *status quo*. Contra isso é, quando nada, de se opor o que Brecht já formulara a respeito do efeito do cinema: “Todos concordam que o filme, mesmo o mais artístico, é uma mercadoria (...). Quase sem exceção todos lamentam esse fato. Aparentemente, ninguém consegue imaginar que esta maneira de ser lançado no mercado possa ser vantajosa para uma obra de arte”.

Entende-se que uma obra literária possui qualidades ou não independentemente de quem a produza ou com qual fim é produzida. E que apenas o leitor em contato com a obra pode julgá-la válida ou não, de qualidade ou não. O conceito de qualidade literária é ideológico e não raro se percebe que se julgam leitores por suas leituras, em um processo metonímico. Dizer que um escritor não é bom, quando ele possui uma legião de leitores, é dizer que seus leitores não são bons.

Dizer que existem dois tipos de literatura, uma para cada leitor, ou ainda afirmar que o leitor “evolui” a partir de uma literatura “ruim” (de massa) para a “boa” (literária) é realizar um julgamento sobre os leitores.



19/12/09

Lucas D. Assis

#### Pois bem

A **literatura** "ruim" tem sua importância sobre vários aspectos. Ela pode ser, à primeira vista, mais atraente aos iniciantes em **literatura** e, portanto, abrir portas para que a pessoa possa chegar à boa **literatura** algum dia. Entretanto, quando isso não ocorre, e o ser continua refém **de** uma leitura mais pobre e não consegue passar a níveis mais altos, é que a **literatura** ruim pode se tornar um problema. Outro fator que justifica a **literatura** ruim é que, por ser mais acessível, consegue um maior número **de** vendas, possibilitando a manutenção do mercado e o barateio dos livros... Uma pena, pois, mesmo com essas funções descritas, a **literatura** ruim poderia ser dispensada (ou seja, chutada do sucesso). Isso porque eu defendo que todos podem gostar da **literatura** com boa **qualidade**. Quantas pessoas não se apaixonam ao ler Júlio Verne, Allan Poe, Tolkien, Monteiro Lobato? Tornam-se leitores muito mais aficcionados do que aqueles que se encantam a ler Dan Brown (falo isso por conhecer alguns casos pessoalmente heheh). O problema é que nem sempre há um direcionamento para essas obras. Nas escolas, sempre temos que ler Machado **de** Assis (convenhamos, o que um adolescente gostaria mais **de** ler: aventuras com ficção científica ou um caso psicótico **de** traição?), que pode ser um início traumático para o mundo da leitura (para aqueles sem nenhuma experiência).

Agora, o juízo **de** massa não pode ser levado tão a sério. Quantas obras, hoje consideradas intocáveis, foram, algum dia, grandes sucessos? O que garantiria a eternidade **de** um livro? José Geraldo fala sobre o comprometimento que o autor tem **de** ter com sua própria pessoa. Então, ao escrever um livro "ruim", o autor utiliza **de qualidade** literária baixa propositalmente? Será que ele teria capacidade **de** fazer uma obra boa? Falando do Dan Brown (único destes autores ruins que li), já li que Sidney Sheldon era sua grande referência literária.

Existiria um leitor mais capaz do que outro e, portanto, uma literatura para cada tipo de leitor. Ao afirmar que os dois tipos de literatura são importantes, os participantes semeiam a ideologia de que há uma literatura superior a outra e, por extensão, um leitor superior ao outro.



19/12/09

Violeta

**Polêmica, Literatura "Boa" x " Ruim"**

Pessoal, o que acreditam quanto a importância da **qualidade** literária? Porfiando o tópico, pois bem, colocarei um pouquinho do que acredito, em seguida podemos acrescer a discussão. A priori, tenho um certo juízo **de** valor sobre as obras: Gosto dos clássicos, dos grandes novos e daqueles que machucam as cãs, penalizando a **literatura** dita **de** massa (não confundir com popular, como cordel), tendo lido algumas para poder criticá-las devidamente. Entretanto, acredito que o juízo **de** "massa", seja também funcional, uma vez que atende a demanda do público, **de** qualquer maneira são livros-oras... O que vocês acham? Discorram sobre.

A leitora Violeta levanta uma questão fundamental de nossa pesquisa: o conceito de massa é funcional, já que atende a demanda de um público. Ora, se a "literatura de massa" é avaliada negativamente, seus leitores também o são. A ideologia possui diferenciados e diversificados modos de se manifestar. Seja por meio de *legitimação*, *dissimulação*, *unificação*, *fragmentação*, *reificação* ou ainda por outros modos (THOMPSON, 2009:81), sempre propaga-se ou se é alvo de ideologias diversas.

Tal qual proposta por THOMPSON (2009), cujo postulado acerca da ideologia é básico para a Análise Crítica do Discurso, a ideologia deve ser compreendida como naturalmente hegemônica, ou seja, necessariamente estabelece e sustenta relações de dominação, reproduzindo a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes. Segundo Thompson (2009:79):

Ao estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação, o sentido com o qual estamos interessados é o sentido das formas simbólicas que estão inseridas nos contextos sociais e circulando no mundo social. Por "formas simbólicas", eu entendo um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como constructos significativos. Falas linguísticas e expressões, sejam elas faladas ou escritas, são cruciais a esse respeito. (...) Podemos analisar o caráter significativo das formas simbólicas em termos de quatro aspectos típicos – que chamarei de aspectos "intencional", "convencional", "estrutural" e "referencial" das formas simbólicas. Há um quinto aspecto das formas simbólicas que chamarei de "contextual", o qual indica que as formas simbólicas estão sempre inseridas em contextos e processos socialmente estruturados. Descrever esses contextos e processos como "socialmente estruturados" é dizer que existem diferenciações sistemáticas em termos da distribuição ou do acesso a recursos de vários tipos. As pessoas situadas dentro de contextos socialmente estruturados têm, em virtude de sua localização, diferentes quantidades e diferentes graus de acesso a recursos disponíveis. A localização social das pessoas e as qualificações associadas a essas posições, num campo social ou numa instituição, fornecem a esses indivíduos diferentes graus de "poder", entendido neste nível como uma capacidade conferida a eles socialmente ou institucionalmente, que dá poder a alguns indivíduos para tomar decisões, conseguir seus objetivos e realizar seus interesses. Podemos falar de "dominação" quando relações estabelecidas de poder são "sistematicamente assimétricas", isto é, quando grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessível a outros agentes, independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito.

O conceito de cânone é contestado algumas vezes. Rodrigo Leão, por exemplo, questiona o que faz de uma obra um cânone. E a internauta Flor manifesta afeto negativo sobre eles, como pode ser observado:



20/12/09

Flor

### **Bons leitores são construídos pela Lit. "ruim"**

Eu tenho algumas posições sobre **literatura** "ruim".

Estudei pra caramba, fiz pós graduação em crítica literária e não me sinto à vontade, mesmo sendo uma especialista, em concordar ou analisar algo em "bom" ou "ruim".  
Por quê:

1) Meu hábito **de** leitura quando adolescente era **de** José **de** Alencar (que hoje acho ruim hoje em dia - pessoalmente) à Sidney Sheldon (que acho péssimo hoje).

Agatha Christie que povoou minha adolescência, é considerada uma **literatura** "ruim" mas foi ela que fez eu ser uma devoradora **de** livros.

2) Sem a visão que tive na graduação **de** Letras, jamais teria conseguido ler Rosa, o que me fascina literalmente e dentro da alma. Já li o Grande Sertões 3 vezes desde que entrei na graduação.

3) Eu só me posiciono da seguinte maneira: A **literatura** "ruim" é capaz **de** formar o hábito **de** leitura em muitas adolescentes e jovens. O que a **Literatura** "boa" não é capaz **de** fazer no início do trajeto **de** leitura **de** um ser humano. Ninguém que não tenha o hábito **de** ler, lerá **de** cara um Dosto, ou um Drummond.

O que penso é: o livro mudou sua vida? Transformou algo? Houve o prazer da leitura?

Se sim, ótimo, a função da **Literatura** foi posta em prática, o leitor perceberá isso por si só e continuará buscando outras leituras.

Não gosto **de** ficar classificando em Lit. "boa" ou Lit. "ruim", mesmo porque eu ODEIO cânones....

O parecer da internauta é contraditório e esclarecedor. Embora ela se posicione com antipatia ao fato de se dividir e julgar a literatura de acordo com "bom" ou "ruim" ela o faz e cita exemplos do que é bom e do que é ruim. Todavia, como ocorre em boa parte do corpus, a única obra, de fato, que é comentada é Grande Sertão: Veredas. Os demais são escritores observados pelo conjunto de suas obras.

Foi percebido também que os leitores, habitualmente, julgam negativamente escritores, de um modo geral, que não sejam consagrados pela crítica.

Consoante EAGLETON (2006:16):

A sugestão de que "literatura" é um tipo de escrita altamente valorizada é esclarecedora. Contudo, ela tem uma conseqüência bastante devastadora. Significa que podemos abandonar, de uma vez por todas, a ilusão de que a categoria "literatura" é "objetiva", no sentido de ser eterna e imutável. Qualquer coisa pode ser literatura, e qualquer coisa que é considerada literatura, inalterável e inquestionavelmente – Shakespeare, por exemplo –, pode deixar de sê-lo.

Portanto, definir o que é literatura e, por extensão, critérios de qualidade literária, não é algo objetivo, imutável ou ainda inquestionável. A literatura não constitui uma categoria objetiva, ou seja, o estudo e os valores formados acerca da literatura são variáveis e campo em que a ideologia figura. Classificar, então, o que é ou não (boa ou má) literatura constitui sempre um ato ideológico, valorativo e referente, muitas vezes, a manutenção de estruturas de poder.

Percebe-se, portanto, que os argumentos da internauta Violeta são encadeados de maneira *racional*, de modo a *legitimar* a ideologia de que “a boa literatura é a dos cânones literários”. Segundo THOMPSON (2009:82):

Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas, como observou Max Weber, pelo fato de serem representadas como legítimas, isto é, como justas e dignas de apoio. A representação das relações de dominação como legítimas pode ser vista como uma *exigência de legitimação* que está baseada em certos fundamentos, expressa em certas formas simbólicas, e que pode, em circunstâncias dadas, ser mais ou menos efetiva. Weber distinguiu três tipos de fundamentos sobre os quais as afirmações de legitimação podem estar baseadas: fundamentos racionais (que fazem apelo à legalidade de regras dadas), fundamentos tradicionais (que fazem apelo à sacralidade de condições imemoriais) e fundamentos carismáticos (que fazem apelo ao caráter excepcional de uma pessoa individual que exerça autoridade). Exigências baseadas em tais fundamentos podem ser expressas em formas simbólicas através de certas estratégias típicas de construção simbólica. Uma estratégia típica é o que chamamos de *racionalização*, através da qual o produtor de uma forma simbólica constrói uma cadeia de raciocínio que procura defender, ou justificar, um conjunto de relações, ou instituições sociais, e com isso persuadir uma audiência de que isso é digno de apoio.

Pode-se dizer que o discurso legitimador da leitora se baseia em fundamentos *tradicionais*, ou seja, para ela, o que é clássico é bom. Sua estratégia se aproxima da *racionalização*, pois ela constrói seus argumentos em fundamentos legalizadores, de modo a conseguir apoio de outros internautas.

Na amostra 3, o leitor Lucas D. Assis realiza considerações estabelecendo a qualidade literária de acordo com a *tradição* (boa literatura é sinônimo de cânones literário) e *carisma* (a boa literatura é aquela produzida por escritores reconhecidos), o leitor também aponta fundamentos *racionais* ao utilizar-se de argumentos legitimadores que autorizam uma determinada literatura “ruim”. De acordo com EAGLETON (1997:19):

A ideologia tem a ver com *legitimar* o poder de uma classe ou grupo social dominante. “Estudar ideologia”, escreve John B. Thompson, “é estudar os modos pelos quais o significado (ou a significação) contribui para manter as relações de dominação”. Essa é,

provavelmente, a única definição de ideologia mais amplamente aceita, e o processo de legitimação pareceria envolver pelo menos seis estratégias diferentes. Um poder dominante pode legitimar-se *promovendo* crenças e valores compatíveis com ele; *naturalizando* e *universalizando* tais crenças de modo a torná-las óbvias e aparentemente inevitáveis; *denegrindo* idéias que possam desafiá-lo; *excluindo* formas rivais de pensamento, mediante talvez alguma lógica não declarada mas sistemática; e *obscurecendo* a realidade social de modo a favorece-lo (...). Em qualquer formação ideológica genuína, todas as seis estratégias podem estabelecer entre si interações complexas.

Já o internauta Reynaldo, participante do tópico de discussão da primeira amostra, cujo comentário leremos a seguir, baseia-se em fundamentos *carismáticos*, ou seja, ela iguala a boa literatura a grandes escritores, isto é, personalidades marcantes, que possuem valores cultural e social reconhecidos. Tal fundamento carismático e o fundamento tradicional anteriormente observado são as formas de legitimação da ideologia mais comumente verificadas nos fóruns de discussão acerca da literatura.



15/03/09

Reynaldo

todos os escritores complicados q eu conheço são bons:

Jean Paul Sartre

Jorge Luis Borges

Júlio cORTÁZAR.

Kafka.

Joyce.

e por aí vai...

Por isso, entendem-se os discursos de internautas acima expostos como *ideológicos*. Eles contribuem com a manutenção das relações de dominação a partir do momento em que promovem a crença de que existe uma literatura superior a outras, que é a dos cânones literários, tornam tais crenças “enraizadas”, isto é, aparentemente inquestionáveis, denigrem outras formas de pensar o conceito de qualidade literária, excluem os discursos que o confrontam.

## 5.5 – Conclusão

Neste capítulo, foram apresentados os dados levantados pela pesquisa e sugeridos encaminhamentos na análise destes dados, relacionando-os às características das amostras que constituem o corpus de pesquisa.

Na primeira seção, foram apresentados os dados gerais referentes ao corpus, como forma de situar a análise detalhada de cada amostra. Aqui foram apresentados dados relativos aos seguintes parâmetros: distribuição das categorias de Apreciação, Afeto e Julgamento no corpus; distribuição da polaridade (negativa ou positiva) na expressões valorativas, de forma geral no corpus e de forma específica, no âmbito das categorias de Apreciação, Afeto e Julgamento.

Na seção 5.1, apresentaram-se os dados da Amostra 1, “Leitura difícil é sinal de qualidade?”. A análise dos dados levantados sugere que a Amostra 1 se caracteriza pela predominância de atitudes valorativas expressas verbalmente nas dimensões de Reação, principalmente, mas em números não muito diferentes de Composição e Valor.

Na seção 5.2, procedeu-se à descrição dos dados levantados na Amostra 2 e à sua análise. Diferentemente da Amostra 1, em que houve predominância da Apreciação de acordo com a Reação dos leitores,, a Amostra 2 apresentou predominância de Valor.

Finalmente, na seção 5.3 foram apresentados e analisados os dados da última amostra, em que se observou a predominância de Apreciação de Valor, de mesmo modo que a Amostra 2.

No capítulo a seguir, o último que compõe esta Dissertação, são feitas as considerações finais a respeito do desenvolvimento da pesquisa e de seus resultados, de suas limitações e de seus futuros desdobramentos.



## **5 CAPÍTULO 6 – PARA VOCÊ, O QUE É QUALIDADE LITERÁRIA?**

De acordo com o arcabouço teórico adotado para os fins desta pesquisa, realizaram-se análises léxico-gramaticais dos comentários realizados nos tópicos de discussão de comunidades do Orkut relativas às discussões literárias, a fim de que se pudesse determinar o que é qualidade literária, de acordo com a perspectiva do leitor que interage nas redes sociais.

Para os fins desta pesquisa, acreditou-se que os preceitos da Análise Crítica do Discurso, da Linguística Sistêmico-Funcional e da Teoria da Valoração, que surge como um apoio de análise linguística da LSF, seriam adequados. Afinal, partiu-se do pressuposto de que não se pode realizar uma avaliação acerca da qualidade da literatura sem que esta seja revestida de ideologia. No entanto, nosso corpus se mostrou rico e repleto de possibilidades de análise, que nos levou a reflexões diversas.

Neste capítulo, inicia-se por retomar os dados da pesquisa, aprofundando sua análise e indagando se foram respondidas as questões que nortearam a pesquisa. A seguir, apresentam-se as limitações desta pesquisa para, finalmente, na última seção deste capítulo, serem discutidos os futuros desdobramentos da pesquisa.

### **5.1 – A pesquisa e seus rumos**

Foi interessante observar como os internautas, em fóruns de discussão em que todos têm o mesmo espaço de participação, criam relações de simetria ou assimetria entre si, como se aproximam ou se distanciam uns dos outros a fim de que aceitem suas opiniões, a fim de que concordem, enfim, de modo a se diferenciarem uns dos outros. Observou-se que, como forma de se posicionar de modo assimétrico quanto aos outros, os internautas possuem algumas estratégias. Alguns autorizam sua fala a partir dos discursos de autoridades, outros afirmam ter estudado o assunto, alguns afirmam conversar com especialistas, outros utilizam nomes ou alcunhas que transmitem autoridade.

Porém, nossa questão central é como o leitor avalia a qualidade literária, quais são suas atitudes com relação a ela, a fim de que se possa identificar a ideologia que perpassa os discursos dos internautas. A primeira consideração que

se realiza é o fato de que os temas dos tópicos de discussão influenciaram diretamente nossos resultados.

Nas três amostras de nosso corpus, houve dominância da categoria da *Apreciação* em sua polaridade positiva. Esse resultado era esperado, pois uma avaliação literária passa pela *Apreciação* do objeto artístico. Fato que nos surpreendeu foi como o *Afeto* perpassou todas as amostras do corpus, sempre em números expressivos, preponderante ao *Julgamento*, e de forma negativa, majoritariamente. Então, observa-se que os comentários dos internautas se estruturavam de modo que o leitor, primeiramente, apreciava algum aspecto da literatura e, então, demonstrava seu *Afeto* que, na maioria das vezes, era negativo.

As categorias de *Apreciação* na amostra estiveram presentes de modo bastante equilibrado. No entanto, ressalta-se que nas amostras 2 e 3 a *Valoração* se destaca sobre a *Reação* e a *Composição*, o que não ocorre na amostra 1, em que preponderaram *Reação* seguida de *Composição*, ambos positivos.

Credita-se a diferença dos resultados à proposta inicial dos tópicos de discussão. A amostra 1 direcionava o debate para uma questão estética (*Composicional*) e para a discussão do impacto de uma obra para o leitor, pois a “dificuldade de leitura” envolve a *Reação* do leitor, o *Impacto* da obra sobre ele. As amostras 2 e 3, diferentemente, faziam alusão à questão da qualidade literária. A amostra 2 discutindo, propriamente, em que consiste a qualidade literária e o que determinaria o *Valor* de uma obra. A amostra 3 com o debate da importância de dois tipos de literatura, uma “boa” e outra “ruim”, também conduz a avaliações de *Valor*, haja vista que tais “tipos” de literatura são valoradas pelos leitores.

Pensa-se que tais dados refletem a ideologia hegemônica de que uma obra literária “difícil” é boa, haja vista que a *Apreciação* dessas obras foi positiva. Outro fato que merece atenção é o fato de que o leitor considera o cânone literário, o clássico, a obra consagrada pela crítica e estudos literários como boa, mas seu *Afeto* quanto a ela não é sempre positivo. Isso quer dizer que o leitor compreende a importância do clássico e considera bom, mas difícil de ser compreendido, o que leva a um *Afeto* de *Insatisfação*.

Os leitores corroboraram a concepção hegemônica de que o clássico, o cânone, é difícil, mas é bom. Entretanto, seu sentimento quanto ao clássico não é positivo, o que nos levou, num primeiro momento, a pensar em uma contestação da

concepção hegemônica, com base no Afeto expresso pelos leitores. No entanto, acredita-se que, mais do que uma contradição, a coexistência de valores distintos no discurso do leitor internauta indica que o mesmo enuncia posições valorativas articuladas não somente com base na sua própria experiência de leitura (“foi difícil de ler”), mas também com base num discurso hegemônico, oriundo da academia. Há, assim, nesta amostra marcas de uma interdiscursividade, entendida a partir de Fairclough (2001:71) como uma mistura de discursos, este último termo entendido no sentido de conjuntos articulados de sentidos que denotam determinada visão de mundo.

Percebe-se, assim, que os participantes dos fóruns de discussão online que compõem nosso corpus reiteram concepções hegemônicas oriundas do discurso acadêmico responsável por difundir a concepção de que a literatura clássica ou consagrada é difícil, complexa, e, portanto, relevante. Contudo, os leitores expressam, algumas vezes, afeto negativo por tais obras, sendo seu sentimento, principalmente, de insatisfação. Isso quer dizer que o sentimento dos leitores quanto a tais aspectos não é sempre positivo. Os leitores reconhecem que uma obra possui valor, é relevante, mas isso não significa que tal obra os agrade sempre.



14/03/09

Mestre Maurício

#### LEQUINHO

"Sim, mas a pessoa pode conhecer muito sobre a língua, e mesmo assim ficar difícil interpretar o livro!"

Na minha experiência como leitor de Literatura, já tive contato com livros que não foram feitos para serem lidos, foram feitos apenas para que o escritor mostrasse seus dotes técnicos.

Pessoalmente, gosto da simplicidade (Italo Calvino, Tchekov, Oscar Wilde), mas, às vezes, me esforço para ler um Guimarães Rosa ou uma Virginia Woolf, e vejo que valem a pena. Porém há autores novos e desconhecidos que forçam a barra, tentam escrever a pura técnica e deixam o contar histórias de lado. Esses me cansam profundamente...

Então, infere-se que o leitor, ao discutir a qualidade literária na internet, adota uma concepção hegemônica, um discurso ratificado pela academia que avalia uma obra como boa a partir de suas qualidades intrínsecas e composicionais. Ao debater questões relacionadas à qualidade do texto literário, o leitor adota um

posicionamento seguro e utiliza argumentos por ele já conhecidos e, aparentemente, incontestáveis, haja vista que tal discurso é amparado por uma concepção hegemônica, ou seja, “quem pode dizer algo sobre o assunto, diz isso”. Talvez essa estratégia dos leitores tenha por objetivo fazer-se respeitado e inquestionável pelos colegas de discussão.

Contudo, os leitores, diferentemente do que acontece nos meios institucionais de discussão literária, manifestam suas experiências como leitores, relatando seus agrados e desagradados, gostos e desgostos literários. Esse é o elemento que diferencia, basicamente, esse tipo de discussão literária das demais. E ao expressar seus sentimentos acerca das obras literárias, os leitores têm atitudes de Afeto, e, principalmente, manifestam Afeto de polaridade negativa, pois suas frustrações prevalecem sobre seus contentamentos nos comentários realizados.

E, no corpus, percebe-se que as atitudes de Apreciação positiva do leitor quanto à obra precedem um posicionamento de Afeto. Isso significa que nesse espaço de discussão, em que “todos são adultos e vale mais a sua própria opinião”<sup>34</sup>, o leitor adota uma postura mais isenta, apenas apreciativa, de modo a avaliar a obra literária ou a literatura como um todo, atitude que precede um comportamento Afetivo, pois o leitor entende os fóruns de discussão cibernéticos como um espaço em que você deve manifestar sua opinião, seu sentimento, pois o internauta se expressa de modo não anônimo<sup>35</sup>, seu rosto, seu nome, enfim, sua identidade é revelada. E, a partir do momento em que o internauta se expressa não como um formador de opinião, mas como apenas um leitor, sua opinião, seu sentimento, é relevante nesse espaço.

A categoria do Julgamento tal qual se apresenta no corpus expressa muito mais preconceitos dos leitores quanto a escritores do que quanto à qualidade literária, por si. O leitor julga atitudes dos escritores, em vários momentos manifestando seu descontentamento quanto aos comportamentos deles, sem citar nomes. O interessante foi perceber que não é citado um nome específico ao se julgar alguém, embora os autores sejam tratados por “intelectualóides” ou acusados de “mera armação”. Acredita-se que tal atitude é preconceituosa por revelar as

---

<sup>34</sup> Paráfrase das palavras utilizadas pelo internauta Rodrigo Leão ao se referir a um comentário da internauta Cláudia, com quem debatia na discussão da Amostra 2.

<sup>35</sup> As comunidades das quais se extraíram as discussões que compõem o corpus não permitem o anonimato do internauta, mas essa não é uma regra de todas as comunidades de discussão literária. Em algumas, é permitido o anonimato.

ressalvas do leitor quanto aos escritores não-canonizados pela crítica. De acordo com os dados que o corpus apresenta, um escritor já consagrado pode produzir uma obra complexa, densa, com recursos estilísticos apurados. Todavia, um escritor “novo”, ao escrever uma obra com tais características, é taxado de “intelectualóide”.

Enfim, tais foram os dados encontrados no recorte realizado para os fins desta pesquisa. No entanto, esse estudo possui limitações que serão comentadas a seguir.

## **5.2 – Limitações e futuros desdobramentos da pesquisa**

A realização dessa pesquisa foi, por um lado, desafiante, afinal, trata-se de um estudo baseado em interações cibernéticas nas redes sociais, o que é um tema relativamente novo.

Não obstante, a interação na rede social *Orkut* foi apenas o pano de fundo de nossa pesquisa, que, de fato, tinha por objetivo investigar o que é qualidade literária para o internauta que debate literatura em tais fóruns de discussão.

Não era novo apenas o espaço em que o debate sobre a literatura era realizado. As práticas sociais também são novas, pois a interação dos internautas não é realizada face - a - face, não há elementos gestuais, visuais e entonacionais importantes, embora esse não tenha sido o alvo dessa pesquisa. E, além disso, o internauta discute com pessoas totalmente desconhecidas fora do mundo virtual, com pessoas de lugares, idades, credos e concepções diversas.

Considera-se que as práticas sociais em ambiente online são ricas e muito produtivas. Os estudos nessa área devem continuar. Todavia, as redes sociais mostram-se fugazes. Hoje uma rede de sucesso pode perder suas forças, perder participantes, mudar de características, perecer... Não se pode determinar o tempo em que uma rede social será forte o bastante de modo a ter trocas discursivas válidas.

A grande limitação desta pesquisa foi, no entanto, o corpus reduzido que não permite generalizar as afirmações aqui propostas. Esses foram os dados encontrados em apenas três tópicos de discussão, considerados produtivos para a proposta de trabalho. Não obstante, não se sabe quais dados e resultados seriam encontrados em um recorte diferente, de acordo com a proposta apresentada.

Todavia, de acordo com os dados coletados essas foram as conclusões a que se chegou.

Do ponto de vista dos futuros desdobramentos desta pesquisa, uma possibilidade é usar o mesmo aparato teórico-metodológico num corpus de outra feição. Observando-se a rede social Twitter, notam-se algumas práticas com relação à Literatura que são bastante interessantes. Essa rede funciona como um “*microblog*”, isto é, como um espaço em que a pessoa pode escrever o que quiser em até 140 caracteres. Há tipos sociais criados com fins específicos, há internautas publicando seus sentimentos, opiniões ou, simplesmente, “What’s happening?”, pergunta que norteia o microblog. Investigar o que é qualidade literária para os internautas, em 140 caracteres, parece bastante instigante e, quem sabe, produtivo?

### **5.3 – Considerações finais**

Há, portanto, inerente à classificação da própria categoria “literatura”, um aparato ideológico. O que se define, hegemonicamente, como “literatura”, vem corroborar uma ideologia de que a única literatura válida, ou seja, de que a “boa literatura” é apenas a dos clássicos literários. Portanto, a literatura validada pela instituição escolar e pela crítica literária (como, por exemplo, o conhecido crítico Harold Bloom) é aquela considerada hegemonicamente “boa literatura”.

Os internautas que debateram os tópicos propostos pelos fóruns de discussão coletados nesta pesquisa apresentam uma concepção do que é “boa literatura” baseada no discurso hegemônico, oriundo da academia, da crítica literária, que enfatiza as qualidades intrínsecas do texto literário, o que explica a ocorrência da *Apreciação* como categoria que prevalece no discurso dos internautas. Contudo, percebe-se que estas representações também são calcadas nas suas próprias experiências de leitura de textos literários. Quando se afastam do discurso hegemônico, os internautas usam *Afeto* para falar de suas dificuldades na leitura dos chamados ‘clássicos’. E às vezes também *Julgamento*, ao se referir a autores cujos dotes ou intenções literárias são questionáveis. Ou seja, *Afeto* e *Julgamento* aparecem quando eles se afastam do discurso hegemônico e articulam suas próprias impressões e vivências sobre literatura.

Assim, o que se observa é que há coexistência de diferentes discursos na fala dos internautas - não é só o discurso hegemônico que está ali. Interessante observar os critérios por eles utilizados quando se afastam do discurso hegemônico: livros fáceis de ler, com uma narrativa interessante, que despertam o prazer, a fruição, que fazem refletir, que possuem linguagem simples.

Enfim, em detrimento dos aspectos formais e estéticos apreciados pelo discurso hegemônico, os leitores consideram boa a literatura que desperta o prazer sendo simples e fácil de ler, se incomodando com escritores que tentam dificultar sua escrita, de modo a se fazerem de difícil compreensão, aspecto avaliado pela maioria das Atitudes de Julgamento. A verdade é que, de fato, concluiu-se que, para os internautas dos fóruns de discussão do Orkut coletados nesta pesquisa, literatura boa é a que gosto; ruim é a que eu não gosto.

## REFERÊNCIAS

- AFONSO, Carlos A. *Internet no Brasil: o acesso para todos é possível?* Rio de Janeiro, 2000.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. de Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1979].
- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BALOCCO, Anna Elizabeth. A perspectiva discursivo-semiótica de Gunther Kress: o Gênero como um recurso representacional. In: Meurer, J.L. et al. **Gêneros:teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BALOCCO, Anna Elizabeth. Rompendo fronteiras genéricas na dissertação acadêmica: um estudo de caso. **Revista Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 41-52, 2004.
- BALOCCO, Anna Elizabeth. Entre o ensaio e a ficção: diálogo entre diferentes formas de escrita. **Boletim do VII Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada**, São Paulo, v. 1, p. 97, 2004.
- BALOCCO, Anna Elizabeth. **Padrões de avaliação e de organização textual no artigo acadêmico na área da pesquisa literária em inglês**. 202f. 2000 Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERNARDO, Gustavo. A qualidade da invenção. In.: Ieda de Oliveira (Org.) **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?** São Paulo: DCL, 2005.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo, Ática: 2006
- BRISSAC, Nelson. **Cenários em ruínas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CABRAL, Sara Regina Scotta. **A mídia e o presidente: um julgamento com base na Teoria da Valoração**. 2007. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.
- CARVALHO, Gisele. Resenhas acadêmicas: um guia rápido para escritores de primeira viagem. **Dubito Ergo Sum**, p. 1-7, 2004.
- CARVALHO, Gisele. Críticas de livros: um breve estudo da linguagem da avaliação. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 6, n. 2, p. 179-198, mai./ago. 2006.
- CARVALHO, Gisele. **Resenhas/reviews: da ação entre amigos ao apontador de defeitos (um estudo contrastivo de resenhas acadêmicas escritas em inglês e em**



**português**). 2002. 207 f. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Niterói, 2002.

CARVALHO, José Reynaldo de Salles. **Tudo que é cânone desmancha no ar: a rizomática literatura comparada do tempo presente**. 2006. 186f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre : Artmed, 2001.

CHARTIER, Roger. **Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n .16, 1995.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. Tradução: Silvana Vieira. São Paulo: BoiTempo, 1997.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso, mudança e hegemonia**. In: PEDRO, E.R. (Org.) **Análise Crítica do Discurso – uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Editorial Caminho, 1997

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar edições, 2003. p. 45-108.

GARDNER, J. **A arte da ficção: orientações para futuros escritores**. Trad. de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2.. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 1998.

HALLIDAY, M.A.K.; MARTIN, J.R. **Writing science: literacy and discursive power**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1993.

HALLIDAY, M. A. K. **Introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

INGLEZ, Karin Gutz. **Conectores de causa e condição em fóruns de discussão na Internet**. 2008. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Programa de pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Univesidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**. Uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo : Ed. 34, 1996. v.1

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**. Uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo : Ed. 34, 1999. v.2

KRESS, G. Genre as social process. In: Cope, B.; Kalantzis, M. (Eds.). **The Power of Literacy: a Genre Approach to Teaching Writing**,. London : The Falmer Press, 1997.

LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor**. Textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARCUSCHI, L.A. ; XAVIER, A.C. **Hipertexto e Gêneros Digitais**. Rio de Janeiro, Lucerna: 2005

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). **Análise da Conversação**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007. 94 p.

MARTIN, J. R. **Beyond exchange: APPRAISAL systems in English**. In: HUNSTON, S.; MEY, Jacob L. **As vozes da sociedade**. Trad. Ana Cristina de Aguiar. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Working with discourse: meaning beyond the clause**. London; New York: Continuum Press, 2003.

MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005

MEURER, J. L. **Amplianda a noção de contexto na lingüística sistêmico-funcional e na análise crítica do discurso**. In: **Linguagem em (Dis)curso**.

Tubarão,SC: LemD, 2004.v.4

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

OLIVEIRA, Márcia Regina Alves Ribeiro. **A “quase conversação” na “comentosfera” dos “j-blogs”: um estudo das interações na interface de comentários de quatro blogs jornalísticos institucionais**. 183f. 2010. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras, Rio de Janeiro, 2010

PETRUCCI, Armando. Ler por ler: um futuro para leitura. In.:Cavallo, Guglielmo.Chartier, Roger. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental** São Paulo: Ática, 1999.v.2

RESENDE, V ; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

THOMPSON, J. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Tradução de Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. Petrópolis: Editora Vozes, 2009 [1990].

THOMPSON, G. (Eds). **Evaluation in text**: authorial stance and the construction of discourse. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 142-175.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008

VAN LEEUWEN, T. A representação dos atores sociais. In: Pedro, E. R. (Org.) **Análise Crítica do Discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997, p. 169 – 222.

WILSON, Carmem Diva Rodrigues Jorge. **Relações interpessoais em fórum de discussão online: a perspectiva sistêmico-funcional em práticas educativas de ensino à distância**. 2008. 268f. Tese (Doutorado em Letras) - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008

### **Sites**

[www.orkut.com](http://www.orkut.com)

<http://palazzo.pro.br/cronicas/028.htm>

## ANEXOS

### ANEXO A - AMOSTRA 1 - Leitura difícil é sinal de qualidade?

Data em que foi coletada a amostra: 15/07/2009

Número de palavras: 1523

numero de internautas envolvidos na discussão: 19

nomes dos internautas e do mediador da discussão: Mestre Maurício, Reynaldo, Dani, Henrique, Marci, Rogério, André, Reinaldo, Calinka, Altair, João Otávio, Roderic, Daniel, Shalders, Emiliano, letras - Ufba, Sr. Silas, Ivana, Rodrigo

(Discussão não mediada)

Início > Comunidades > Artes e Entretenimento > Literatura > Fórum: > Mensagens

primeira | < anterior | próxima > | última mostrando **1-10** de **36**



13/03/09

Mestre Maurício

Não, **de** modo algum.

Tem autor difícil que é mera armação, intelectualóide...



13/03/09

Reynaldo

Ulysses do Joyce eu tentei ler três vezes e ã consegui.

Êita livro difícil.

=(



13/03/09

Dani

Depende

Temos que saber o que esse livro nos reserva pra nós. Grande Sertão Veredas por exemplo é **de** uma leitura difícil, mas valeu a pena ler ele todo.

Ulysses do Joyce ainda não criei coragem, mas já ouvi falar muito bem. E quem falou tem base suficiente pra isso, ja que é um especialista em **Literatura**.

Mas pra ficar mais claro a pergunta: pq vc não fala por exemplo algum livro que tenha achado **de** uma leitura difícil, pra que as respostas não sejam mto vagas...



13/03/09

Henrique

Boa parte é.



13/03/09

Reynaldo

Grandes Sertões: Veredas ã achei tão difícil, claro q os neologismos contidos nele o tornam um pouco complicado mais a história é tão boa q a leitura flui fácil.

=)



13/03/09

Dani

duvido que não teve dificuldades **de** ler as 100 primeiras paginas, eu por exemplo achei um saco, mas passando disso, flui mto bem sim, mas quem não está habituado a ler, dificilmente chegará ao final!



13/03/09

Marci

Michel, eu concordo com vc. A leitura é difícil por que vc não tem um conhecimento amplo da linguagem ou da tentativa do autor em se expressar, por isso é quase sempre qualitativa por que se aprende novas coisas...

primeira | < anterior | próxima > | última mostrando **11-20** de **36**



13/03/09

Rogério

acho que muitas veze tb depende da tradução (no caso **de literatura** estrangeira) eu por exemplo, já li "A Divina Comédia" **de** Dante Alighieri e "Crime e Castigo" **de** Dostoiévsk, ambos são considerdos livros difíceis, mas os dois livros que peguei estva com uma boa tradução, i primeiro era da folha e o segundo da editora abril, não me membro o nome dos tradutores, porém eu consegui ler sem problemas...



13/03/09

André

já li a Divina Comédia e não achei difícil, tive mais dificuldade com Macunaíma, ainda não li Crime e Castigo.



14/03/09

Reinaldo

Italo Calvino é tão simples que chega a ser complexo demais.

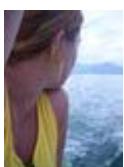


14/03/09

Calinka

Jorge Amado é super simples, e é incrível.

Bom, pelo menos, eu acho.



14/03/09

Calinka

Quanto ao Grande Sertão: Veredas, to lendo ele agora.

To achando muito bom, e tem horas que eu viajo na história. Mas é um livro um tantão cansativo, não é daqueles que você fica com dó **de** terminar logo. Parece que eu leio, leio, e quando eu vi, não li dez paginas.

Mas to firme e forte. Vou terminar, nem que eu tenha que renovar 215 vezes na biblioteca.



14/03/09

Henrique

Mas que tem muito falastrão, isso tem.



14/03/09

Altair

Um livro é mais ou menos difícil conforme a capacidade do leitor.



14/03/09

Mestre Maurício

## LEQUINHO

"Sim, mas a pessoa pode conhecer muito sobre a língua, e mesmo assim ficar difícil interpretar o livro! "

Na minha experiência como leitor **de Literatura**, já tive contato com livros que não foram feitos para serem lidos, foram feitos apenas para que o escritor mostrasse seus dotes técnicos.

Pessoalmente, gosto da simplicidade (Italo Calvino, Tchekov, Oscar Wilde), mas, às vezes, me esforço para ler um Guimarães Rosa ou uma Virgínia Woolf, e vejo que valem a pena. Porém há autores novos e desconhecidos que forçam a barra, tentam escrever a pura técnica e deixam o contar histórias **de** lado. Esses me cansam profundamente...

mostrando **21-30** de **36**



14/03/09

Mestre Maurício

## Altair

"Um livro é mais ou menos difícil conforme a capacidade do leitor. "

Capacidade e vontade **de** ler também... ;)



14/03/09

Mestre Maurício

## Dani &

"duvido que não teve dificuldades **de** ler as 100 primeiras paginas, eu por exemplo achei um saco, mas passando disso, flui mto bem sim, mas quem não está habituado a ler, dificilmente chegará ao final! "



As 50 primeiras eu tive vontade **de** tacar fogo no livro. Depois, fluiu que é uma beleza. No fundo "Grande Sertão" é uma grande história **de** aventuras (e das melhores, do tipo inesquecível). A filosofia e a linguagem vem **de** brinde. Se fosse só pela linguagem eu não leria... e releria tantas vezes...

É lugar comum as pessoas se incomodarem com a linguagem do Rosa. Eu me incomodei bastante. Outro com uma linguagem que me incomodou muito, porém é um grande contador **de** histórias também, é o Simões Lopes Neto, autor **de** "Contos Gauchescos" e "Lendas do Sul".



14/03/09

João Otávio

### **Interessante**

É relativo. O que seria o teu difícil? Palavras diferentes?

Acredito que a leitura difícil que muitos consideram, como grandes autores universais é que esta leitura exige que tu pense, interprete, entre na história.

Vamos pegar o exemplo **de** Franz Kafka, quando lê a "A Metamorfose" metade do livro é escrito por Kafka, a outra metade é a tua interpretação, exige que tu faça a história também, e as pessoas tem preguiça disto. Você lê hoje "A Metamorfose", depois **de** 10 anos você o pega para ler novamente, e é um livro totalmente novo. Agora se você pega um livro do Sir Arthur Conan Doyle do Sherlock Holmes, a fala **de** Watson e Sherlock vão ser as mesmas, não exige que tu faça alguma interpretação, irá sempre ser a mesma história.

Creio que é esta a diferença para uma leitura difícil da fácil. A primeira necessita que tu faça metade da história - que é a tua interpretação - a segunda não é necessário isso.

Abraço!



15/03/09

Roderic

Difícil esteticamente, talvez não.

Mas se for complexo em essência, com certeza é.



15/03/09

Daniel

Concordo com o João Otávio. Pois, o difícil parte **de** uma referência, assim não pode ser generalizado. Devemos levar em consideração a nossa capacidade **de** intertextualizar e provavelmente ai reside o problema **de** lermos alguns textos que exigem mais dessa habilidade.



15/03/09

Shalders,

existem ruins que são complicadíssimos, justamente por falta **de** habilidade do autor. difícil não é sinônimo **de qualidade**, embora muitos livros **de qualidade** sejam complicados.



15/03/09

Emiliano

Tem muito escritor que joga areia nos olhos do leitor como uma forma **de** ocultar sua mensagem ou a ausência da mesma.



15/03/09

letras - Ufba

**Hummm...**

Eu não acredito que a complexidade do texto seja responsável pela sua **qualidade**

Até porque cada espécie **de** texto é um padrão diferenciado o que remete a um nível **de "qualidade"** diferente.

Ex: a simplicidade do texto infantil é o melhor acusador **de** sua complexidade e/ou **qualidade**.

E a humildade **de** um poema é o responsável pela beleza do texto ou seja independe a complexidade do texto para se obter resultados fantásticos em relação a da sua **qualidade** ou não

Ob.: tendo-se em vista que a **qualidade** que se questiona está dentro das críticas interessante ao texto lido e/ou observado



15/03/09

Altair

Não sei não, mas por trás desse tópico parece rondar a sombra **de** um certo escritor...

(Será a enésima defesa dele?)



15/03/09

Reynaldo

todos os escritores complicados q eu conheço são bons:

Jean Paul Sartre

Jorge Luis Borges

Júlio cORTÁZAR.

Kafka.

Joyce.

e por aí vai...

mostrando **31-36** de **36**



19/03/09

Sr. Silas

com certeza não principalmente se for parnasiano



19/03/09

Ivana

Difícil não rima necessariamente com **qualidade**. mas há autores que exigem esforço **de** leitura, mas acabam sendo experiências incríveis. Talvez tenhamos que pensar mais detidamente sobre o livro, enquanto objeto **de** prazer estético, fruição...Obras que nunca saem da lista das "melhores" passam longe **de** ser esclarecedoras, pacificadoras, fáceis demais. Elas são complexas e têm a capacidade **de** se revitalizar com os anos, sendo sempre referência atual. Dom Casmurro é difícil? Não. Mas é densa, polêmica, rica, bem construída. Alguns leitores ficam na superfície do texto, aquela história **de** traição, etc....outros vão além. Obra **de** arte tem disso: fala a todos, mas em diferentes graus.....

Grande sertão:veredas é difícil **de** começar, parece cansativo, a linguagem nos assusta, ma depois que a leitura engata, uma obra prima esplendorosa e desafiante se põe á nossa frente.

Eu acho que o importante é ler, ler muito. Depois o gosto se apura, a exigência seleciona. Abraços!



20/03/09

Rodrigo

Rotular um livro como 'difícil' é muito simples, pois se falamos em clássicos, falamos em épocas diferentes. Particularmente, os contornos da obra, o seu diferencial, é a linguagem. Estruturar um texto para representar uma idéia é preciso elaboração, refinamento, e muitas palavras que estão apenas nos dicionários hoje em dia. Concordo que não é necessário a complexidade para tornar o livro fantástico. Embora, vemos a simplificação, um

empobrecimento, uma redução dos idiomas formidável (vide as alterações na língua portuguesa), que interferem na interpretação **de** qualquer texto.

A bagagem cultural, o pensamento crítico,

tem **de** saber diferenciar o que é bom e ruim, independente da forma **de** escrita.

Coloco aqui uma opinião pessoal: Fico com os livros clássicos considerados "difíceis" no meu travesseiro, inclusive o "Ulisses" **de** James Joyce. O preconceito, ou a procura interminável pelo "fácil" e "simples", impede muitas pessoas **de** se deleitarem com obras encantadoras.

## ANEXO B - AMOSTRA 2 - Qualidade do texto literário

Data em que foi coletada a amostra: 15/07/2009

Número de palavras: 3.016

numero de internautas envolvidos na discussão: 6 (percebe-se que alguns internautas retiraram seus comentários da discussão)

nomes dos internautas e do mediador da discussão: Rodrigo Leão, Claudinha, Luciana, Claudio, Lohanna, Benjamim

(Discussão não mediada)

Início > Comunidades > Artes e Entretenimento > Discutindo... Literatura > Fórum: > Mensagens

primeira | < anterior | próxima > | última mostrando **1-10** de **43**



30/04/06

Rodrigo Leão

### **entrando na discussão...**

Esse é um ponto bastante polêmico e instigante, sem dúvida.

Cláudia está certa em alguns pontos, porém, esquece **de** citar critérios para considerar Machado **de** Assis "gênio" e Paulo Coelho "aproveitador". Quando faz suas colocações se baseia justamente na crítica, afinal é a crítica que consagrou Machado **de** Assis como "gênio" e Paulo Coelho como "aproveitador". Assim como também é a crítica que determina se determinado texto tem "valor literário" ou não, sem falar que o texto sem leitor não "é", texto sem leitor não existe - o texto só pode ser algo no momento da leitura (segundo

MAgda Soares, Solé, Barthes e Vitor Manuel **de** Aguiar e Silva). Com esse argumento Cláudia (**de** que o valor do texto está no leitor), você consagra Paulo Coelho, já que ele não seria lido por tantos se seu texto não fosse apreciado por estes "tantos", concorda?



30/04/06

Rodrigo Leão

### Questão de crítica...

Quanto mais conheço **de** teoria literária mais estou convencido **de** uma coisa: não há critérios científicos para se definir o caráter literário **de** determinado texto. Pesquisas atualmente estão sendo desenvolvidas que provam justamente isto: não há critérios coerentes na hora **de** se inserir um autor no cânone. Se pegarmos os grandes autores **de** nossa história, ou até do mundo, veremos que todos eles possuem uma classe social elevada. Não havia como pertencer ao cânone se não fosse parte da burguesia mais alta. Confirmando o que diz Aguiar e Silva: "a **literatura** é produto da burguesia feito para a burguesia". E ainda hoje é assim. Não há como negar que obras como as **de** Paulo Coelho são dotadas **de** uma certa repetição, **de** uma recorrência **de** um mesmo tema e do uso **de** um enredo comum às literaturas populares. Porém, não podemos esquecer autores nossos, como José **de** Alencar, que é consagrado e escrevia no mesmo estilo. Ou até pior, já que publicava suas obras em folhetins que alteravam o curso **de** acordo com o agrado ou desagrado dos leitores.



30/04/06

Rodrigo Leão

Mesmo com o New Criticism e o Formalismo Russo querendo definir critérios para se definir o valor literário **de** um texto, hoje já sabemos que esses critérios tem seus grandes furos, ou seja: não funcionam.

É inegável o nosso agrado como estudiosos **de literatura** com obras como "Grande Sertão" **de** Guimarães Rosa. Obras que nos instigam a estudá-las a desfrutá-las. Mas pensemos: e a massa? As pessoas que não estão interessadas no estudo **de** uma obra? Que querem apenas divertir-se com uma boa leitura? Como querer que elas também apreciem coisas que nós "estudiosos" apreciamos?

Não posso ser hipócrita e dizer que nunca me delicieei com Jorge Amado, Paulo Coelho e até mesmo Dan Brown (este último dominando muito bem a arte do romance policial). Porém, sei que em termos **de** produzir conhecimento a partir **de** tais obras torna-se mais

complicado. Elas são muito claras, como estudá-las?

"**Literatura de** massa" aos leitores e e "**literatura** literária" aos estudiosos. Com todo direito **de** rompimento da regra.

rsrs.

Abraços a todos!



30/04/06

Claudinha

Acho que a questão do valor literário **de** um texto é relativa e complexa. Os leitores **de** Paulo Coelho por exemplo, podem ler seu texto e lhe atribuir um valor, sem que esse valor seja, necessariamente, literário. O valor **de** ler e se entreter, o valor **de** entender a linguagem, o valor **de** se divertir, mas não o valor **de** transformar, **de** culturalizar, **de** acrescentar, enfim, o valor que a ler determinados textos podem trazer ao indivíduo.

Não são todos os textos que fazem isso. Não são todos os textos que podem revolucionar a cultura **de** um povo, lhe dar uma cara, um sentido; não são todos os textos que nos fazem refletir; não são todos os textos que nos fazem olhar pra dentro **de** nós mesmos e quem sabe, mudar alguma coisa.

O valor literário **de** um texto passa, ao meu ver, por todas essas coisas. Talvez passe pela crítica, porque afinal a crítica é um exercício **de** pensamento em cima do valor atribuído aquele texto. Pode-se chegar a conclusão que é um valor literário, ou não. **De** qualquer forma, incita o debate, e do debate pode vir a mudança.

A **literatura** é uma arte. A arte é a expressão **de** um pensamento individual, mas dentro deste ou através deste, a expressão **de** uma consciência coletiva. A arte tem o poder **de** generalizar o que antes parecia pessoal, privado. E através disso, enriquecer culturalmente a imagem **de** um povo. Alguns textos fazem isso, outros não. A análise disso é que é relativa. Mas em alguns casos, raríssimos se levarmos em conta a quantidade **de** escritores que sequer chegamos a conhecer, existe um consenso. Machado **de** Assis há quem não goste, mas há um consenso sobre ele... Paulo Coelho ainda está no terreno das críticas e dos debates... daqui a dez anos pode não estar mais. Aquilo que conhecemos por **literatura** pode mudar, e Paulo Coelho pode se tornar uma referência. Quem é que sabe? O juízo **de** valor é o mais difícil que existe. O **de** valor literário é além **de** difícil, ingrato e instável.

mostrando 11-20 de 43



30/04/06

Rodrigo Leão

## Calma Cláudia...

Eu também não sou teu inimigo, quero apenas discutir a temática - acho isso produtivo.

Eu não disse que o estilo **de** Alencar é igual ao **de** Coelho, eu disse que os dois tem pontos em comum, por exemplo: repetição temática e **de** enredo.

A respeito do texto só existir na hora da leitura. Pra que o texto é escrito? Qual a intenção **de** alguém que escreve, se não a **de** ser lido. Repito: o texto só se realiza na leitura, e não sou eu quem diz, são os teóricos.

No fim **de** meu tópico eu disse: direito ao rompimento da regra. Isso não é separar é unir, porém explicitando pra quem é voltado cada produto. Afinal, o fato **de** o romance policial ser construído para massas não quer dizer que eu não possa lê-lo só porque estudo "alta **literatura**".

Repito, Cláudia: Eu não sou inimigo nem a vejo como inimiga. Apenas gosto **de** discutir. Perdões se pareci grosseiro, mas é meu modo **de** confrontar idéias. Humildemente peço sinceras desculpas e desejo os mais sinceros abraços!



30/04/06

Rodrigo Leão

## Jorge Amado é do mesmo patamar de Paulo Coelho sim

Ambos produziram a chamada "**literatura de** massa". A única diferença é que Jorge Amado é hoje mais aceito em "alguns" meios. Mas na maioria das universidades estudos sobre Jorge Amado não são só refutados como desprezados. Quando cito alguém, é porque utilizo-me **de** algo chamado "discurso **de** autoridade", afinal o que vale minha opinião se ela vai **de** encontro à opinião **de** todos os críticos? A não ser que eu seja uma autoridade que tenha publicado inúmeros trabalhos sobre o assunto. Por enquanto não.

Você por acaso saberia me dizer desde quando a **literatura de** cordel é considerada **de** **qualidade**, desde quando é estudada. Desde a década **de** 90! Ou seja, só recentemente ela vem sendo estudada e aceita pelos críticos. Até então ela estava no patamar mais rasteiro: era considerada puro lixo. Procure trabalhos científicos sobre ela antes **de** 90 e verá. Sem falar que mesmo sendo estudada, mesmo sendo valorizada pela academia, a **literatura de** cordel continua com sua característica popular... estudá-la é estudar uma produção popular.



30/04/06



Rodrigo Leão

### Concordo plenamente Cláudia...

menos em relação aos teóricos...

Já estive em fóruns... já conversei com doutores e pós-doutores e há uma unanimidade: não há produção **de** conhecimento a partir do nada. Os teóricos são o ponto **de** partida, seja para apoiá-los ou refutá-los. Sendo que para refutá-los sempre é necessário outro teórico...



30/04/06

Claudinha

### Calma Cacau

e Rodrigo tb. Acho que ambos tocaram em pontos que são frutos **de** discussão há muito tempo, então é mesmo muito difícil se chegar a um acordo...

Acho que a Cacau tem razão quanto a importancia da sensibilidade **de** cada leitor diante **de** uma obra. É essa sensibilidade que nos faz determinar, ainda que apenas em nosso pensamento, o valor **de** uma obra. Esse valor pode ser literário ou não. Mas certeza não se baseia no que esse ou aquele teórico disse...muitos nem tem acesso aos textos desses estudiosos, mas são capazes **de** concordar com eles a respeito **de** autores como Machado **de** Assis...

O Rodrigo tem razão quando diz que não se produz conhecimento a partir do nada...mas lembre-se Rodrigo, que o estudo **de** um teórico parte, em principio, da sua própria sensibilidade, e é essa sensibilidade que o faz escolher esse ou aquele teórico mais antigo do que ele pra corroborar o que, no fundo, não passa **de** uma opinião em consenso (e afinal **de** contas, quando o primeiro teórico do mundo produziu sua primeira teoria, em que mais ele se baseou a não ser em si mesmo?). E mesmo assim, nem sempre o consenso é tão grande assim... nós que fizemos faculdade e sabemos das várias correntes **de** pensamento a respeito da **literatura**, podemos atestar isso melhor que ninguém. E se eu posso te dar um conselho, Rodrigo, os críticos e os teóricos servem para corroborar ou aperfeiçoar a sua opinião, e não para determiná-la. O que determina o teu pensamento é o que vem **de** dentro **de** voce. Produza quantos trabalhos académicos produzir, nunca se esqueça disso, ou voce jamais produzirá um trabalho honesto..

O valor literário pode partir da critica, como aliás eu mesma já postei aqui, mas também parte da sensibilidade. Se querem saber, acho que muito mais pela sensibilidade, por que só explica alguém que nunca fez faculdade **de literatura** na vida, não entende nada **de** teoria literária, possa ver tanto valor em Machado **de** Assis e José **de** Alencar quanto um catedrático. Porque Machado não é um consendo elitista, é uma referencia nacional, e todos sabemos disso.

mostrando 21-30 de 43



30/04/06

Rodrigo Leão

Cláudia, o que é que estamos discutindo aqui? Se o que estamos discutindo aqui é o critério para se considerar um texto literário ou não, então o conhecimento do que dizem os teóricos não é necessário... é OBRIGATÓRIO. Já que a discussão não existe sem o trabalho deles.



30/04/06

Rodrigo Leão

**Ana...**

Obrigado pelos conselhos...

mas o que estou fazendo aqui é justamente isso: demonstrar uma opinião própria. Quem está com uma opinião semelhante à **de** todo mundo é justamente a Cláudia. Que defende a opinião dos críticos ao mesmo tempo que os manda "ir às favas". Paciência...

Questionar o cânone e esses critérios, como eu estou fazendo, não é produzir opinião própria? Eu tenho total ciência **de** como deve ser conduzida uma pesquisa científica, ainda mais em **literatura**, pois eu pesquisei e sei que os teóricos são indispensáveis.



30/04/06

Claudinha

**Rodrigo**

Eu sei que você sabe conduzir uma pesquisa científica, desde que você entrou nessa discussão a primeira vez eu percebi isso. Estudei Letras na UERJ e nos dois primeiros anos temos **de** produzir trabalhos em teoria literária, então eu entendo a tua posição quanto a importância dos teóricos. Só peço que você tome cuidado no sentido **de** não absorver a teoria como sua própria opinião, não matar a tua sensibilidade primitiva **de** leitor, porque não somos todos, antes **de** tudo, leitores? O mais acertado a se fazer, na minha opinião, é se

perguntar "se eu não estivesse na faculdade, não tivesse acesso a nada disso, o que eu pensaria dessa obra, o que eu pensaria desse autor? que valor eu atribuiria a ele?"; e aí, temos o ponto **de** partida para qualquer pesquisa, um ponto **de** partida que pode ser rechaçado, corroborado ou aperfeiçoado pelos teóricos que vc decidir estudar, porque até pra escolher a bibliografia temos **de** ter sensibilidade, não é mesmo? Acho que a discussão sobre valor literário passa muito por aí, até pra se ter uma definição do que seja valor literário, efetivamente...



30/04/06

Luciana

Oi gente, poxa o papo entre vocês estava mesmo pegando fogo. Bem, primeiro quero dizer que cada um tem a sua opinião e o fato **de** poderem falar sem medo é um grande direito, depois acho que todos tem um pouco **de** razão em tudo que disseram, e dando a minha opinião sobre o tópico, acho que a **qualidade de** um texto pode variar **de** um para outro, dependendo do objetivo do texto. Muitos acham Machado **de** Assis um saco, não entendem e desistem **de** ler, mas podem adorar ler um livro sobre política, por exemplo. Mas o importante é sempre ter o hábito **de** ler. Se você está na faculdade é diferente, tem que ler um determinado livro, querendo ou não, mas se você não gostou **de** um determinado autor, pode procurar outro para ajudar o entendimento. Agora determinar se um texto é ruim ou não, é muito complicado, acho que até os grandes mestres encontram dificuldade para isso. Mas se eu fosse destacar um ponto **de** enfoque seria a mensagem do texto, ele tem que transmitir algo, tem que ter sentimento, tem que acrescentar algo a quem lê-lo. Um texto vazio é perda **de** tempo pois logo é esquecido.

Ufa, concluindo, somos diferentes, **de** repente o que é bom para mim, **de** repente não é tão bom para vc, e quanto a opinião dos críticos, devemos respeitá-las mas nunca levá-las como uma verdade única.

E como confissão devo dizer que já li Paulo Coelho, Cacaú, não se zangue, mas às vezes a gente ler só para passar o tempo. Bjs a todos.



30/04/06

Claudio

Os animos esquentaram por aqui!

Uma discussão pode conduzir a isso com toda certeza, agora pessoas como nós precisamos ter cuidado com as palavras para não levarmos uma discussão para as cucuias.

Eu tinha escrito um texto enorme e mais pesado que este aqui, mais o orkut não deixou eu postá-lo Bad, bad orkut hehe.

Rodrigo a sua maneira **de** defender os críticos na minha opinião está muito forte, claro que devemos ler e respeitar a opinião dos críticos, mas elas não são as verdades absolutas, nem tudo que aprendemos nas Universidades devemos levar a ferro e fogo, aliás nada devemos levar a ferro e fogo.

Eu li as suas desculpas sinceras e quero muito acreditar nelas, aliás já acreditei.

Outra coisinha, na minha opinião isso não te ajudará muito na sua busca em ser um crítico ou pesquisador, pelo contrário pode te atrapalhar bastante, existem pessoas por aí, neste meio como em qualquer outro só esperando a gente falar qualquer coisinha atravessada para puxar o nosso tapete, é a minha opinião espero que você entenda.

A frase dita, pessoas como "nós" não foi muito legal, só existe um tipo **de** pessoa. Todos nós leitores.

Um exemplo, a arte se completa quando a arte chega no público, ela é assim na **Literatura** quando chega ao leitor, ou no caso do teatro quando chega no público.

E quem a recebe não precisa ter lido a "Poética do Aristóteles", que diga se só **de** passagem eu não li inteira pra saber que o que estão recebendo é arte, certo?

Tudo vai da técnica aplicada naquela obra, seja ela um bom livro ou uma boa peça **de** teatro.

O artista se propõe a fazer sua obra com **qualidade** usando uma técnica específica. Se a técnica for bem empregada terá resultado com certeza. Nem que seja para uma pessoa. Mudar uma sociedade aí já é outra questão.

Espero ter ajudado, principalmente o Paulo, que abriu o tópico, gostaria **de** saber a opinião dele sobre tudo isso.

Abraço



30/04/06

Rodrigo Leão

### **beleza Cláudio...**

só que parece que vocês me entenderam mal... Quando eu saliento a importância dos teóricos e justamente pela provocação da nossa amiga Cláudia que disse: "Em um fórum onde somos todos adultos e sem nenhuma pretensão **de** que isto vire uma tese, acredito que vale mais a tua própria opinião."

Sei que os teóricos não são a verdade absoluta. Aliás, se assim eu pensasse não estaria defendendo uma opinião tão diversa das deles: que a crítica não possui critérios científicos para canonizar um autor.

Abraços!



30/04/06

Luciana

Bem, acho que agora somos todos amiguinhos não.....paz no coração.....bjs, lu  
mostrando **31-40** de **43**



30/04/06

Claudinha

**amicíssimos**

acho que nunca deixamos **de** ser, não pelo menos da minha parte...



30/04/06

Claudinha

**Paulo**

que confusão vc arrumou hein, hahahaha.

mostrando **41-43** de **43**



21/05/06

Lohanna

Glória

Acrescentando e simplificando o que você escreveu em uma **de** suas últimas mensagens, sempre que discuto sobre a situação atual da **literatura**, aqui, ou em qualquer lugar, ou do rock'n'roll, ou **de** qualquer outra expressão artística, gosto **de** ressaltar que a **literatura**, o rock, as artes plásticas, são um espelho da sociedade que temos. Essa é uma ferramenta ideal, em minha opinião, para entendermos o que está se passando. Por que o rock era maravilhoso nos anos '70/'60 e agora é representado por Charlie Brown Jr. e etc.? A resposta está na sociedade. Nos jovens daquela época e nos nossos **de** hoje especificamente, e o mundo que os influenciava naquele momento. Acredito que seja o mesmo com a **literatura**.

Paulo

Adorei as informações que você nos deu sobre o Machado **de** Assis, apenas. =)



26/05/06

Benjamim

### **Discutindo extremos...**

É um hábito discutirmos através **de** extremos, talvez querendo parodiar a dialética, para tomarmos o sentido das coisas, **de** qualquer forma acho a discussão interessante. O autor cria para si um mundo e o reproduz enquanto escreve, por vezes **de** forma mais criativa, por vezes **de** forma lógica, por vezes há quem acredite que tem que escrever "o que vier na telha", etc. O leitor, por sua vez, se apropria recriando aquilo em sua própria mente e o mais interessante desse movimento é que há uma dificuldade em convergir a história com a impressão.

Algo bem escrito, para mim, é aquilo o qual pode cativar com uma linguagem acessível, mas que leve a uma reflexão. E não acredito em clássicos e acho que a Arte veio para romper com os "conceitos" (não contra a estrutura). Dá para entender?

### **ANEXO C - AMOSTRA 3 - Polêmica, Literatura "Boa" x "Ruim"**

Data em que foi coletada a amostra: 15/07/2009

Número de palavras: 1754

numero de internautas envolvidos na discussão: 12

nomes dos internautas e do mediador da discussão: Violeta, José Geraldo, ' LOH, Lucas D.Assis, Flor, Nicole, Jaque, S.O.S, Jade, Leo Maiden..., Antonio, Rândal Logan

(Discussão não mediada)

Início > Comunidades > Artes e Entretenimento > Literatura > Fórum: > Mensagens

primeira | < anterior | próxima > | última mostrando **1-10** de **25**



19/12/09

Violeta

### Polêmica, Literatura "Boa" x "Ruim"

Pessoal, o que acreditam quanto a importância da **qualidade** literária?

Porfiando o tópico, pois bem, colocarei um pouquinho do que acredito, em seguida podemos acrescer a discussão.

A prioristicamente, tenho um certo juízo **de** valor sobre as obras: Gosto dos clássicos, dos grandes novos e daqueles que machucam as cãs, penalizando a **literatura** dita **de** massa (não confundir com popular, como cordel), tendo lido algumas para poder criticá-las devidamente. Entretanto, acredito que o juízo **de** "massa", seja também funcional, uma vez que atende a demanda do público, **de** qualquer maneira são livros-oras...

O que vocês acham ?

Discorram sobre.



19/12/09

José Geraldo

Eu acho que a **literatura** ruim é tão importante quanto a boa, no fim das contas. Não são os críticos que definem o que fica para a posteridade -- e muito menos o público. Portanto o autor não tem que se preocupar se seu livro é "bom" ou "ruim", cada um tem o direito **de** ter seu sonho e **de** correr atrás dele.

Eu só acho que o autor deve ter consigo mesmo o compromisso **de** oferecer o seu melhor. Ou seja, ele deve procurar colocar tudo **de** sua capacidade na realização **de** seu livro, e não tentar adivinhar **de** antemão o que "querem" que ele faça.



19/12/09

' LOH

*Descordoo*

**Literatura** e otimoo muita gente nao gosta pq nao entende mais **literatura** se vc souber decifrala se torna apaixonante e tudoO' na gramatica'



19/12/09

Lucas D.Assis

Boa é a que eu gosto; ruim a que eu não gosto.



19/12/09

José Geraldo

Nossa teve gente que conseguiu não entender a proposta do tópico... kkkkkkkkkk



19/12/09

Lucas D.Assis

**husaush**

Realmente, só agora que li o post incial.





19/12/09

José Geraldo

**Lucas,**

eu não estava falando **de** você, você entendeu.... rrsrs



19/12/09

Lucas D. Assis

**Pois bem**

A **literatura** "ruim" tem sua importância sobre vários aspectos. Ela pode ser, à primeira vista, mais atraente aos iniciantes em **literatura** e, portanto, abrir portas para que a pessoa possa chegar à boa **literatura** algum dia. Entretanto, quando isso não ocorre, e o ser continua refém **de** uma leitura mais pobre e não consegue passar a níveis mais altos, é que a **literatura** ruim pode se tornar um problema.

Outro fator que justifica a **literatura** ruim é que, por ser mais acessível, consegue um maior número **de** vendas, possibilitando a manutenção do mercado e o barateio dos livros... Uma pena, pois, mesmo com essas funções descritas, a **literatura** ruim poderia ser dispensada (ou seja, chutada do sucesso). Isso porque eu defendo que todos podem gostar da **literatura** com boa **qualidade**. Quantas pessoas não se apaixonam ao ler Júlio Verne, Allan Poe, Tolkien, Monteiro Lobato? Tornam-se leitores muito mais aficcionados do que aqueles que se encantam a ler Dan Brown (falo isso por conhecer alguns casos pessoalmente heheh). O problema é que nem sempre há um direcionamento para essas obras. Nas escolas, sempre temos que ler Machado **de** Assis (convenhamos, o que um adolescente gostaria mais **de** ler: aventuras com ficção científica ou um caso psicótico **de** traição?), que pode ser um início traumático para o mundo da leitura (para aqueles sem nenhuma experiência).

Agora, o juízo **de** massa não pode ser levado tão a sério. Quantas obras, hoje consideradas intocáveis, foram, algum dia, grandes sucessos? O que garantiria a eternidade **de** um livro? José Geraldo fala sobre o comprometimento que o autor tem **de** ter com sua própria pessoa. Então, ao escrever um livro "ruim", o autor utiliza **de qualidade** literária baixa propositalmente? Será que ele teria capacidade **de** fazer uma obra boa? Falando do Dan Brown (único destes autores ruins que li), já li que Sidney Sheldon era sua grande referência literária.



19/12/09

Lucas D. Assis

### **Ainda acho que não.**

A proposta do tópico não era o que eu havia pensado.



20/12/09

Flor

### **Bons leitores são construídos pela Lit. "ruim"**

Eu tenho algumas posições sobre **literatura** "ruim".

Estudei pra caramba, fiz pós graduação em crítica literária e não me sinto à vontade, mesmo sendo uma especialista, em concordar ou analisar algo em "bom" ou "ruim". Por quê:

1) Meu hábito **de** leitura quando adolescente era **de** José **de** Alencar (que hoje acho ruim hoje em dia - pessoalmente) à Sidney Sheldon (que acho péssimo hoje). Agatha Christie que povoou minha adolescência, é considerada uma **literatura** "ruim" mas foi ela que fez eu ser uma devoradora **de** livros.

2) Sem a visão que tive na graduação **de** Letras, jamais teria conseguido ler Rosa, o que me fascina literalmente e dentro da alma. Já li o Grande Sertões 3 vezes desde que entrei na graduação.

3) Eu só me posiciono da seguinte maneira: A **literatura** "ruim" é capaz **de** formar o hábito **de** leitura em muitas adolescentes e jovens. O que a **Literatura** "boa" não é capaz **de** fazer no início do trajeto **de** leitura **de** um ser humano. Ninguém que não tenha o hábito **de** ler, lerá **de** cara um Dosto, ou um Drummond.

O que penso é: o livro mudou sua vida? Transformou algo? Houve o prazer da leitura?

Se sim, ótimo, a função da **Literatura** foi posta em prática, o leitor perceberá isso por si só e continuará buscando outras leituras.

Não gosto **de** ficar classificando em Lit. "boa" ou Lit. "ruim", mesmo porque eu ODEIO cânones....

mostrando 11-20 de 25



20/12/09

José Geraldo

**Flor,**

poderíamos, então, dizer que você acha bons os livros que abrem portas para outros livros e ruins os que se fecham em si mesmos?



20/12/09

Flor

**José Geraldo**

Os bons livros são os que abrem as portas para outros universos **de** leituras, na minha opinião. O próprio leitor, depois **de** se habituar a ler acaba por si só buscando algo mais interessante.

Um livro que se fecha em si mesmo, pode ser ruim em determinada faixa etária ou expectativa **de** leitura. Mas nem por isso é uma Lit. ruim.

Veja bem: se eu fosse ler Rosa aos 15 anos, época em que devorava Conan Doyle e Agatha eu iria acha-lo ruim. Não iria entender bulufas e acabaria criando a crença que Rosa não é pra mim.

Na mesma faixa **de** idade li Paulo Coelho, e não gostei... Reli aos 20, não gostei **de** novo. Eu jurava que eu era doida, todo mundo lia e achava o má xi mo.

Acabei vendo que minha visão era um pouco diferente da maioria.

E como essa visão, até **de** mundo continua diferente, eu prefiro não classificar em "bom" e em "ruim".

Mesmo porque, como professora, é difícil ter alunos que gostam **de** ler.

Os que leem, vão para o lado do Harry Potter e Crepúsculo. Então, o que vou fazer?

Sair falando pra sala **de** aula que esses livros não prestam? Que o bom mesmo é Vidas Secas? Sim, é verdade. Mas se falo isso... os poucos que leem não iriam ler nunca mais!!!

Minha visão, hoje em dia, é **de** professora educadora. E tendo para esse lado quando falo **de** livros (que sempre foram minha paixão).

Se fossemos ir pela Academia, Sarney é imortal, minha gente!!

Vocês já tiveram o desprazer **de** ler o livro dessa pessoa? Peloamordedeusssssss



20/12/09

José Geraldo

Já li "Brejal dos Guajas e Outras Histórias".

Experiência traumática.



20/12/09

Nicole

boa mesmo é **literatura** trovadoresca...\*-\*



20/12/09

Nicole

o bom e ruim é muito relativo...

tem pessoas que acham bom algum tipo **de** livro (ou escrito)

tem outros que não,



20/12/09

Nicole

escritor\*



20/12/09

Jaque

Cite uma boa **literatura**, provavelmente vai aparecer muitas pessoas que discordam disso, por exemplo: muitos admiram o 'Paulo Coelho' e consideram como **literatura**, outros discordam totalmente e ainda acha um desrespeito dizer que Paulo Coelho é **literatura**, ou seja, nunca chegaremos a um consenso, pois não existe bom e ruim, mas sim, ponto **de vista!**



20/12/09

Nicole

concordo com a /\



20/12/09

S.O.S

Paulo Coelho: Mito!

mostrando **21-25** de **25**



20/12/09

Jade

"Boa é a que eu gosto; ruim a que eu não gosto."

No fundo , no fundo (e no raso também) essa afirmação tão simples é a mais objetiva que eu li.



21/12/09

Violeta

Divertido, uma variedade **de** opiniões aqui.

Vou pela linha do Lucas, da Flor e do José Geraldo. É notável que exista uma diversidade literária, que se encaixa em determinado público. Temos que há a **literatura de** repertório, clássica, considerada por quem "comprou ingresso", como diz a Lajolo, a boa. E pois bem, não concordo com a dicotomia boa x ruim, uma vez que dessa maneira há a disconsideração do leitor e seu repertório, imprescindível a interpretação do caráter poético da arte da palavra. Enfim, como dizia a minha avó, na sua simplicidade "Tudo veve". Assim é o universo do povo.



21/12/09

Leo Maiden...

**Relativo**

Vai naquela, o que é ruim para mim é bom para outro e vice e versa! Tem livros que não me interessam, porém eles atraem muitos leitores, o caso do Harry Potter. Mas eu penso da seguinte forma, antes ler esse determinado livro, do que não ler nenhum, um dia isso muda, vai conforme a idade! Mas entre bom e ruim, eu seleciono os que são bons e ruins para mim, e não para um todo!



21/12/09

Antonio

"Boa é a que eu gosto; ruim a que eu não gosto."

Faz lembrar o Millor: "Democracia é quando em mando em você; ditadura é quando você manda em mim"!



24/12/09

Rândal Logan

Sobre **literatura** "ruim", não sei se seja tão importante quanto afirmam. É Claro que muitos começam a ler por ela, mas tal não comprova o valor que lhe dão, pois muitos desses leitores não passam dela, e sentirão aversão aos clássicos para sempre, visto estes e a outra serem tão diferentes. O difícil é definir o que é bom e o que é ruim.

Quanto à alta vendagem da **literatura** considerada pelo clube dos escóis como sendo ruim, é correto afirmar que isso a transforma em um mal necessário, pelo menos enquanto a população mundial não conseguir alçar vôos mais altos, já que são os Bestsellers quem sustenta e estabiliza as livrarias e editoras do mundo, qual a péssima música escora o mercado musical aqui no Brasil, a exemplo do pseudo-funk carioca? Em outras palavras, a **literatura** "boa" depende da "ruim" para sobreviver? Se sim, é uma grande ironia. E, como sempre, o que nos puxa para trás é a ganância **de** alguns, doença responsável por colocar o dinheiro na frente da arte.

### ANEXO D - Amostra 1 – Leitura difícil é sinal de qualidade?

AMOSTRA	FRAGMENTOS	DIMENSÃO DA AVALIAÇÃO	Pos (+) / Neg (-)	O QUE É AVALIADO	RECURSO LEXICO-GRAMATICAL	Quem avalia
1	Tem autor difícil que é <b>mera armação, intelectualóide...</b>	Julgamento → sanção social → veracidade	-	Autores em Geral	<b>mera armação, intelectualóide</b>	Mestre Maurício
2	<b>Tentei ler três vezes e ã consegui.</b>	Afeto como processo → insatisfação	-	Ulysses, de Joyce	Tentei e consegui	Reynaldo
3	Êta livro <b>difícil</b> .	Apreciação → Composição → complexidade	-	Ulysses, de Joyce	Difícil	Reynaldo
4	leitura <b>difícil</b> ,	Apreciação → Composição → complexidade	-	Grande Sertão Veredas	Difícil	Dani
5	mas <b>valeu a pena</b>	Apreciação → Valoração → relevância	+	Grande Sertão Veredas	<b>valeu a pena</b>	Dani
6	Ulysses do Joyce ainda <b>não criei coragem</b> ,	Afeto como processo → Insegurança	-	Ulysses, de Joyce	<b>não criei coragem</b>	Dani
7	mas já ouvi falar <b>muito bem</b>	Apreciação → Valoração → outro	+	Ulysses, de Joyce	<b>muito bem</b>	Dani
6	ã achei tão <b>difícil</b>	Apreciação → Reação → impacto	+	Grande Sertão Veredas	difícil	Reynaldo
9	os neologismos o tornam <b>um pouco complicado</b>	Apreciação → Composição → complexidade	-	Grande Sertão Veredas	<b>um pouco complicado</b>	Reynaldo
10	a história é <b>tão boa</b> q	Apreciação → Composição → complexidade	+	Grande Sertão Veredas	<b>tão boa</b>	Reynaldo
11	a leitura flui <b>fácil</b> .	Apreciação → Reação → Impacto	+	Grande Sertão Veredas	<b>fácil</b> .	Reynaldo
12	<b>dificuldade</b> de ler as 100 primeiras paginas	Afeto como qualidade → insatisfação	-	Grande Sertão Veredas	<b>dificuldade</b>	Dani



13	achei <b>um saco</b>	Apreciação → Reação → impacto	-	Grande Sertão Veredas	<b>um saco</b>	Dani
14	mas passando disso, flui <b>mtto bem</b> sim	Apreciação → Reação → impacto	+	Grande Sertão Veredas	<b>mtto bem</b>	Dani
15	mas quem não está habituado a ler, <b>difícilmente</b> chegará ao final!	Apreciação → Reação → impacto	-	Grande Sertão Veredas	<b>difícilmente</b>	Dani
16	não achei <b>difícil</b>	Apreciação → Reação → impacto	+	Divina Comédia	<b>difícil</b>	Rogério
17	<b>tive mais dificuldade</b>	Afeto como processo → insatisfação	-	Macunaíma	<b>tive mais dificuldade</b>	Rogério
18	<b>tão simples</b> que chega a ser <b>complexo demais</b>	Apreciação → Composição → complexidade	+	Ítalo Calvino	<b>tão simples / complexo demais</b>	Reinaldo
19	<b>super simples</b> , e é <b>incrível</b>	Apreciação → Composição → complexidade	+	Jorge Amado	<b>super simples/ incrível</b>	Calinka
20	<b>muito bom</b>	Apreciação → Valoração → outras	+	Grande Sertão Veredas	<b>muito bom</b>	Calinka
21	<b>eu viajo</b> na história	Afeto como processo → Satisfação	+	Grande Sertão Veredas	<b>Viajo</b>	Calinka
22	<b>um tantão cansativo</b>	Apreciação → Reação → impacto	-	Grande Sertão Veredas	<b>um tantão cansativo</b>	Calinka
23	não é daqueles que você <b>fica com dó de terminar logo</b>	Apreciação → Reação → impacto	-	Grande Sertão Veredas	<b>implícita</b>	Calinka
24	Parece que <b>eu leio</b> , leio, e quando eu vi, <b>não li dez paginas</b> .	Afeto implícito → insatisfação	-	Grande Sertão Veredas	<b>implícito</b>	Calinka
25	Mas que tem <b>muito falastrão</b> , isso tem.	Julgamento → sanção social → veracidade	-	Autores em Geral	<b>muito falastrão</b>	Henrique
26	<b>gosto</b> da simplicidade	Afeto como processo → felicidade	+	Italo Calvino, Tchekov, Oscar Wilde	<b>Gosto</b>	<b>Mestre Maurício</b>

27	<b>me esforço</b> para ler um Guimaraes Rosa ou uma Virgínia Woolf	Afeto como processo → Insatisfação	-	Guimarães Rosa e Virgínia Woolf	<b>esforço</b>	Mestre Maurício
28	E vejo que <b>valem a pena</b>	Apreciação → Valoração → relevância	+	Guimarães Rosa e Virgínia Woolf	<b>valem a pena</b>	Mestre Maurício
29	há autores novos e desconhecidos que <b>forçam a barra</b> , tentam escrever a pura técnica e deixam o contar histórias de lado	Julgamento → estima social → capacidade	-	Escritores	<b>forçam a barra</b> ,	Mestre Maurício
30	<b>me cansam profundamente...</b>	Afeto como processo → insatisfação	-	Escritores	<b>me cansam profundamente...</b>	Mestre Maurício
31	As 50 primeiras eu tive <b>vontade de tacar fogo</b> no livro	Afeto como processo → Insatisfação	-	Grande Sertão Veredas	<b>vontade de tacar fogo</b>	Mestre Maurício
32	<b>fluiu que é uma beleza</b>	Apreciação → Reação → impacto	+	Grande Sertão Veredas	<b>fluiu que é uma beleza</b>	Mestre Maurício
33	é uma <b>grande história de aventuras</b>	Apreciação → Composição → proporção	+	Grande Sertão Veredas	<b>grande história de aventuras</b>	Mestre Maurício
34	e <b>das melhores</b> , do tipo <b>inesquecível</b>	Apreciação → Valoração → relevância	+	Grande Sertão Veredas	<b>Melhores, esquecível</b>	Mestre Maurício
35	É lugar comum as pessoas <b>se incomodarem</b> com a linguagem do Rosa. Eu <b>me incomodei</b> bastante.	Afeto como processo → Insatisfação	-	Guimarães Rosa	<b>se incomodarem (não-autoral)</b> <b>me incomodei (autoral)</b>	Mestre Maurício
36	a leitura <b>difícil</b> (...)exige que tu pense, interprete, entre na história.	Apreciação → Composição → complexidade	+	Literatura	<b>difícil</b>	João Otávio
37	metade do livro é escrito por Kafka, a outra metade é a tua interpretação, exige que tu faça a história	Apreciação → Composição → proporção	+	A metamorfose	Implícita	João Otávio
38	a fala de Watson e Sherlock vão ser as mesmas, não exige que tu faça alguma interpretação, irá	Apreciação → Composição → proporção	-	Sherlock Holmes	implícita	João Otávio

	sempre ser a mesma história.						
39	existem <b>ruins</b> que são <b>complicadíssimos</b> , justamente <b>por falta de habilidade do autor</b> .	Apreciação → Valoração → outro	-	Autores em Geral	<b>ruins complicadíssimos</b> ,	Shalders,	
40	justamente <b>por falta de habilidade do autor</b> .	Julgamento → estima social → capacidade	-	Autores em geral	<b>falta de habilidade</b>	Shalders,	
41	<b>difícil</b> não é sinônimo de qualidade, embora muitos livros de qualidade sejam <b>complicados</b> .	Apreciação → Composição → complexidade	-	Geral	<b>Difícil, complicados.</b>	Emiliano	
42	Tem muito escritor <b>que joga areia nos olhos do leitor</b> como uma forma de ocultar sua mensagem ou a ausência da mesma.	Julgamento → sanção social → veracidade	-	Escritores em Geral	<b>joga areia nos olhos (metáfora)</b>	Emiliano	
43	cada espécie de texto é um padrão diferenciado o que remete a um nível de "qualidade" diferente.	Apreciação → Valoração → outros	+	Obras em Geral	implícito	letras - Ufba	
44	a <b>simplicidade</b> do texto infantil é o melhor acusador de sua complexidade e/ou qualidade.	Apreciação → Valoração → outros	+	Literatura infantil	<b>simplicidade</b>	letras - Ufba	
45	todos os escritores <b>complicados</b> q eu conheço são <b>bons</b>	Apreciação → Valoração → outros	+	Escritores	<b>Complicados, bons</b>	Reynaldo	
46	Difícil não rima necessariamente com qualidade, mas <b>há autores que exigem esforço de leitura</b> , mas acabam sendo <b>experiências incríveis</b> .	Apreciação → reação → impacto	+	Geral	<b>incríveis</b>	Ivana	
47	Obras que nunca saem da lista das "melhores" passam longe de ser <b>esclarecedoras, pacificadoras, fáceis demais</b> . Elas são <b>complexas</b> e têm a capacidade de se revitalizar com os anos, sendo sempre referência atual.	Apreciação → Valoração → relevância	+	Os clássicos	<b>esclarecedoras, pacificadoras, fáceis, complexas</b>	Ivana	

48	Dom Casmurro é <b>difícil?</b>	Apreciação → Composição → complexidade /	+	Dom Casmurro	<b>difícil</b>	Ivana
49	Mas é <b>densa, polêmica, rica, bem construída.</b>	Apreciação → Valoração → outros	+	Dom Casmurro	<b>densa, polêmica, rica, bem construída</b>	Ivana
50	<b>difícil</b> de começar, parece <b>cansativo,</b>	Apreciação → Reação → impacto /	-	Grande Sertão Veredas	<b>Difícil, cansativo</b>	Ivana
51	a linguagem <b>nos assusta</b>	Afeto como processo → Insegurança	-	Grande Sertão Veredas	<b>nos assusta</b>	Ivana
52	uma obra prima <b>esplendorosa</b>	Apreciação → Reação → impacto	+	Grande Sertão Veredas	<b>esplendorosa</b>	Ivana
53	<b>e desafiante se põe á nossa frente.</b>	<b>Apreciação → Reação → impacto</b>	+	<b>Grande Sertão Veredas</b>	<b>desafiante</b>	Ivana

## ANEXO E - Amostra 2 - Qualidade do texto literário

AMOSTRA	FRAGMENTOS	DIMENSÃO DA AVALIAÇÃO	Pos (+) / Neg (-)	O QUE É AVALIADO	RECURSO LEXICO-GRAMATICAL	Quem avalia
1	Não há como negar que obras como as de Paulo Coelho são dotadas de uma certa <b>repetição</b> , de uma recorrência de um mesmo tema e do uso de um <b>enredo comum</b> às literaturas populares.	Apreciação → Composição → complexidade	-	Paulo Coelho	<b>Repetição, enredo comum</b>	Rodrigo Leão
2	É <b>consagrado</b> e escrevia no mesmo estilo	Apreciação → Valoração implícita → relevância	-	José de Alencar	<b>Consagrado, mesmo estilo</b>	Rodrigo Leão
3	Ou <b>até pior</b> , já que publicava suas obras em folhetins que alteravam o curso de acordo com o agrado ou desagrado dos leitores.	Apreciação → Valoração comparativa → originalidade	-	José de Alencar	pior	Rodrigo Leão

4	É inegável o nosso <b>agrado</b> como estudiosos de literatura com obras como "Grande Sertão", de Guimarães Rosa.	Afeto como qualidade → satisfação	+	Grande sertão: Veredas	agrado	Rodrigo Leão
5	Obras que <b>nos instigam</b> a estudá-las a desfrutá-las.	Apreciação → Reação → impacto	+	Geral	instigam	Rodrigo Leão
6	me <b>delicie</b> com Jorge Amado, Paulo Coelho e até mesmo Dan Brown	Afeto como processo → satisfação	+	Vários	delicie	Rodrigo Leão
7	<b>Dominando muito bem</b> a arte do romance policial	Apreciação → composição → proporção	+	Dan Brown	Dominando muito bem	Rodrigo Leão
8	"Literatura <b>de massa</b> " aos leitores	Apreciação → Valoração → outros	-	Vários	De massa	Rodrigo Leão
9	e "literatura <b>literária</b> " aos estudiosos.	Apreciação → Valoração → outros	+	Vários	literária	Rodrigo Leão
10	Não são todos os textos que podem <b>revolucionar a cultura</b> de um povo, <b>lhe dar uma cara, um sentido</b> ; não são todos os textos que <b>nos fazem refletir</b> ; não são todos os textos que nos fazem <b>olhar pra dentro</b> de nós mesmos e quem sabe, <b>mudar</b> alguma coisa.	Apreciação → Valoração → relevância	-	A literatura	Revolucionar, dar uma cara, um sentido, nos fazem refletir, olhar pra dentro, mudar	Claudinha
11	Machado de Assis há quem não <b>goste</b> ,	Afeto em 3ª pessoa → processo → felicidade	-	Machado de Assis	goste	Claudinha
12	Jorge Amado é <b>do mesmo patamar</b> de Paulo Coelho sim	Apreciação → Valoração comparativa	-	Jorge amado e Paulo Coelho	Do mesmo patamar	Rodrigo Leão
13	Ambos produziram a chamada " <b>literatura de massa</b> ".	Apreciação → Valoração → outro	-	Jorge amado e Paulo Coelho	De massa	Rodrigo Leão
14	Até então ela estava <b>no patamar mais rasteiro</b> : era considerada puro lixo.	Apreciação → Valoração → relevância	-	Literatura de Cordel	No patamar mais rasteiro	Rodrigo Leão
15	a literatura de cordel continua com <b>sua característica popular</b>	Apreciação → Valoração → originalidade	+	Literatura de Cordel	popular	Rodrigo Leão

16	Porque Machado não é um consenso elitista, é uma <b>referencia nacional</b> , e todos sabemos disso.	Apreciação → Valoração → relevância	+	Machado de assis	Referência nacional	Claudia
17	Muitos <b>acham</b> Machado de Assis um <b>saco</b> , não <b>entendem</b> e <b>desistem</b> de ler	Afeto em 3ª pessoa → insatisfação	-	Machado de assis	Acham, saco, entendem, desistem	Luciana
18	mas podem <b>adorar</b> ler um livro sobre política, por exemplo.	Afeto como processo/ qualidade → insatisfação	+	Política	adorar	Luciana
19	ele tem que <b>transmitir algo</b> , tem que ter <b>sentimento</b> , tem que <b>acrescentar algo</b> a quem lê-lo. Um texto vazio é perda de tempo pois logo é esquecido.	Apreciação → Valoração → implícita	+	Literatura	implícito	Luciana
20	Tudo vai da técnica aplicada naquela obra, seja ela um <b>bom</b> livro ou uma <b>boa</b> peça de teatro.	Apreciação → Composição → proporção	+	Literatura	Bom, boa	Claudio
21	Se a <b>técnica</b> for bem empregada terá <b>resultado</b>	Apreciação → Composição → proporção	+	Literatura	Técnica é sinal de qualidade da obra	Claudio
22	Algo <b>bem escrito</b> , para mim,	Apreciação → Composição → Complexidade	+	Literatura	Bem	Benjamim
23	é aquilo o qual pode cativar com uma linguagem acessível,	Apreciação → Composição → complexidade	+	Literatura	acessível	Benjamim
24	<b>mas que leve a uma reflexão.</b>	Apreciação → Valoração implícita	+	Literatura	implícita	Benjamim

### ANEXO F - Amostra 3 – Polêmica, Literatura "Boa" x "Ruim"

AMOSTRA	FRAGMENTOS	DIMENSÃO DA AVALIAÇÃO	Pos (+) / Neg (-)	O QUE É AVALIADO	RECURSO LEXICO-GRAMATICAL	Quem avalia
1	<b>Gosto</b> dos <u>clássicos</u> , dos <u>grandes novos</u> e daqueles que <u>machucam as cãs</u>	Afeto como processo → Felicidade	+	A literatura	Gosto	Violeta

2	Penalizando a <u>literatura dita de massa</u>	Afeto como processo → infelicidade	-	A literatura	Penalizando (não gosto)	Violeta
3	acredito que o juízo de " <b>massa</b> ", seja também funcional, uma vez que <u>atende a demanda do público</u>	Apreciação → Valoração → outro	-	A literatura "de massa"	massa	Violeta
4	Eu acho que a literatura ruim é tão <b>importante</b> quanto a boa	Apreciação Valoração → relevância estrutura comparativa	+	A literatura	Ruim; importante; boa	José Geraldo
5	o autor deve ter consigo mesmo o <b>compromisso de</b> oferecer o seu melhor	Julgamento → estima social → tenacidade	+	O autor	compromisso	José Geraldo
6	Ele deve procurar colocar tudo de sua capacidade na realização de seu livro, não tentar adivinhar <b>de</b> antemão o que "querem" que ele faça	Julgamento → estima social → capacidade	-	O autor	capacidade	José Geraldo
7	<b>Literatura</b> e ótimo	Apreciação → valoração → relevância	+	Literatura	ótimo	' LOH
8	<i>muita gente nao gosta pq nao entende</i>	Afeto em 3ª pessoa → processo → infelicidade	-	Literatura	Não gosta	' LOH
9	<i>se vc souber decifrá-la se torna apaixonante</i>	Apreciação → reação → impacto	+	Literatura	apaixonante	' LOH
10	Boa é a que eu gosto;	Afeto em 1ª pessoa → processo → felicidade	+	Literatura	Boa; gosto	Lucas D.Assis
11	ruim a que eu não gosto	Afeto em 1ª pessoa → processo → infelicidade	-	Literatura	Ruim; não gosto	Lucas D.Assis
12	A literatura " <b>ruim</b> " tem sua <b>importância</b> sobre vários aspectos.	Apreciação → Valoração → relevância	+	A literatura	importância	Lucas D.Assis
13	Ela pode ser, à primeira vista, <b>mais atraente</b> aos inciantes em literatura	Apreciação → Reação → impacto	+	A literatura	Mais atraente	Lucas D.Assis

14	e, portanto, <b>abrir portas</b> para que a pessoa possa chegar à boa literatura algum dia.	Apreciação → valoração implícita da função da literatura	+	A literatura	Abrir portas (metáfora)	<b>Lucas D.Assis</b>
15	o ser continua refém de uma leitura mais pobre e não consegue passar a níveis mais altos, é que a literatura ruim pode se tornar um problema.	Apreciação → Valoração → relevância	-	A literatura	Mais pobre; mais altos	<b>Lucas D.Assis</b>
16	Outro fator que justifica a literatura ruim é que, por ser mais acessível, consegue um maior número de vendas, possibilitando a manutenção do mercado e o barateio dos livros...	Apreciação → Valoração → relevância	+	A literatura	Mais acessível	<b>Lucas D.Assis</b>
17	Quantas pessoas não se <b>apaixonam</b> ao ler Júlio Verne, Allan Poe, Tolkien, Monteiro Lobato?	Afeto em 3ª pessoa → processo → felicidade	+	Paixão por Júlio Verne, Allan Poe, Tolkien, Monteiro Lobato	Apaixonam	<b>Lucas D.Assis</b>
18	Tornam-se leitores muito mais aficcionados do que aqueles que se <b>encantam</b> a ler Dan Brown	Afeto como qualidade em 3ª pessoa → felicidade	-	Dan Brown	Encantam	<b>Lucas D.Assis</b>
19	Nas escolas, sempre <u>temos</u> <u>que ler</u> Machado de Assis (...), que pode ser <b>um início traumático</b>	Apreciação → valoração → implícita	-	Machado de Assis	Implícito	<b>Lucas D.Assis</b>
20	Meu hábito de leitura quando adolescente era de José de Alencar (que hoje acho <b>ruim</b> hoje em dia - pessoalmente) à Sidney Sheldon (que acho <b>péssimo</b> hoje).	Apreciação valoração genérica	-	José de Alencar e Sidney Sheldon	Ruim; péssimo	<b>Flor</b>
21	Agatha Christie que povoou minha adolescência, é considerada uma <b>literatura "ruim"</b>	Apreciação → Valoração da função literária	-	Agatha Christie	Ruim	<b>Flor</b>
22	mas foi ela que fez eu ser uma <b>devoradora</b> de livros	Apreciação implícita → Valoração → relevância	+	Agatha Christie	implícita	<b>Flor</b>
23	Rosa, o que <b>me fascina</b> literalmente e <b>dentro da alma</b> . Já li o Grande Sertões 3 vezes desde que entrei na graduação.	Afeto como processo → felicidade	+	Guimarães Rosa	Me fascina	<b>Flor</b>
24	<u>literatura "ruim"</u> é <b>capaz</b> de formar o hábito de leitura	Apreciação → Valoração →	+	A literatura	capaz	<b>Flor</b>



	em muitos adolescentes e jovens.	relevância				
25	O que a literatura "boa" não é capaz de fazer no início do trajeto de leitura de um ser humano.	Apreciação → Valoração → relevância	-	A literatura	capaz	Flor
26	Ninguém que não tenha o hábito de ler, lerá de cara um <b>Dosto</b> , ou um <b>Drummond</b> .	Apreciação → Avaliação negativa implícita valorativa	-	Dostoievski e Drummond	implícita	Flor
27	o livro <u>mudou sua vida?</u> <u>Transformou</u> algo?	Apreciação → Valoração → relevância função da literatura	+	A literatura	Mudou; transformou	Flor
28	<b>Odeio</b> cânones	Afeto como processo → infelicidade	-	Cânone	Odeio	Flor
29	Os bons livros são os que abrem as portas para outros universos de leituras, na minha opinião.	Apreciação → Valoração → relevância	+	A literatura	Abrir portas (metáfora)	Flor
30	para o lado do <b>Harry Potter e Crepúsculo</b>	Apreciação → Valoração implícita → outro	-	Harry Potter e Crepúsculo	implícita	Flor
31	Que o <b>bom mesmo</b> é <b>Vidas Secas</b>	Apreciação → Valoração → outro	+	Vidas Secas	Bom mesmo	Flor
32	Se fossemos ir pela Academia, <b>Sarney</b> é <b>imortal</b> , minha gente	Apreciação → Valoração → outro	-	Sarney	imortal	Flor
33	Vocês já tiveram o <b>desprazer</b> de ler o livro dessa pessoa? Pelo amordedeusssssss	Afeto como processo → insatisfação	-	Sarney	desprazer	Flor
34	Já li "Brejal dos Guajas e Outras Histórias". <b>Experiência traumática.</b>	Afeto como qualidade → infelicidade	-	Sarney	<b>Experiência traumática</b>	<b>José Geraldo</b>
35	<b>boa</b> mesmo é <b>literatura trovadoresca</b>	Apreciação → Valoração → outro	+	Trovadorismo	<b>boa</b>	<b>Nicole</b>
36	muitos admiram o ' <i>Paulo Coelho</i> ' e consideram como literatura, outros discordam totalmente e ainda acha um desrespeito dizer que Paulo Coelho é literatura	Afeto em 3ª pessoa → processo → satisfação	-	Paulo Coelho	Admiram; consideram	<b>Jaque</b>

37	<b>Paulo Coelho: Mito!</b>	Apreciação → Valoração → outro	-	Paulo Coelho	mito	<b>S.O.S</b>
38	Temos que há a <b>literatura de repertório, clássica</b> , considerada por quem "comprou ingresso" , como diz a Lajolo, a <b>boa</b> .	Apreciação → Valoração → relevância	+	A literatura	De repertório, clássica, boa	<b>Violeta</b>
<u>39</u>	antes ler esse determinado livro, do que não ler nenhum	Apreciação → Valoração implícita → relevância	+	A literatura	implícita	<b>Violeta</b>
40	<b>Sobre literatura "ruim", não sei se seja tão importante quanto afirmam. É Claro que muitos começam a ler por ela, mas tal não comprova o valor que lhe dão, pois muitos desses leitores não passam dela, e sentirão <u>aversão aos clássicos</u> para sempre, visto estes e a outra serem tão diferentes.</b>	<b>Afeto em 3ª pessoa de grau elevado infelicidade</b>	-	A literatura	<b>Tão importante; aversão</b>	<b>Rândal Logan</b>